

Reuniões de desobsessão

(Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)



Paulo Neto

Reuniões de desobsessão

(Momento de acolher Espíritos em desarmonia)

(Versão 30)

*“E alguns judeus, exorcistas ambulantes,
tentavam invocar o nome do Senhor
Jesus sobre os possessos de espíritos
malignos, [...]” (Atos 19,13)*

Paulo Neto

(mos)

Copyright 2021 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://images.wsj.net/im-654774/?
width=700&size=1.5&pixel_ratio=1.5](https://images.wsj.net/im-654774/?width=700&size=1.5&pixel_ratio=1.5)

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
Júlio César Moreira da Silva
Kátia Vilela

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, maio/2021.

Agradecimentos

Não podemos deixar de registrar a nossa
eterna gratidão aos amigos

Artur Felipe Ferreira
Astolfo Olegário de Oliveira Filho
Hugo Alvarenga Novaes
Júlio César Moreira da Silva
Kátia Vilela
Thiago Toscano Ferrari

pelo incentivo e sugestões ao presente ebook.

Sumário

Prefácio.....	5
1. Introdução.....	10
2. As reuniões na época da Codificação.....	15
3. Nas obras da Codificação Espírita.....	18
4. Além do diálogo com os Espíritos obsessores, teria algo mais a se fazer a favor do paciente?.....	48
5. Alcoolismo como efeito de obsessão.....	64
6. Condições ideais de uma reunião mediúnica.....	69
7. Afinal, pode-se ou não evocar os mortos?.....	175
8. E quanto aos guias poder-se-ia evocá-los para os consultar?.....	200
9. Alguns Espíritos seriam constrangidos a comparecer em uma reunião?.....	212
10. Como se deve tratar os Espíritos manifestantes?..	229
11. A função da música.....	246
12. Poder-se-ia, pois, considerar a pessoa obsidiada um médium?.....	257
13. Conclusão.....	265
Referências bibliográficas.....	268
Dados biográficos do autor.....	275

Prefácio

É de conhecimento entre nós, espíritas, o incessante intercâmbio entre encarnados e desencarnados.

Embora habitem dimensões diferentes, “vivos” e “mortos” continuam ligados por laços invisíveis, mas não menos poderosos, por meio dos quais se põem em comunicação. Tal comunicação, não obstante na maioria das vezes imperceptível aos sentidos mais grosseiros, sempre se deu, desde o surgimento da raça humana no planeta.

Através da mediunidade, faculdade inerente ao homem, os habitantes desses dois mundos se puseram em contato de maneira mais direta, podendo revelar, mesmo que timidamente, as realidades do além-túmulo.

Durante milênios, contudo, a fenomenologia mediúnica padeceu com a ideia do maravilhoso e do sobrenatural, eivada de misticismos e superstições,

oriundos do profundo atraso intelecto-moral da humanidade. Os abusos cometidos fizeram com que legisladores locais optassem, inclusive, por proibir o intercâmbio, embora reconhecessem a veracidade do fenômeno.

Homens e mulheres, ao tempo de Moisés, por exemplo, costumavam recorrer aos Espíritos por meio das chamadas pitonisas, buscando conselhos sobre os mais ínfimos problemas cotidianos. Desse modo, o austero líder é forçado a proibir a comunicação com os Espíritos em sua época. Do mesmo modo, os gregos, assim como os romanos, egípcios, hindus, caldeus, chineses e persas, reconheciam a possibilidade de contato com os desencarnados.

Mais tarde, ainda devido à ignorância e ao apego a poderes temporais, as religiões dogmáticas cristãs lançaram seus anátemas à comunicação com os Espíritos, agora vistos como seres demoníacos e voltados unicamente ao mal. Segundo eles, os ditos “mortos” não teriam condições de se porem em contato conosco por já habitarem o céu ou o inferno, suas derradeiras e definitivas moradas.

A espiritualidade superior, contudo, aguardou o momento propício, de maior amadurecimento espiritual, para trazer ao mundo as luzes da Doutrina Espírita. Através do emérito professor Rivail - Denisard Hippolyte Léon Rivail (1804-1869) - pesquisador arguto com uma longa romagem de aprendizados em existências pregressas (o mundo espiritual, assim como os Espíritos), passou a ser melhor compreendido, afastando definitivamente de cena as concepções errôneas e/ou extremadas.

Os desencarnados passaram a não mais serem vistos como anjos celestiais ou seres pérfidos eternamente devotados ao mal, mas apenas como indivíduos que não mais trajavam a roupagem física e que exibiam virtudes e fraquezas, geralmente as mesmas que possuíam enquanto na esfera terrena.

Sob o lema *“Fora da caridade não há salvação”*, a Doutrina Espírita nos convoca não só ao diálogo com os nossos irmãos desencarnados, mas também à oportunidade que temos de aprender com os que se encontram mais adiantados. Aliás, vai além: não excomunga nem repele os que se encontram ainda atrasados na senda do progresso -

abraça-os e acolhe-os, como irmãos nossos, de modo a oferecer-lhes o esclarecimento e o apoio de que tanto necessitam para se desembaraçarem das paixões que os sufocam e os fazem sofrer.

Apontando a obsessão como uma chaga que aflige boa parte da população encarnada, tal qual uma epidemia, como afirmou Léon Denis, o Espiritismo vem trazer ao mundo a sua contribuição de luz, em que o amor transpassa a barreira entre dois mundos.

Nesse contexto, mais uma vez, o confrade Paulo Neto nos traz sua preciosa contribuição enquanto escritor e pesquisador espiritista, na medida em que analisa e ressalta a importância das reuniões mediúnicas de desobsessão, poderosas ferramentas de acolhimento e enxugamento de lágrimas. Por meio de um convite ao perdão e à tolerância fraterna entre todos os envolvidos, antigos algozes podem, nesses encontros benditos, ser esclarecidos pelas luzes do Evangelho e da magna Doutrina, num aceno à paz, ao entendimento e ao amor, únicos capazes de romper as barreiras do ódio e da vingança.

Finalmente, convém lembrar que a obsessão se dá pela afinidade entre os envolvidos, em que o elemento encarnado deva fazer, da mesma forma, todo o esforço de aperfeiçoamento íntimo necessário, sem o qual qualquer iniciativa, por melhor que se apresente, não passará de mera perda de tempo, tal qual advertiu Jesus: *“Vá e não peques mais”*. (João 8:11)

A presente obra de Paulo Neto, portanto, merece de nós toda a consideração e estudo, consubstanciada que está nas preciosas lições do Espiritismo, conforme nos foi legado por Allan Kardec e a augusta plêiade de Espíritos dirigida pelo Espírito da Verdade.

Artur Felipe Ferreira
Professor, tradutor, revisor e escritor

1. Introdução

Será que as atuais reuniões designadas de desobsessão (orientação ou esclarecimento de Espíritos) estariam recomendadas na Codificação? É exatamente esse ponto que propomos pesquisar ⁽¹⁾ em todas as obras publicadas por Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo.



No Grupo Espírita Meimei de Pedro Leopoldo, MG (fundado por Chico Xavier), nos anos 50

Na atualidade, ou seja, no início do segundo semestre de 2023, perto de se completar os 167 anos do surgimento da Doutrina dos Espíritos, naturalmente poderá surgir o questionamento sobre a real utilidade das evocações de desencarnados em reuniões mediúnicas, nas quais se estabelecem diálogos com eles visando, de alguma forma, auxiliá-los.

Faz um bom tempo que percebemos que alguns companheiros são de opinião que a tarefa de esclarecimento e/ou de moralização dos Espíritos inferiores seria uma ação específica a ser realizada com eficácia somente no mundo espiritual pelos Espíritos superiores e não por nós, aqui do mundo material.

Em **Obsessão, o Passe, a Doutrinação**, o saudoso jornalista José Herculano Pires (1914-1979), refutou essa ideia:

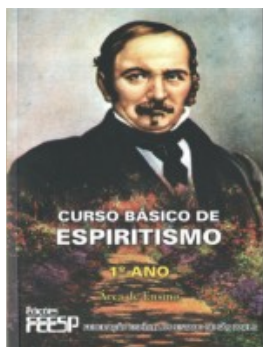
[...] Alguns espíritas atuais pretendem suprimir a doutrinação, alegando que esta é realizada com mais eficiência pelos Espíritos bons no plano espiritual. Essa é uma prova de

ignorância generalizada da Doutrina no próprio meio espírita, pois nela tudo se define em termos de relação e evolução. Os Espíritos sofredores, que são os obsessores, permanecem mais ligados à Terra e portanto à matéria. Dessa maneira, **os Espíritos benevolentes muitas vezes se manifestam nas sessões de desobsessão e servem-se dos médiuns para poderem comunicar-se com os obsessores**. Apegados à matéria e à vida terrena, os obsessores necessitam de sentir-se seguros no meio mediúnico, envolvidos nos fluidos e emanações ectoplásmicas da sessão, para poderem conversar de maneira proveitosa com os Espíritos esclarecedores. Basta esse fato, comum nas sessões bem orientadas, para mostrar que a doutrinação humana dos Espíritos desencarnados é uma necessidade. ⁽²⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Na condição de, segundo Emmanuel, “*O metro que melhor mediu Kardec*” ⁽³⁾, Herculano Pires foi cirúrgico, tocou bem na raiz do problema.

Outros confrades são contrários às reuniões de desobsessão unicamente pelo fato delas serem mencionadas em obras ditadas pelo Espírito André

Luiz, através da psicografia do médium Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais popularmente designado por Chico Xavier. Pede-se apenas bom senso, pois o excesso, para qualquer um dos lados, não é uma atitude nada conveniente.



Ao desenvolver uma pesquisa no livro **Curso Básico de Espiritismo, 1º ano**, publicado pela FEESP (Federação Espírita do Estado de São Paulo), visando encontrar informações que pudessem retratar a vida no mundo espiritual, acabamos deparando com este parágrafo, cujo conteúdo nos pareceu bem interessante:

Em erraticidade, os Espíritos analisam e refletem sobre o seu passado, sempre objetivando o aperfeiçoamento e, ao percorrerem os lugares, observam e **escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos**, e dessa forma, as ideias novas surgem em seu íntimo, predispondo-os a aceitação dos desígnios divinos. ⁽⁴⁾

O teor dessa explicação, segundo pudemos posteriormente apurar, vem de *O Livro dos Espíritos*, como se verá no início do próximo capítulo.

Despertou a nossa atenção o trecho em que se lê “*escutam com interesse os conselhos dos encarnados mais esclarecidos*”, razão pela qual resolvemos pesquisar nas obras da Codificação para ver se nelas haveria mais alguma coisa a respeito disso.

Nossa esperança é que o resultado dessa pesquisa possa ajudar a todos que nos derem a honra de lê-la uma compreensão mais profunda desse instigante tema. E, sinceramente, esperamos que produza efeitos imediatos naqueles que perceberem a pertinência de nossas considerações.

2. As reuniões na época da Codificação

Em 1º de abril de 1858, Allan Kardec fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, muitas vezes designada apenas de Sociedade Espírita de Paris, que teve o privilégio de ser o primeiro centro espírita deste mundo que habitamos. O Espírito São Luís era o seu protetor espiritual.

Nela se faziam reuniões diversas, como, por exemplo, de estudo doutrinário, administrativas, etc. Entre elas, haviam as reuniões espíritas, em que ocorriam manifestações de Espíritos, seja espontaneamente ou evocados, sobre as quais o Codificador esclareceu que *“apresentam características muito diferentes, conforme o fim com que se realizam; por isso mesmo, suas condições intrínsecas devem diferir”* (5).

As que nos interessam, são aquelas destinadas especificamente ao “tratamento da obsessão”, onde os Espíritos são evocados e esclarecidos, de forma que possam retomar o seu caminho evolutivo e

assim deixar em paz o encarnado sobre o qual exercem sua ação perniciosa, via de regra, por motivo de vingança.

Geralmente são designadas de reuniões de desobsessão, mas, algumas casas espíritas as intitulam de reuniões mediúnicas, expressão genérica. Claro que essa não deixa de ser uma reunião mediúnica, mas como também existem as destinadas à educação mediúnica, onde se admitem adeptos que se candidatam ao “desenvolvimento” da mediunidade, é melhor que tenham nomes diferenciados, conforme os seus objetivos.

Assim como acontece com as Instituições Espíritas, as reuniões de desobsessão também possuem um Espírito que a dirige e coordena os trabalhos a serem desenvolvidos.

Na **Revista Espírita 1860**, mês de agosto, foi publicado o artigo “O trapaceiro da rua dos Noyers”, que narra sua evocação na Sociedade de Paris, em 29 de junho de 1860; do diálogo destacamos:

1. Evocação do Espírito perturbador da rua dos Noyers. – R. Que tendes para me

chamar? **Quereis pedradas?** Será então que se verá um salve-se quem puder, apesar de vosso ar de bravura.

2. Quando nos arremessares pedras aqui, isso não nos amedrontará; pergunto mesmo positivamente se tu as podes arremessar? – R. **Aqui, talvez eu não pudesse; tendes um guardião que vela bem sobre vós.** ⁽⁶⁾

Nossa intenção, com essa transcrição, é chamar a atenção para o fato de que devemos confiar nos Espíritos protetores que não permitirão que, nesse trabalho, nada de ruim, que queira nos fazer algum Espírito manifestante, nos aconteça.

3. Nas obras da Codificação Espírita

Nossa principal fonte será as obras da Codificação Espírita, pois é nelas que encontraremos tanto as revelações dos Espíritos superiores, como as experiências e o pensamento de Allan Kardec.

De **O Livro dos Espíritos**, Livro Segundo, capítulo “VI – Vida espiritual”, tópico “Espíritos errantes”, transcrevemos a seguinte questão:

227. De que modo se instruem os Espíritos errantes, já que certamente não o fazem da mesma maneira que nós?

“Estudam o seu passado e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que se passa nos lugares que percorrem; **ouvem os discursos dos homens esclarecidos e os conselhos dos Espíritos mais elevados que eles**, e tudo isso lhes inspira ideias que não tinham antes.” (7) (itálico do original)

Muito interessante a informação de que alguns Espíritos “ouvem os discursos de homens

esclarecidos”, pois significa que eles, ainda que anonimamente, frequentam as reuniões mediúnicas sérias e de elevado teor moral visando aprender.

No diálogo com o Espírito Sr. Philibert Viennois, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, a certa altura, o vemos dizer:

Obrigado pela vossa benevolência, senhor Kadec; não podíeis fazer melhor. Aqueles que choram os ausentes têm necessidade do Espírito de Deus, mas também do apoio de outros Espíritos benevolentes, e os Espíritos devem sê-lo. **Vossa prece emocionou muitos Espíritos levianos e incrédulos que são as testemunhas invisíveis de vossas sessões** (esta prece havia sido lida na Sociedade depois da evocação); vossas boas palavras servirão para o seu adiantamento. Restituís, frequentemente, ao nosso mundo o bem que dele recebeis. Não desdenhar o conselho de um menor que seja, é reconhecer esse laço íntimo criado por Deus entre todas as criaturas. ⁽⁸⁾ (itálico do original)

O Espírito Anne Belleville também comprova isso, conforme se pode ver neste parágrafo de seu

relato constante de ***O Céu e o Inferno***, Segunda Parte, capítulo “III – Espíritos em condições medianas”:

Quando voltar à Terra, garanto que serei espírita. Que ciência sublime! **Assisto constantemente às vossas reuniões e aos conselhos que vos são transmitidos.** Se os tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido atenuados. Mas a ocasião não havia chegado. Hoje compreendo a bondade de Deus e sua justiça, [...]. ⁽⁹⁾

Julgamos que a responsabilidade que cada um dos participantes deve assumir ao frequentar as reuniões mediúnicas seja enorme. É necessário que todos considerem a sua participação nelas como sendo nobre tarefa de caridade.

Do capítulo XXV – “Evocações”, item 281 do tópico “Utilidade das evocações particulares”, da obra ***O Livro dos Médiuns*** (1861), considerada por Allan Kardec como “*Guia dos médiuns e dos evocadores*”, transcrevemos o último parágrafo:

A evocação dos Espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos pôr em contato com Espíritos sofrendores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, podemos nos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. **Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro dos desgraçados.** De que lhe serve obter belas comunicações de Espíritos de escol, se isso não o faz melhor para consigo mesmo, **nem mais caridoso e benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro?** Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas? ⁽¹⁰⁾

O adjetivo “vulgares” sempre foi utilizado pelo Codificador apenas para designar os Espíritos inferiores comuns, conforme podemos ver em suas explicações constantes de *O Livro dos Médiuns*, no item 267, no inciso 4 ⁽¹¹⁾, portanto, não deve ser entendido no sentido pejorativo.

Assim, caso os espíritas não abraçarem a nobre tarefa de aliviar o sofrimento e contribuir para

o adiantamento moral dos Espíritos inferiores, estarão agindo como egoístas, segundo os preceitos do Cristo, e orgulhosos, segundo Allan Kardec, por não colocarem em prática a caridade e a benevolência para com eles.

Obviamente que isso não significa que todos os espíritas devam fazer esse trabalho específico, uma vez que a caridade pode ser exercida de inúmeras outras maneiras. O que ele quer dizer, realmente, é que as instituições espíritas não deveriam descuidar desse tipo de atividade.

Ao se utilizar de outras palavras o Codificador está, na verdade, está recomendando mesmo a evocação desses Espíritos para que, por meio de bons conselhos, possamos contribuir para aliviar o sofrimento deles e também despertá-los para o avanço moral, ou seja, para que tomem a decisão de retomar o caminho da sua evolução espiritual. Essa tarefa tem muito mais probabilidade de ocorrer em reuniões mediúnicas criadas precipuamente para esse objetivo.

Quanto à evocação, há situações em que, de

acordo com Allan Kardec, é efetivamente necessário fazê-la, como nos casos das obsessões graves. Mas deixaremos para tratar desse assunto mais à frente.

Voltando à obra ***O Livro dos Médiuns***. Agora no capítulo “XXIII – Obsessão”, no item 254, em que lemos esclarecimentos importantes:

5. *Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?*

“Sim, mas é o que não se faz, e **é o que não se deve deixar de fazer, porque, muitas vezes, isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosamente, religiosamente.** Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressar o progresso deles.” ⁽¹²⁾ (itálico do original)

Uma das nossas missões, enquanto espíritas que somos, é “combater” a influência dos Espíritos maus, moralizando-os, obviamente que em reuniões específicas para dialogar com eles, uma vez que, de forma bem direta, nos foi informado que *“isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis*

desempenhar caridosamente, religiosamente". É claro, portanto, que isso nos é possível.

Allan Kardec insistiu na questão, querendo saber como nós, os encarnados, podemos influenciar de maneira positiva os Espíritos maus se eles, teoricamente, têm os Espíritos superiores ao lado.

5-a. ***Como pode um homem ter, a esse respeito, mais influência do que a têm os próprios Espíritos?***

"Os Espíritos perversos se aproximam antes dos homens que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais se afastam o mais possível. Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar. Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. **O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros** e, ao verem o ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos inferiores, melhor compreendem a solidariedade que existe entre o céu e a terra. Demais, **o**

ascendente que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão da sua superioridade moral. Ele não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os que lhe são inferiores em moralidade.” ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Conforme explicado, a razão está no seguinte fato: nós, os encarnados, estamos mais próximos dos Espíritos perversos do que os Espíritos superiores, por isso, é mais fácil para nós alcançá-los do que seria para esses fazê-lo com a mesma facilidade.

Em **Depois da Morte** (1890), no capítulo “XXXVI – Os Espíritos interiores”, da “Quarta Parte – O Além”, lê-se:

Os espíritos maus, sobre os quais caem vigorosamente o peso de suas faltas, estão na impossibilidade de prever o futuro. Nada sabem das leis superiores. **Os fluidos com os quais estão envolvidos impedem qualquer relação com os espíritos elevados**, que gostariam de arrancá-los de seus pendores, mas não o podem, em razão da natureza grosseira, quase material, desses espíritos e do campo restrito de suas

percepções. [...]. (14)

Bem dentro do que Allan Kardec pontuou.

Ainda na mesma parte de **Depois da Morte**, avançando para o capítulo “XXXVIII – Ação do homem sobre os Espíritos infelizes”, lemos:

Nossa indiferença com relação às manifestações espíritas não nos privaria somente do conhecimento do futuro de além-túmulo; ao mesmo tempo **nos tiraria a possibilidade de agir sobre os espíritos infelizes, de aliviar sua sorte**, tornando-lhes mais fácil a reparação das faltas cometidas. **Os espíritos atrasados, tendo mais afinidade com os homens do que com os espíritos puros, em razão da sua constituição fluídica ainda grosseira, são por isso mesmo mais acessíveis à nossa influência.** Entretanto, em comunicação com eles, **podemos cumprir uma generosa missão, instruí-los, moralizá-los** e, ao mesmo tempo, melhorar, sanear o meio fluídico no qual todos vivemos. Os espíritos infelizes ouvem nosso apelo e nossas evocações. Nossos pensamentos simpáticos os envolvem como uma corrente elétrica, os atraem até nós, nos permitem conversar com eles por intermédio dos médiuns. (15)

Interessante é perfeita sintonia entre o discípulo Léon Denis e seu mestre Allan Kardec.

Da obra **A Crise da Morte**, autoria de Ernesto Bozzano (1862-1943), tomaremos um trecho do Caso VIII. A manifestante era uma mulher, cujo nome não foi citado, mas que a médium Mrs. Duffey *“conhecera na intimidade, havia sido uma distinta e cultíssima mulher, livre-pensadora a respeito de religião, mas uma espírita convicta nos últimos anos de sua vida”* ⁽¹⁶⁾:

Com sincera tristeza interrompo a esta altura a narração da entidade comunicante, narração que se torna cada vez mais interessante, quando a ela se manifestam os pais, os parentes e os conhecidos, bem como o próprio espírito-guia. Mas, não sendo possível citar tudo, **limito-me a apresentar mais um trecho de diálogo em que é explicado por que motivo a personalidade da desencarnada comunicante permaneceu durante algum tempo em solidão no mundo espiritual.** Ela pergunta ao espírito-guia:

“– Por que fui condenada a passar de um mundo para o outro completamente só?

“(Espírito-guia) – 'Condenada' não é a

palavra, minha querida. **Você não estava só. Parecia a você que estava, mas na realidade eu, com muitos outros espíritos de conhecidos e amigos, estávamos ansiosamente vigiando-a, à espera do momento em que nos fosse possível manifestar-nos a você.** Para muitas almas de desencarnados, o transpasse do mundo dos mortais para o dos imortais é um período de crise moral bastante penosa, e eles têm necessidade da assistência imediata dos seus entes queridos, para que os confortem e encorajem, até que estejam familiarizados com o novo ambiente; mas você não era uma alma como muitas outras. Nas mais críticas situações da vida você sempre escolheu agir por si só; você encerrou constantemente no fundo da alma os seus pensamentos, as suas reflexões, o fruto da sua experiência e até mesmo as suas emoções. Você soube, com firmeza de heroína, olhar a morte no rosto. **Muito bem, de um temperamento como o seu exigia-se que permanecesse em ambiente espiritual de aparente isolamento, a fim de que você pudesse apreciar melhor o valor da comunicação espiritual.** Mas assim que você sentiu necessidade de companhia, e a desejou com o pensamento, imediatamente ficamos em condições de responder ao seu chamado.”

Essas explicações do espírito-guia são teoricamente interessantes, porque constituem uma variante complementar de outro detalhe discutido anteriormente, segundo a qual **os “espíritos inferiores” não podem perceber os superiores, tendo em vista a diferença existente na classificação das vibrações dos seus respectivos “corpos etéreos”, e, analogamente, das vibrações de seu pensamento.** ⁽¹⁷⁾

Confirma-se que todos os Espíritos, mais cedo ou mais tarde, serão ajudados. Mas o ponto que queremos destacar é quanto ao fato das vibrações do perispírito que por afinidade coloca os Espíritos superiores numa esfera ou faixa vibracional mais elevada, inacessível aos inferiores. Situação essa que dificulta em muito a imediata ajuda que os mais elevados prestam aos retardatários.

Da **Revista Espírita 1865**, mês de julho, artigo “Perguntas e problemas – Cura moral dos encarnados”, tem-se a seguinte pergunta:

Veem-se, frequentemente, Espíritos de má natureza cederem, muito prontamente, sob a influência da moralização e se

melhorarem. Pode-se agir do mesmo modo sobre os encarnados, mas com muito mais dificuldade. De onde vem que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados? ⁽¹⁸⁾ (itálico do original)

Allan Kardec esclarece que seis respostas foram obtidas, mas que citará apenas duas. Por nossa vez, destacaremos apenas a do item II, assinada por Erasto:

Quantos problemas e questões a resolver antes que a transformação humanitária tenha se cumprido segundo as ideias espíritas! a da educação dos Espíritos e dos encarnados, do ponto de vista moral, é desse número.

Os desencarnados estão desembaraçados dos laços da carne e não lhe sofrem mais as condições inferiores, ao passo que os homens, acorrentados a uma matéria imperiosa do ponto de vista pessoal, se deixam arrastar pelo estado de provas no qual são internados. **É à diferença dessas diversas situações que é preciso atribuir as dificuldades que os Espíritos iniciadores e os homens que têm a sua missão, experimentam para melhorarem rapidamente e, por assim**

dizer, em algumas semanas, aqueles homens que lhes são confiados. Os Espíritos, ao contrário, aos quais a matéria não impõe mais suas leis e não fornecem mais os meios de satisfazer seus apetites maus, e que não têm mais, conseqüentemente, senão desejos inatacáveis, **estão mais aptos para receberem os conselhos que lhes são dados**. Responder-se-á, talvez, então, para essa questão, que tem a sua importância: **Por que não escutam os conselhos de seus guias do espaço e esperam os ensinamentos dos homens?** Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reajam um sobre o outro, e que a ação dos humanos seja útil àqueles que viveram, como a ação da maioria destes é benfazeja àqueles que vivem entre vós. É uma dupla corrente, uma dupla ação igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços.

Eis o que creio dever responder à pergunta colocada por vosso presidente.

ERASTO (*méd.*, Sr. D'AMBEL.) (¹⁹)

Observe, caro leitor, que a nossa participação no processo de ajuda aos desencarnados é necessária, assim nos ajudamos mutualmente.

No livro **O Céu e o Inferno**, Segunda Parte, ao final do capítulo “IV – Espíritos sofredores”, encontra-se registrada essa mesma dúvida só que dirigida a São Luís, protetor da Sociedade Espírita de Paris, que entendemos valer a pena a citar:

P. [A São Luís] – **Qual a causa de a educação moral dos Espíritos desencarnados ser mais fácil que a dos encarnados?** *As relações que o Espiritismo estabelece entre homens e Espíritos levam a crer que estes últimos se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutareis do que os encarnados, como se vê na cura das obsessões.*

R. [Sociedade de Paris] – Em virtude de sua própria natureza, o encarnado está numa luta incessante devido aos elementos contrários de que se compõe e que devem conduzi-lo ao seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente o domínio de um fluido exterior; se, com todo o poder moral de que é capaz, a alma não reagir, deixar-se-á dominar por intermédio do seu corpo, seguindo o impulso das influências perversas que a rodeiam, e isso com facilidade tanto maior quanto os invisíveis, que a subjugavam, atacam de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Não ocorre a mesma coisa com o Espírito desencarnado, porquanto, embora sob a influência semimaterial, não se compara por seu estado ao encarnado. **O respeito humano, tão preponderante no homem, não existe para aquele,** e só este pensamento é bastante para compeli-lo a não resistir longamente às razões que o próprio interesse lhe aponta como boas. Ele pode lutar, e o faz geralmente com mais violência do que o encarnado, visto ser mais livre. Nenhuma cogitação de interesse material, nem de posição social, se antepõe ao seu raciocínio. Luta por amor do mal, mas cedo adquire a convicção da sua impotência, em face da superioridade moral que o domina. A perspectiva de um futuro melhor lhe é mais acessível, por se reconhecer na mesma vida em que se deve completar esse futuro; e essa visão não se turva no turbilhão dos prazeres humanos. Em uma palavra, a independência da carne é que facilita a conversão, principalmente quando se tem adquirido certo desenvolvimento pelas provas cumpridas. Um Espírito inteiramente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, o que não se dá com o que já tem experiência da vida. Ademais, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é sobre o sentimento que se deve agir. Qualquer ação material pode sustar momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, mas é incapaz de destruir o princípio mórbido que reside na alma. *Todo e*

qualquer ato que não vise a aperfeiçoar a alma, não poderá desviá-la do mal.

São Luís. ⁽²⁰⁾ (itálico do original)

Acreditamos que esse questionamento também pode ter surgido, em parte significativa dos participantes de reuniões mediúnicas de esclarecimento, razão pela qual o transcrevemos.

Avançando para o capítulo “V – Suicidas” de **O Céu e o Inferno**, destacamos do caso do Espírito Antoine Bell o seguinte trecho:

6. AO GUIA DO MÉDIUM – *Um Espírito obsessor pode, realmente, **levar o obsidiado ao suicídio?*** – R. **Certamente**, pois a obsessão, que por si mesma já é um gênero de provação, pode manifestar-se de todas as formas. Mas isto não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, por conseguinte, é livre para ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. Quando sucumbe, o faz sempre por assentimento da sua vontade. [...]. ⁽²¹⁾ (itálico do original)

Eis uma situação grave que pode surgir da

obsessão, razão pela qual devemos envidar todos os esforços para manter, nas instituições espíritas, reuniões sérias voltadas à desobsessão.

Será interessante mencionar o Dr. Carl August Wickland (1861-1945), insigne psiquiatra e pesquisador dos fenômenos psíquicos. Nascido na cidade de Liden, Suécia, emigrou-se para os Estados Unidos indo morar em Chicago. ⁽²²⁾ De sua obra ***Trinta Anos Entre os Mortos***, transcrevemos:

Perguntarão porque os mesmos espíritos que alcançaram um grau maior de evolução não se encarregam dos espíritos apegados à Terra, ensinando-os sem a necessidade de utilizar do recurso da possessão de um intermediário psíquico. A explicação é que muitos destes espíritos ignorantes não podem ser ajudados pelos espíritos avançados enquanto não entrarem em contato com a realidade física. Então não têm outro remédio que se conscientizar de sua verdadeira situação, e seguem pelo caminho do possível progresso.

Ao mesmo tempo que se consegue, mediante a possessão do intermediário psíquico, que o espírito abra os olhos à realidade, o investigador recebe

proveitosas lições. Não terminam aí os benefícios, pois se consegue que outros grupos de espíritos, que permanecem na ignorância, se beneficiem com a lição que representa a mudança de conduta do espírito com o qual se estabeleceu a comunicação. ⁽²³⁾

Essa percepção do Dr. Carl August Wickland que *“jamais ouviu falar do Espiritismo”* ⁽²⁴⁾, é fantástica, porquanto resulta de sua experiência de trinta anos em contato com os Espíritos, através da mediunidade de sua esposa Anna Wickland (?-1937), esclarecendo-os de sua nova realidade.

No capítulo II – Espíritos felizes, da segunda parte de **O Céu e o Inferno**, lemos a seguinte observação do Codificador:

Pelo que vemos, os Espíritos inferiores são assistidos por Espíritos bons com a missão de os guiar, **tarefa essa que não é exclusivamente delegada aos encarnados**, os quais nem por isso ficam desobrigados de auxiliá-la, visto que também isso constitui para eles meio de progresso. [...]. ⁽²⁵⁾

Evidenciado fica que os Espíritos bons também ajudam os inferiores e os malfazejos, não sendo, portanto, tarefa de exclusiva competência nossa. Entendemos que, especificamente, nas reuniões de desobsessão o que existe é uma efetiva parceria de iniciativa deles para conosco.

Completando essa fala de Allan Kardec, transcrevemos de **No Invisível**, Segunda Parte – O Espiritismo experimental: os fatos, tópico XIX – Transe e incorporações, uma explicação de Léon Denis (1846-1927) relativa ao fenômeno da incorporação mediúnica:

[...] As citações que acabamos de fazer provam que a incorporação pode ser real e completa. É mesmo algumas vezes inconsciente, quando, por exemplo, **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo do médium e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos** sobre sua verdadeira situação. Esses Espíritos, perturbados pela morte, acreditam ainda, muito tempo depois, pertencerem à vida terrestre. **Não lhes permitindo seus fluidos grosseiros o entrarem em relação com os Espíritos**

mais adiantados, são levados aos grupos de estudo, para serem instruídos acerca de sua nova condição.

É difícil às vezes fazer-lhes compreender que abandonaram a vida carnal, e sua estupefação atinge o cômico, quando, convidados a comparar o organismo que momentaneamente animam com o que possuíam na Terra, são obrigados a reconhecer o seu engano. Não se poderia duvidar, em tal caso, na incorporação completa do Espírito. ⁽²⁶⁾

Portanto, confirma-se a necessidade das reuniões para esclarecimento dos Espíritos pouco adiantados. Em muitas instituições espíritas isso ocorre nas reuniões de desobsessão, não havendo reunião específica para cada uma das situações pela qual poderá se encontrar, ou seja, para os obsessores e os que apenas se encontram “perdidos” no mundo espiritual.

O fato que também nos chamou a atenção foi que alguns deles foram conduzidos a essas reuniões contra a sua vontade, demonstrando, que, às vezes, é necessário restringir o livre-arbítrio dos que, num determinado momento, não têm plena condição de

exercê-lo. Mais à frente, em capítulo específico, voltaremos a esse ponto.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de março, no tópico “Conversas de além-túmulo”, é registrado o caso de Clara Rivier. Em seu diálogo, encontramos esta sua interessante observação:

[...] **A obsessão e a subjugação são, é verdade, provas para aqueles que delas são objetos, mas, ao mesmo tempo, são um caminho aberto às convicções novas.** Esses fatos forçam a falar dos Espíritos, dos quais não se pode negar a existência, vendo o que eles fazem. ⁽²⁷⁾

Sim, como a obsessão é fenômeno que ocorre com qualquer pessoa, os que não adeptos do Espiritismo que a sofrem, acabam por procurar as instituições espíritas para auxiliá-los, e aí descobrem uma realidade da qual não faziam a menor ideia.

Do artigo “Novos detalhes sobre os possessos de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1864**, no mês de agosto, transcrevemos os seguintes parágrafos dos argumentos de Allan Kardec:

A Igreja crê nos demônios, quer dizer, em uma categoria de seres de natureza perversa e votados ao mal pela eternidade, consequentemente, imperfectíveis. Com essa ideia ela não procura melhorá-los. **O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto das almas ou Espíritos dos homens que viveram sobre a Terra**, e que, depois de sua morte, povoam o espaço; **entre eles há bons e maus**, como entre os homens; daqueles que fizeram o mal durante sua vida, muitos nisso se comprazem ainda depois de sua morte; mas, por isso mesmo que pertencem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem se melhorar. Não são, pois, demônios no sentido da Igreja, mas Espíritos imperfeitos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e sobre o moral; daí uma multidão de afecções que não têm sua sede no organismo, de loucuras aparentes que são refratárias a toda medicação. É um novo rumo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual*. A experiência ensina distinguir os casos dessa categoria, daqueles que pertencem à patologia orgânica.

Não tentaremos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado em outra parte; **limitar-nos-emos em lembrar que consiste numa tripla**

ação: a ação fluídica que liberta o perispírito do doente do constrangimento daquele do mau Espírito, **o ascendente** exercido sobre este último pela autoridade que dá sobre ele a superioridade moral, e **a influência moralizadora** dos conselhos que se lhe dá. A primeira não é senão o acessório das duas outras; só ela é insuficiente, porque se chega momentaneamente a afastar o Espírito, nada o impede de retornar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente aos seus maus propósitos que é preciso se prender, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer que exige tato, paciência, devotamento, e, acima de tudo, uma fé sincera. A experiência prova, pelos resultados obtidos, a força desse meio; mas ela demonstra também que, **em certos casos, o concurso simultâneo de várias pessoas unidas de intenção, é necessário.** ⁽²⁸⁾ (itálico do original)

A ação fluídica tanto pode ser o passe magnético, com a presença do paciente, quanto à distância pela magnetização mental. O ascendente moral exercido pelo dialogador é ponto importante, pois somente através dele é que se conseguirá ter uma influência moralizadora sobre o obsessor.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, temos estas duas notas de Allan Kardec que merecem destaque:

Nota. – [...] Mas os bons Espíritos não os abandonam; eles se esforçam por lhes inspirar bons pensamentos; espiam os menores sinais de progresso e, desde que vejam despontar neles o germe do arrependimento, provocam as instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. **Essas instruções** lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; **podem também sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível.** No caso de que se trata, era útil à reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte daqueles que tinham a se lamentar dela, e que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. **Tal é a razão pela qual a intervenção dos homens é com frequência requerida para a melhoria e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão.** A dos bons Espíritos, seguramente, basta, mas **a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é, para eles mesmos, um meio de adiantamento** que Deus lhes

reservou. ⁽²⁹⁾

Nota. – Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores, que é preciso conduzir ao bem; mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, deixam-lhes a iniciativa e o mérito, sob a condição de secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos. ⁽³⁰⁾
(itálico do original)

Allan Kardec oferece-nos instruções para o nosso trabalho de ajuda e alívio que, como seguidores do Cristo, devemos fraternalmente prestar aos Espíritos sofredores.

Por diversas vezes, mencionou-se uma reunião específica para o tratamento da obsessão sem, contudo, apresentar algo mais concreto que pudesse servir de base para sua criação. Propositadamente, deixamos para este momento uma consideração que reforça essa ideia.

Da **Revista Espírita 1864**, mês de fevereiro, transcrevemos este trecho da correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, França, a Allan Kardec:

“[...] Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. [...]” ⁽³¹⁾

Portanto, é oportuno destacar que foram os próprios guias espirituais que sugeriram a realização de reuniões para evocar os Espíritos inferiores, visando a moralização deles.

Um detalhe que nos chamou a atenção: no caso específico, se realizava reunião *“todas as noites”* e não só uma vez por semana, como geralmente se faz nos dias atuais na grande maioria das casas espíritas.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de junho, Allan Kardec registra o recebimento de uma carta que lhe foi dirigida por *“um dignitário do Império Russo”*, da qual destacamos o seguinte trecho:

O objetivo principal a que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões têm lugar duas vezes por semana. Tratamos de alcançar a unidade de pensamento, e, para a isto chegar, cada um dos assistentes, durante toda a duração da sessão, guarda o mais recolhido silêncio, e quanto à questão posta aos Espíritos é lida em alta voz, cada um de nós pede mentalmente a ajuda a seu anjo protetor a fim de obter uma resposta verdadeira. **Tendo, o mais frequentemente, nas evocações relações com Espíritos de uma ordem inferior, a dos Espíritos obsessores,** e conhecendo, por experiência, a eficácia da prece em comum, **com isso temos quase sempre recursos para esclarecer e aliviar esses infelizes. [...].** ⁽³²⁾

A especialização da reunião fica algo muito claro. Portanto, diremos sem hesitar: ela é altamente recomendável a todas as instituições espíritas. Quanto à questão das evocações, é um tema que será desenvolvido, com maior profundidade, um pouco mais à frente.

A resposta a uma dúvida que sempre surge entre nós, os espíritas, vamos encontrá-la registrada

na **Revista Espírita 1866**, mês de fevereiro, nos dois últimos parágrafos do artigo “Curas de obsessões”:

Pergunta-se, às vezes, por que Deus permite aos maus Espíritos atormentarem os vivos. Poder-se-ia com tanto de razão perguntar por que permite aos vivos de se atormentarem entre si. Perde-se muito de vista a analogia, as relações e a conexão que existem entre **o mundo corpóreo e o mundo espiritual, que se compõe dos mesmos seres sob dois estados diferentes**; aí está a chave de todos esses fenômenos reputados sobrenaturais.

Não é preciso mais se espantar com as obsessões do que com as doenças e outros males que afligem a Humanidade; elas fazem parte das provas e das misérias que se prendem à inferioridade do meio onde nossas imperfeições nos condenam a viver, até que estejamos suficientemente melhores para merecer dele sair. Os homens sofrem neste mundo as consequências de suas imperfeições, porque se fossem mais perfeitos, aqui não estariam.

(³³)

A causa, de forma bem sintética, poderemos encontrar na frase de Erasto “*os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares*” ⁽³⁴⁾, bem como nesta outra que os Espíritos superiores disseram ao Codificador: “*O semelhante atrai o semelhante.*” ⁽³⁵⁾

4. Além do diálogo com os Espíritos obsessores, teria algo mais a se fazer a favor do paciente?

A nossa experiência em reuniões de desobsessão nos leva a ter uma visão mais ampla desse tipo de atividade, que, se não em todas, pelo que nos foi possível ver, desenvolve-se na esmagadora maioria das Casas Espíritas que visitamos em nossas andanças.

Assim como sugestão viável poderemos apresentar as três seguintes atividades para um bom resultado nas atividades de desobsessão:

1ª) Presença do paciente na instituição

Se for considerado que *“a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral”* ⁽³⁶⁾ e que também as *“imperfeições morais do obsidiado constituem, quase sempre um obstáculo à sua libertação.”* ⁽³⁷⁾, então é possível compreender que *“para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.”* ⁽³⁸⁾



O ilustrador Wilton Pontes estava muito inspirado quando da criação dessa imagem ⁽³⁹⁾, que bem representa o pensamento de muitos pacientes, portanto, devemos instruí-los quanto à necessidade da reforma íntima.

É na **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro, no artigo “Estudo sobre os possesos de Morzine”, teremos um complemento desses pensamentos do Codificador:

Acrescentamos, enfim, que **certas obsessões** tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, **fazem**

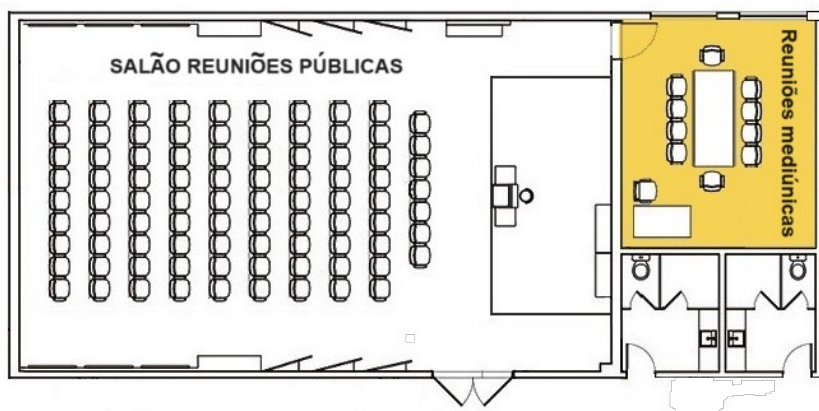
partes das provas às quais estão submetidas. **“Ocorre mesmo algumas vezes que a obsessão**, quando é simples, **é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor**, como um pai à de um filho viciado.” ⁽⁴⁰⁾

Muito interessante essa informação, pois ela nos apresenta algo inusitado em relação ao fenômeno da obsessão: é que fica na responsabilidade do obsidiado o encargo de ajudar a seu obsessor.

Embora o tratamento do doente também tenha relação aos maus fluidos, pode-se, muito bem, aplicar de forma generalizada a todos os obsidiados quanto à necessidade indispensável de sua melhoria moral visando a sua libertação.

O que estamos propondo, sem a mínima intenção de ser dono da verdade, é que os obsidiados sejam instruídos quanto à necessidade de se preocuparem com sua melhoria moral, para, definitivamente, eliminar em si as causas que, por sintonia vibracional, atraem os Espíritos maus.

A nossa experiência nessas reuniões, no entanto, nos convenceu a usar um método diferenciado. Numa das instituições que frequentamos foi criada uma reunião específica para o trato das obsessões, na qual o paciente também deveria comparecer, esse é o diferencial. Usaremos desta imagem para melhor explicar ⁽⁴¹⁾:



Os pacientes, cujo “tratamento” se realizava na reunião, ficavam no auditório assistindo a exposição de um orador, cujos temas tinham como foco principal o aspecto moral dos ensinamentos do Cristo, detalhados por Allan Kardec na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Enquanto isso, na sala de reuniões, a equipe de encarnados, assistidos

pelos Espíritos envolvidos no trabalho, empenhava-se na tarefa de estabelecer um diálogo fraterno com os obsessores.

Somente não se exigia participar da reunião os pacientes que não podiam se locomover, seja por motivo de saúde ou por alguma outra razão que justificasse a sua ausência.

Seria útil trazermos o seguinte trecho das considerações de J. Herculano Pires inseridas na IV - Parte - A prática mediúnica, item 3. Sessões mediúnicas da obra ***O Espírito e o Tempo***:

[...] A cura pode ser obtida em poucos dias ou levar meses e até anos, com fases intermitentes de melhora e recaída. Só a insistência no trabalho desobsessivo e a vontade ativa do paciente no sentido de libertar-se podem apressar os resultados. **A dificuldade maior está sempre na falta de vontade do paciente, acostumado à ligação obsessiva, numa situação ambivalente, em que ao mesmo tempo quer libertar-se mas continua apegado ao obsessor, sentindo sua falta quando ele se afasta e invocando-o inconscientemente.** Há obsessores que se consideram, com razão, obsedados pela sua

vítima. Ideias, hábitos, tendências alimentadas pelo obsedado constituem elementos de atração para o obsessor. Nesses casos, o trabalho maior da desobsessão é com a própria vítima. **Os dirigentes do trabalho precisam estar atentos, vigilantes quanto ao comportamento do obsedado, ajudando-o constantemente a reagir contra as influências do espírito e contra as suas próprias tendências e hábitos mentais.** A mente do obsedado, nesses casos, é o pivô do processo. **Ensinar-lhe a controlar e dominar sua mente pela vontade, com apoio no esclarecimento doutrinário, é o que mais importa.** Do domínio da mente decorre naturalmente o domínio das emoções e dos sentimentos, que são por assim dizer os elementos de atração do espírito obsessor. ⁽⁴²⁾

O grupo mediúnico tem que envidar todos os esforços para auxiliar ao paciente na mudança de comportamento, especialmente quanto aos vícios e atitudes menos dignas alimentadas contra o próximo, tais como: ódio, raiva, desejo vingança, etc.

2ª) Magnetização mental

Entendemos que esse ponto merece ser

destacado, pois, na Codificação, há referência a utilização da magnetização mental.

No artigo “Magnetização mental”, publicado no site da **AME-JF** – Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, o confrade Ricardo Baesso de Oliveira assim a define:

Um dos recursos fluidoterápicos disponível no arsenal terapêutico espírita é **a irradiação a distância. Um grupo de espíritas se reúne e, através da prece e do pensamento direcionado às forças do bem, mentaliza um enfermo, desejando ardentemente sua recuperação.** Resultados favoráveis têm sido observados pelos tarefeiros espíritas. **Kardec denominou tal prática terapêutica de magnetização mental** e referiu-se a ela, possivelmente pela primeira vez, em um texto de janeiro de 1863 da *Revista Espírita*. ⁽⁴³⁾

Vejamos o texto mencionado ao final, que será tomado do artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine” publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro, em que um Espírito superior fez a seguinte recomendação a respeito de um caso de

uma jovem, que atraiu para junto de si vários Espíritos maus:

“[...] podeis curá-la, mas é preciso para isso uma força moral capaz de vencer a resistência, e essa força não é dada a um só. **Que cinco ou seis Espíritos sinceros se reúnam todos os dias, durante alguns instantes, e peçam com fervor a Deus e aos bons Espíritos para assisti-la;** que vossa ardente prece seja, **ao mesmo tempo, uma magnetização mental; não tendes, para isto, necessidade de estar junto dela, ao contrário; pelo pensamento podeis levar sobre ela uma corrente fluídica salutar,** cuja força estará em razão de vossa intenção e aumentada pelo número; por esse meio, podereis neutralizar o mau fluido que a envolve. Fazei isto; tende fé e confiança em Deus, e esperai.” ⁽⁴⁴⁾

Concluindo esse artigo, disse o Codificador:

O modo de ação está aqui claramente indicado, e não saberíamos acrescentar nada de mais preciso à explicação dada pelo Espírito. **A prece** não tem, pois, só o efeito de chamar, sobre o paciente, um socorro estranho, mas **o de exercer uma ação magnética.** O que não se poderia, pois, pelo magnetismo secundado pela prece!

Infelizmente, certos magnetizadores fazem muito, a exemplo de muitos médicos, abstração do elemento espiritual; eles não veem senão a ação mecânica, e se privam assim de um poderoso auxiliar. **Esperamos que os verdadeiros Espíritas verão mais tarde, nesse fato, uma prova a mais do bem que poderão fazer em semelhante circunstância.** ⁽⁴⁵⁾

Não há como negar que, em certos casos, poderá ocorrer a cura da obsessão utilizando-se apenas desse processo de magnetização.

Será oportuno, citar novamente este trecho da **Revista Espírita 1864**, mês de fevereiro, porquanto, algo nele cabe nesse contexto:

“[...] **Seguindo o conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, **começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e a exercer sobre esta uma magnetização mental. As reuniões ocorriam todas as noites** e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. [...]” ⁽⁴⁶⁾

Nas orientações dos guias destacamos a sugestão de se fazer uma magnetização mental a favor da vítima, essa será realizada se fazendo preces a favor do obsediado.

Destacamos do final da orientação de Erasto, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de janeiro, o seguinte trecho:

“[...] Não é preciso **esquecer, no mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande**, quando é feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um desejo ardente de aliviar.”
(⁴⁷)

No capítulo “XXVII – Coletânea de preces espíritas”, tópico “Pelos obsidiados”, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Allan Kardec deixa bem claro que “*Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar que se tem para agir contra o Espírito obsessor*”. (⁴⁸)

3ª) Passes magnéticos

Do artigo “Intervenção dos parentes nas curas”, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de

junho, transcrevemos trecho da carta enviada pelo Dr. Dombre, de Marmande, ao Codificador e seus respectivos comentários:

“já há algum tempo que não conversamos sobre o resultado de nossos trabalhos Espíritas que prosseguimos com perseverança e, estou feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. **Os obsidiados e os doentes são sempre objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.**

“Nossos bons Espíritos, que se devotam à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de doenças, eles pedem o concurso dos parentes: **um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo são requeridos para fazer passes**. Essas bravas criaturas ficam surpresas de deter as crises, de acalmar as dores. Este meio é, isto me parece, engenhoso e seguro para fazer adeptos, também a confiança se estende cada vez mais em nossa região. Os grupos que se ocupam de curas talvez fariam bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de modo evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza

de que **a faculdade de curar ou aliviar seu semelhante não é o privilégio exclusivo de algumas pessoas; que não é preciso, para isto, senão boa vontade e confiança em Deus;** não falo de uma boa saúde que é condição indispensável, se o compreendem. Em reconhecendo que se tem em si mesmo esse poder, adquire-se a certeza de que não há malabarismos, nem sortilégio, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as ideias supersticiosas.

“Eis alguns exemplos de curas obtidas.

“Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, tendo uma dor de cabeça contínua, febre, uma tosse frequente com escarro, uma dor viva do lado esquerdo; dor também nos olhos que se recobriam, de tempo em tempo, de uma substância leitosa, formando uma espécie de fronha. Sob os cabelos, a pele do crânio estava recoberta de películas brancas; a urina espessa e turva. A criança fraca e abatida não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender suas visitas. A mãe, *pobre*, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. **Nossos guias consultados prescreveram, por todo remédio, a imposição das mãos, os passes fluídicos da parte da mãe,** recomendando-me ir, durante alguns dias, fazê-la ver como a isto se prender. Comecei por fazer levantar os vesicatórios e fazê-los secar. **Depois de três dias de passes e**

de imposição de mãos sobre a cabeça, os rins e o peito, efetuados *a título de lições*, mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar; a febre estava detida, e todos os acidentes descritos mais acima desapareceram ao cabo de dez dias.

“Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, me fez chamar, dois dias mais tarde, junto de uma outra menina de 3 ou 4 anos que tinha febre. Depois dos **passes e imposição das mãos**, a febre cessou, desde o primeiro dia.

“As curas de algumas obsessões não nos deram menos satisfação e confiança. Marie B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, se punha nua como um verme, corria pelos campos, e ia se deitar ao lado de um cão num buraco de palha. **A moralização do obsessor de nossa parte, e os passes fluídicos feitos pelo marido, segundo nossas instruções, logo a libertaram.** Toda a comuna de Samazan foi testemunha da impotência da medicina em curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para conduzi-la ao estado normal.

“A senhora D..., com a idade de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, **caía em crises extraordinárias e violentas**; ela rugia, mordida, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desmaiava, e, frequentemente,

ficava quatro ou cinco horas sem conhecimento; uma vez ela ficou oito dias sem recobrar sua lucidez. O Sr. doutor T... tinha-lhe em vão dado seus cuidados. **O marido, ao cabo de cursos junto das pessoas da arte, dos padres de nossa região, reputados curadores exorcistas, adivinhos, porque confessou tê-los consultado, se dirige a nós** com o pedido de consentirmos nos ocupar de sua mulher se, como lhe foi reputado, estava em nosso poder curá-la. Prometemos escrever-lhe para lhe indicar o que deveria fazer.

“Nossos guias nos disseram: Que cesse todo tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido elevasse sua alma a Deus, **que impusesse as mãos sobre a fronte de sua mulher e lhe fizesse passes fluídicos com amor e confiança;** que observasse pontualmente as recomendações que iríamos fazer-lhe, embora qualquer contrariedade que disso possa sentir (seguem essas recomendações que são todas pessoais), e se compenetre bem da ideia de que são necessárias ao proveito de sua pobre aflita, ele terá logo a sua recompensa.

“Disseram-nos também para chamar e moralizar o Espírito obsessivo, sob o nome de *Lucie Cédar*. Este Espírito revela a causa que o levava a atormentar a Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Este

último estando conforme com tudo, teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre, no espaço de dez dias. Ele me disse: Uma vez que os Espíritos se comunicam, não me admiro que tenham vos dito que não era conhecido de mim, mas estou bem mais admirado de que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se estivesse me dirigido a vós desde o início, teria 150 fr. em meu bolso, que ali não estão mais, e que despendi em medicamentos.

"Eu vos aperto muito cordialmente a mão,

"DOMBRE."

Estes fatos de curas nada têm de mais extraordinário do que aqueles que já citamos, provindos do mesmo centro; mas eles provam, pela persistência do sucesso, há vários anos, o que se pode obter com a perseverança e o devotamento, também **a assistência dos bons Espíritos nisso jamais falta. Eles não abandonam senão aqueles que deixam o bom caminho**, o que é fácil de reconhecer pelo declínio dos sucessos, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade são à prova das vicissitudes da vida. Eles elevam aquele que se abaixa, e abaixam aquele que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

[...].

O fato mais característico assinalado nesta carta é o da intervenção dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma ideia nova cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis; é a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. [...].
(⁴⁹) (itálico do original)

Destacam-se estes quatro pontos:

1º) a necessidade de evocar e moralizar o obsessor;

2º) a questão do uso de passes;

3º) o pedido oportuno de orientação aos Espíritos coordenadores da reunião; e

4º) a participação dos parentes no processo de cura dos obsediados.

Que tudo isso sirva de exemplo para todos que aceitarem de bom grado e fraternalmente participar dessas reuniões.

5. Alcoolismo como efeito de obsessão



O alcoolismo ⁽⁵⁰⁾ é uma dolosa situação, que, em alguns casos, pode surgir como origem de uma obsessão, por isso merece, de nossa parte, algumas explicações dado o seu relevante papel entre as suas várias causas.

O capítulo “1 – Álcool e Obsessão”, da obra ***Diálogo dos Vivos***, José Herculano Pires, assinando como Irmão Saulo, esclarece-nos:

Os espíritos vampírescos são viciados que morreram no vício e continuam no mundo espiritual inferior, aqui mesmo na Terra, buscando ansiosamente os seus “tragos”. **Satisfazem-se com as emanções alcoólicas de suas vítimas e continuam a sugá-las como vampiros psíquicos.** ⁽⁵¹⁾

Como a morte não nos transforma em anjos, retornamos ao mundo espiritual tal e qual éramos como encarnados – incluindo, obviamente, todos os vícios que nos proporcionavam prazer.

Mais à frente, no capítulo “31 – Remédio Fácil”, Herculano Pires aponta a causa das obsessões, diz ele que:

A obsessão tem suas raízes nas vidas anteriores. E essas raízes mergulham fundo no chão do sentimento, da afetividade. **Afetos e desafetos de ontem determinam as obsessões de hoje. Criaturas que prejudicamos em vidas passadas vêm agora cobrar o que lhe fizemos.** Se estão doentes até hoje, **aproximam-se de nós e, por meio da indução, nos transmitem os seus males.** Sofremos, então, o que fizemos os outros sofrerem. ⁽⁵²⁾

Seguindo esse pensamento de Herculano Pires, acreditamos que é bem provável que o móvel da esmagadora maioria dos casos de obsessão seja por motivo de vingança que o desencarnado exerce sobre o encarnado.

Entendemos que isso é algo que se pode confirmar nas seguintes obras da Codificação Espírita:

1º) **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, no item 245:

As causas da obsessão variam de acordo com o caráter do Espírito. **Às vezes é uma vingança que ele exerce sobre a pessoa que o magoou nesta vida ou em existências anteriores.** [...]. ⁽⁵³⁾

2º) **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo “XXVIII – Coletânea de preces espíritas”, item 81:

A obsessão exprime quase sempre a vingança exercida por um Espírito e que com frequência tem sua origem nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência. [...]. ⁽⁵⁴⁾

3º) **A Gênese**, capítulo “XIV – Os fluidos”, item 46:

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e sua origem frequentemente se encontra nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência. ⁽⁵⁵⁾

Boa parte das causas tem relação direta com a *“fraqueza moral de certos indivíduos”* ⁽⁵⁶⁾ que os Espíritos inferiores, deliberadamente, podem se aproveitar, de tal sorte que, conforme nos esclarece o Codificador, *“a pessoa sobre quem ele atua não consegue se desembaraçar.”* ⁽⁵⁷⁾

Por outro lado, é de conhecimento geral que os vícios das mais variadas natureza também são outras tantas “portas abertas” à obsessão.

Um exemplo clássico que podemos citar é justamente o alcoolismo, muito bem exemplificado nesta imagem ⁽⁵⁸⁾:



A situação inusitada que, algumas vezes, encontramos na prática diária, que é preciso mencionar, é que, em determinadas situações obsessivas, o Espírito, que em vida foi um alcoólatra, pode induzir sua vítima ao alcoolismo, ainda que ela não tenha o hábito de ingerir bebidas alcoólicas.

A ação tenaz e persistente do habitante do além-túmulo, ao final de um certo tempo, acaba por vencer toda e qualquer resistência do encarnado, fazendo-o cair “nas águas profundas” desse vício.

6. Condições ideais de uma reunião mediúnica

Dentro da nossa visão, que pode estar equivocada, pois jamais nos colocamos como sendo “o dono da verdade”, apresentaremos vários itens para desenvolver sobre esse tema. Tudo terá como base a nossa experiência adquirida tanto em reunião de educação mediúnica quanto nas que tinham por objetivo o esclarecimento de Espíritos, popularmente designada de “reunião de desobsessão”.

Preferimos trabalhar dessa forma pois os seus detalhes nos permitirão compreender melhor as características desse tipo de reunião mediúnica bem como a responsabilidade de cada um dos seus participantes.

A seguir faremos considerações sobre variados tópicos relacionados às reuniões mediúnicas, trazendo-as para o contexto das que têm objetivo o esclarecimento dos Espíritos.

6.1. A escolha do dirigente ou coordenador e considerações a respeito dos médiuns

Recorremos ao capítulo “IV – Entrevistas: Questões de natureza doutrinária e o movimento espírita no Brasil e no exterior” de *Quando a Vida Responde* (2010), no qual o médium José Raul Teixeira, nos alerta:

No campo dos centros espíritas, muitos **não têm critérios doutrinários para a escolha dos seus dirigentes das sessões** e optam, quase sempre, por companheiros que, mesmo quando têm boa vontade, desconhecem a profundidade e a dinâmica daquilo que foram chamados a fazer; **não têm voz ativa, conquistada pela autoridade moral e pela convivência semanal com os médiuns** que, então, fazem o que querem na sessão; **não exigem dos membros das sessões mediúnicas a participação nas reuniões de estudos do centro**, o que permite que muitos médiuns só compareçam à instituição nos dias e horários dessas sessões, não conseguindo higienizar as mentes por meio dos estudos, das análises, das discussões felizes, das **trocas afetivas**, mas mantendo cacoetes dispensáveis que afivelam à mediunidade propriamente dita, predispondo-se muitas vezes ao surto

anímico ou às investidas mistificadoras, que proliferam nos terrenos onde vigora a invigilância.

Poucos dirigentes espíritas sabem que não deve ser qualquer médium convidado para atender aos trabalhos desobsessivos. Não é por ser psicofônico, vidente ou psicógrafo que um médium terá condições gerais para participar de trabalhos tão graves, tão sérios. **Pessoas que mantêm o tabagismo, o alcoolismo ou o uso de quaisquer outras drogas de tropismo neurológico; indivíduos que se mantêm nas faixas da prostituição sexual,** por mais modernas que estejam tais práticas nas metrópoles, e quejandos, **certamente não serão os mais recomendados para atender nessas sessões. Pessoas de língua grande,** que não sabem guardar a discrição exigida por esses labores, bem como as que portam desarranjos emocionais, que gritam, que se acabam de chorar se chove ou se faz sol, **não devem ser chamadas para tão sérios compromissos.** ⁽⁵⁹⁾

Em nossa percepção essas colocações de Raul Teixeira fazem sentido, foi por essa razão que a transcrevemos. Via de regra, não há muito critério na escolha do dirigente e também em relação aos

médiuns, que somente por serem medianeiros devem ser chamados, existem os pontos relacionados que devem ser levados em conta.

6.2. O estudo doutrinário é a primeira e a mais importante tarefa a ser feita

É importante que esta frase do Espírito de Verdade seja lembrada: “*Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; **instruí-vos, este o segundo.***” (60) É uma recomendação geral, mas acreditamos que ela deve ser observada à risca por todos aqueles que venham a se dedicar às reuniões de desobsessão.

Embora em **O Que é o Espiritismo** (1865 – 6ª edição), Allan Kardec tenha se referido aos que se interessassem em conhecer o Espiritismo, acreditamos que a sua orientação poderá valer para todos os membros de uma reunião mediúnica.

[...] o melhor meio de se esclarecerem sobre o Espiritismo é **estudarem previamente a teoria**; os fatos virão depois, naturalmente, e serão compreendidos facilmente, qualquer que

seja a ordem em que as circunstâncias os façam vir. [...].

[...].

[...] **deve-se ler** *O Livro dos Espíritos*, no qual os princípios da Doutrina estão completamente desenvolvidos; **depois**, *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental, destinado a servir de guia para os que desejarem operar por si mesmos, bem como aos que quiserem compreender melhor os fenômenos. **Vêm depois as diversas obras em que são desenvolvidas as aplicações e as consequências da Doutrina**, tais como: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* etc. ⁽⁶¹⁾

Acreditamos que o Codificador está coberto de razão quando nos faz entender que primeiro é preciso conhecer para depois praticar.

Em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “XXXI – Dissertações espíritas”, no tópico “Comunicações apócrifas”, Allan Kardec analisa uma mensagem assinada com o nome “Bossuet, Alfred de Marignac”, que concluiu não ser dele. Aí comenta:

Realmente, **a facilidade com que**

algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o prestígio de um grande nome, é que anima os Espíritos embusteiros. Todos, pois, devem consagrar a máxima atenção em lhes frustrar os embustes; porém, ninguém pode chegar a isso senão com o auxílio da experiência adquirida por meio de um estudo sério. É por isso que **repetimos incessantemente: estudai, antes de praticardes, pois esse é o único meio de não adquirirdes a experiência à vossa própria custa.** ⁽⁶²⁾

A lição que jamais devemos nos esquecer é que há no mundo espiritual Espíritos embusteiros que não têm o menor constrangimento em utilizar-se do nome de algum personagem renomado.

Em nossa maneira de ver, o estudo prévio até imprescindível, considerado-se o teor deste trecho do artigo “Estudo sobre os possesores de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de janeiro:

[...] O exercício da mediunidade pode provocar no indivíduo a invasão de maus Espíritos e suas consequências?

Jamais dissimulamos os escolhos que se encontram na mediunidade, razão por que multiplicamos as instruções, a esse respeito, em **O Livro dos Médiuns**, e **não cessamos de recomendar o estudo preliminar antes de se entregar à prática**; também, depois da publicação deste livro, o número de obsidiados diminuiu sensivelmente e notoriamente, porque **ele poupa uma experiência que os novatos não adquirem**, frequentemente, senão às suas custas. Dizemo-lo ainda, sim, **sem experiência, a mediunidade tem inconvenientes dos quais o menor seria ser mistificado por Espíritos enganadores ou levianos**; praticar o Espiritismo experimental sem estudo, é querer fazer manipulações químicas sem saber a química.

[...].

A presunção de se crer invulnerável contra os maus Espíritos foi mais de uma vez punida de modo cruel, porque não são desafiadas jamais impunemente pelo orgulho; o orgulho é a porta que lhes dá o acesso mais fácil, porque ninguém oferece menos resistência do que o orgulhoso quando tomado pelo seu lado fraco. **Antes de se dirigir aos Espíritos, convém, pois, se armar contra o ataque dos maus**, como quando se caminha sobre um terreno onde se teme a mordedura de serpentes. **A isto chega-se primeiro pelo**

estudo preliminar que indica o caminho e as precauções a tomar, depois pela prece; mas é preciso bem se compenetrar da verdade, que o único preservativo está em si, em sua própria força, e jamais em coisas exteriores, e que **não há nem talismãs, nem amuletos, nem palavras sacramentais, nem fórmulas sagradas ou profanas que possam ter a menor eficácia, se não se possui em si as qualidades necessárias**; são, pois, estas qualidades que é preciso se esforçar em adquirir. ⁽⁶³⁾

Portanto, o passo inicial para os que quiserem criar uma reunião de desobsessão ou esclarecimento é se “concentrarem” ⁽⁶⁴⁾ no estudo dos livros publicados por Allan



Kardec relacionados à Codificação Espírita e, em especial, a obra *O Livro dos Médiuns*, uma vez que, segundo seu pensamento, trata-se do Espiritismo experimental e assim ser o “*guia dos médiuns e dos evocadores*”.

Como prometido, retomemos a obra ***O Finito e o Infinito*** (1983), a fim de destacar outro aspecto

da fala de Herculano Pires:

[...] Kardec [...] nem permitia que uma pessoa assistisse a uma sessão sem antes haver tomado conhecimento da doutrina. **O preparo teórico é indispensável à compreensão dos fenômenos.** As manifestações espíritas são às vezes tão simples, tão naturais, que a pessoa habituada à ideia do sobrenatural não consegue aceitá-las. É preciso mostrar-lhe, antes de tudo, que o fenômeno é natural. **Só a explicação teórica pode preparar uma pessoa para a compreensão do que se passa.** ⁽⁶⁵⁾

Com muito mais razão, o estudo teórico deve ser prática diária de todos aqueles que manifestarem desejo de participar da reunião, pois somente devem ser admitidos nela os que estudaram as obras da Codificação, especialmente, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, para terem uma mínima base teórica da qual falou Herculano Pires.

Em **Chico Xavier, Mandato de Amor** (1993), publicação da UEM – União Espírita Mineira, no capítulo “IV – Suas palavras ao longo do tempo, destacamos” do tópico “Entrevistas do médium

Chico Xavier” a seguinte questão:

Pergunta - **A cultura é essencial** para uma pessoa ser médium?

Resposta - A mediunidade pode manifestar-se através da pessoa absolutamente inculta, mas os bons espíritos são de parecer que **todos os médiuns são chamados a estudar, a fim de servirem com mais segurança.** ⁽⁶⁶⁾

Eis a opinião de alguém que é considerado por muitos o maior médium brasileiro ⁽⁶⁷⁾, que, inspirado, estende a nossa necessidade de estudo além das fronteiras das obras espíritas.

Como já deixamos claro, julgamos que nas reuniões de desobsessão o estudo sempre deve preceder à parte prática e quando essa se iniciar, a opção mais viável, será a de estudar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, evitando-se, obviamente, conflito de opiniões.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, em “Boletim” encontra-se o registro de que na sessão particular do dia 21.10.1859, foi lida a ata e

os trabalhos do dia 14. Dela destacamos o seguinte trecho:

2º O senhor de R... propôs a evocação de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disto possa sair um ensinamento.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade desta evocação, respondeu: **Vós o podeis** perfeitamente; **entretanto**, eu vos faria notar, meus amigos, que **esta evocação requer uma grande tranquilidade de espírito; esta noite, discutistes longamente assuntos administrativos**, e **creio que será bom remetê-la a uma outra sessão**, tendo em vista que pode ser mais instrutiva. ⁽⁶⁸⁾

Em meio a debates acalorados, certamente, acabamos por entrar em um estado de irritação e, com isso, “contaminamos” o ambiente devido à energia negativa que, nessas circunstâncias, é gerada.

Vamos encontrar na **Revista Espírita 1860**, mês de agosto, em “Boletim”, há na sessão particular do dia 20.07, uma orientação bem curiosa de São Luís:

Depois da sessão, numa comunicação privada, perguntando-se a **São Luís** se ele estava satisfeito, respondeu: “Sim e não; **errais em tolerar os cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são questionados.** Tendes, às vezes, comunicações que pedem réplicas sérias de vossa parte, e respostas mais sérias ainda da parte dos **Espíritos evocados** que, com isso, crede-o bem, **sentem descontentamento**; daí nada de completo, porque **o médium, que escreve, sente ao seu redor graves distrações nocivas ao seu ministério.** Há uma coisa séria a fazer, é ler, na próxima sessão, estas observações, que serão compreendidas por todos os sócios, **dizeilhes que aqui não é um gabinete de conversa.**” ⁽⁶⁹⁾

Além do fato dos Espíritos manifestantes não toleraram os cochichos, esses provocam “ruídos”, ou seja, *“graves distrações nocivas”*, prejudicando a captação de seus pensamentos pelo médium.

6.3. Homogeneidade a meta indispensável para todos

Traremos, agora, dois pontos a respeito das reuniões mediúnicas, talvez sejam os mais

importantes: a homogeneidade e o trabalho em equipe.

1º) Homogeneidade:

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XXIX – Reuniões e Sociedades Espíritas”, no item 331, o Codificador explica que:

Uma reunião é **um ser coletivo**, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros, formando uma espécie de feixe. Ora, **quanto mais homogêneo for esse feixe, tanto mais força terá.** [...]. ⁽⁷⁰⁾

Para tornar mais explícita essa orientação, vamos recorrer à “Resposta do Sr. Allan Kardec” aos espíritas lioneses, publicada na **Revista Espírita 1860**, mês de outubro, em que lemos:

Está reconhecido que as melhores comunicações são obtidas **nas reuniões pouco numerosas, naquelas sobretudo onde reinem a harmonia e a comunhão de sentimentos**: ora, quanto mais o número é grande, mais esta homogeneidade é difícil de se obter. [...] **Os pequenos**

grupos, ao contrário, serão sempre mais homogêneos; nele se conhece melhor, se está sempre em família, admite-se melhor quem se quer; e, como, em definitivo, **todos tendem ao mesmo objetivo, podem perfeitamente se entender,** e se entenderão tanto melhor quanto não houver esse choque incessante, incompatível com o recolhimento e a concentração de espírito. [...]. ⁽⁷¹⁾

Embora o Codificador estivesse mais preocupado com as divergências de opiniões, em razão de a Doutrina Espírita ser incipiente, acreditamos que essa sua recomendação também vale para os dias atuais, especialmente quanto aos quesitos harmonia e comunhão de pensamento.

Acrescentaremos, por oportuno, um trecho do artigo “Princípio vital das sociedades espíritas”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de junho:

[...] ora, mantenho que **não há reunião espírita séria possível sem homogeneidade.** Por toda parte **onde há divergência de opinião, há tendência a fazer prevalecer a sua, desejo de impor suas ideias ou sua vontade;** daí discussões, dissensões, depois dissolução:

isto é inevitável, e **é o que ocorre em todas as sociedades, qualquer que seja seu objeto**, onde cada um quer caminhar em caminhos diferentes. O que é necessário nas outras reuniões **é mais necessário ainda nas reuniões espíritas sérias, onde a primeira condição é a calma e o recolhimento, que são impossíveis com discussões** que fazem perder o tempo em coisas inúteis; é então que os bons Espíritos dela se vão e deixam o campo livre aos Espíritos trapalhões. **Eis porque as pequenas assembleias são preferíveis; a homogeneidade de princípios, de gostos, de caracteres e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, nelas é mais fácil obter do que nas grandes assembleias.** ⁽⁷²⁾

Especificamente em relação às reuniões mediúnicas, das quais estamos tratando, a questão das *“pequenas assembleias são preferíveis”* será abordada mais à frente.

Do artigo “O Espiritismo na Bélgica”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de outubro, destacamos o seguinte parágrafo:

A homogeneidade, a comunhão de pensamentos e de sentimentos são para

os grupos Espíritas, como **para quaisquer outras reuniões, a condição *sine qua non* de estabilidade e de vitalidade.** É para esse objetivo que devem tender todos os esforços, e compreende-se que é tanto mais fácil atingi-lo quanto as reuniões sejam menos numerosas. **Nas grandes reuniões é quase impossível evitar a ingerência de elementos heterogêneos** que, cedo ou tarde, semeiam a divisão; **mas pequenas reuniões, onde todo o mundo se conhece e se aprecia, se está como em família, o recolhimento é maior,** e a intrusão dos mal-intencionados mais difícil. A diversidade dos elementos dos quais se compõem as grandes reuniões os torna, por isso mesmo, mais vulneráveis às surdas astúcias dos adversários. ⁽⁷³⁾

Portanto, Allan Kardec faz da homogeneidade, que é mil vezes mais fácil de se conseguir em reuniões com reduzido número de pessoas, uma condição indispensável tanto para o grupo espírita como um todo, quanto para as várias reuniões que se realizam nele. Obviamente, que entre elas se inclui às destinadas ao diálogo com Espíritos promotores de obsessões.

Na **Revista Espírita 1864**, mês de dezembro,

Allan Kardec publicou o seu discurso intitulado “Da comunhão de pensamentos”, realizado em 2 de novembro, numa reunião destinada à comemoração do dia dos mortos, do qual transcrevemos os seguintes parágrafos:

O favor com o qual a ideia desta reunião foi acolhida é uma primeira resposta a essas diversas perguntas; **é o indício da necessidade que se sente em se encontrar reunidos numa comunhão de pensamentos.**

Comunhão de pensamentos! compreende-se bem toda a importância desta palavra? É permitido disso duvidar, pelo menos da parte da maioria. O Espiritismo, que nos explica tantas coisas pelas leis que revela, vem agora nos explicar a causa, os efeitos e a força dessa situação do espírito.

Comunhão de pensamentos, quer dizer pensamento comum, unidade de intenções, de vontade, de desejo, de aspiração. Ninguém pode desconhecer que o pensamento não seja uma força; mas é uma força puramente moral e abstrata? Não; de outro modo não se explicariam certos efeitos do pensamento, e ainda menos da comunhão de pensamentos. Para compreendê-lo é preciso conhecer as

propriedades e a ação dos elementos que constituem a nossa essência espiritual, e é o Espiritismo que no-lo ensina.

O pensamento é o atributo característico do ser espiritual; é ele que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito. [...] **O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar; esses fluidos nos levam o pensamento, como o ar nos leva o som.** Pode-se, pois, dizer com toda a verdade que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembleia é um foco de onde se irradiam pensamentos diversos; é como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um produz a sua nota. **Disso resulta uma multidão de correntes e de eflúvios fluídicos dos quais cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual,** como num coro de música, cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido do ouvido.

Mas, do mesmo modo que há raios sonoros harmônicos ou discordantes, **há também pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmônico a impressão é agradável; se é discordante, a impressão é penosa.** Ora, para isso, não há necessidade de que o

pensamento seja formulado em palavras; a irradiação fluídica não existe menos, quer seja ela expressada ou não; **se todos são benevolentes, todos os assistentes deles sentem um verdadeiro bem-estar; sentem-se comodamente;** mas se a eles se misturam alguns pensamentos maus, produzem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio lúpido.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se sente numa reunião simpática; ali reina como uma atmosfera moral saudável, onde se respira comodamente; dali se sai reconfortado, porque se está impregnado de correntes fluídicas salutares. Assim se explicam também a ansiedade, o mal-estar que se sente num meio antipático, onde os pensamentos malévolos provocam, por assim dizer, correntes fluídicas malsãs.

A comunhão de pensamentos produz, pois, uma espécie de efeito físico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo poderia fazer compreender. O homem o sente intuitivamente, uma vez que procura as reuniões onde sabe encontrar essa comunhão; **nessas reuniões homogêneas e simpáticas, ele haure novas forças morais; poder-se-ia dizer que ali recupera as perdas fluídicas** que tem cada dia pela irradiação do pensamento, como recupera pelos alimentos as perdas do corpo material.

[...].

Aos efeitos que acabo de descrever, a respeito da comunhão de pensamentos, juntando-lhe um outro que lhe é a consequência natural, e que importa não perder de vista, **é a força que adquire o pensamento ou a vontade, pelo conjunto dos pensamentos ou vontades reunidas.** Sendo a vontade uma força ativa, essa força é multiplicada pelo número das vontades idênticas, como a força muscular é multiplicada pelo número dos braços.

Estabelecido este ponto, concebe-se que nas relações que se estabelecem entre os homens e os Espíritos, **há, numa reunião em que reina uma perfeita comunhão de pensamentos, uma força atrativa ou repulsiva que não possui sempre um indivíduo isolado.**

Se, até o presente, **as reuniões muito numerosas são menos favoráveis, é pela dificuldade de se obter uma homogeneidade perfeita de pensamentos,** o que se prende à imperfeição da natureza humana sobre a Terra. **Quanto mais as reuniões são numerosas, mais nelas se misturam elementos heterogêneos que paralisam a ação dos bons elementos,** e que são como os grãos de areia numa engrenagem. Isso não é assim nos mundos mais avançados, e esse estado de coisas mudará

sobre a Terra, à medida que os homens nela se tornarem melhores.

Para os Espíritos, a comunhão de pensamentos tem um resultado mais especial ainda. Temos visto o efeito desta comunhão de homem a homem; O Espiritismo nos prova que não é menor dos homens aos Espíritos, e reciprocamente. Com efeito, **se o pensamento coletivo adquire força pelo número, um conjunto de pensamentos idênticos, tendo o bem como objetivo, terá mais força para neutralizar a ação dos maus Espíritos;** também vemos que a tática destes últimos é levar à divisão e ao isolamento. Só, um homem pode sucumbir, ao passo que se sua vontade for corroborada por outras vontades, ele poderá resistir, segundo o axioma: A união faz a força, axioma verdadeiro tanto quanto ao moral como ao físico.

De um outro lado, se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a dos bons Espíritos será secundada; sua influência salutar não encontrará obstáculos; seus eflúvios fluídicos não sendo detidos por correntes contrárias, se derramarão sobre todos os assistentes, precisamente porque todos os terão atraído pelo pensamento, não cada um em seu proveito pessoal, mas em proveito de todos, segundo a lei de caridade. Descerão sobre

eles em línguas de fogo, para nos servir de uma admirável imagem do Evangelho.

Assim, pela comunhão dos pensamentos, os homens se assistem entre si, e ao mesmo tempo assistem os Espíritos e são por eles assistidos. As relações do mundo visível e do mundo invisível não são mais individuais, são coletivas, e, por isso mesmo, mais poderosas para o proveito das massas, como para os indivíduos; em uma palavra, ela estabelece a solidariedade, que é a base da fraternidade. Cada um não trabalha somente para si, mas para todos, e, trabalhando para todos, nisso cada um encontra a sua conta; é o que não compreende o egoísmo.

Todas as reuniões religiosas, qualquer que seja oculto a que pertençam, **são fundadas sobre a comunhão de pensamentos;** está aí um efeito que deve e pode exercer todo o seu poder, porque o objetivo deve ser o desligamento do pensamento dos constrangimentos da matéria. Infelizmente a maioria se desviou deste princípio, à medida que fez da religião uma questão de forma. [...].

Certamente, não era assim que o entendia **Jesus**, quando disse: Quando vários de vós estiverdes reunidos em meu nome, estarei no meio de vós. **Reunidos em meu nome, quer dizer, com um**

pensamento comum; mas não se pode estar reunidos em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina; ora, qual é o princípio fundamental da doutrina de Jesus? A caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Os egoístas e os orgulhosos mentem quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus os nega como seus discípulos. (74)

Acreditar ter ficado bem clara a posição do Codificador em relação a homogeneidade ou comunhão de pensamentos como base fundamental para a sobrevivência do próprio Espiritismo, mais ainda em relação às reuniões dedicadas ao intercâmbio com os Espíritos visando ajudá-los, dentro da nossa capacidade.

2º) O trabalho em equipe:

Em ***O Livro dos Médiuns*** (jan/1861), 2ª parte, capítulo “XXXI – Dissertações Espíritas”, no tópico “Sobre as Sociedades Espíritas”, mensagem XXI, temos um importante alerta de Fênelon:

Meus amigos, quereis **formar um grupo espírita** e eu o aprovo, porque **os Espíritos não podem ver com satisfação que os**

médiuns se conservem isolados. Deus não lhes concedeu essa sublime faculdade somente para eles, mas para o bem de todos. Comunicando-se com outros, eles **terão mil oportunidades de se esclarecerem sobre o mérito das comunicações** que recebem, ao passo que, **isolados, estão muito melhor sob o domínio dos Espíritos mentirosos**, que ficam muito contentes por não sofrerem nenhuma fiscalização. Eis o que vos deixo e, se o orgulho não vos subjuga, compreenderéis e aproveitareis. Aqui vai agora para os outros.

Estais bem certos do que deve ser uma reunião espírita? Não, visto que, no vosso zelo, **julgais que o melhor que tendes a fazer é reunir o maior número possível de pessoas, a fim de as convencerdes.** Desenganai-vos. **Quanto menos pessoas, mais obtereis.** É principalmente pelo ascendente moral que exercerdes que atraireis os incrédulos, muito mais do que pelos fenômenos que obtiverdes. Se somente os atrairdes pelos fenômenos, os que vos procurarem serão movidos apenas pela curiosidade; topareis com curiosos que não acreditarão em vós e que zombarão de vós. Se, entre vós, só se encontrarem pessoas dignas de apreço, muitas, talvez, não vos acreditem, mas vos respeitarão e o respeito inspira sempre a confiança. Estais convencidos de que o

Espiritismo deve produzir uma reforma moral. **Seja, pois, o vosso grupo o primeiro a dar exemplo das virtudes cristãs**, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades Espíritas que a verdadeira caridade há de encontrar refúgio. ⁽⁷⁵⁾ Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. De outra vez, vos darei novos conselhos. ⁽⁷⁶⁾

Certamente que o pensamento de alguns adeptos do Espiritismo é que a presença de leigos nas reuniões espíritas seria um fator de convencimento deles, algo que Fénelon diz não fazer nenhum sentido.

Do artigo “Escolhos dos médiuns”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de fevereiro, encontramos informações relativas ao nosso tema. Vejamos o seguinte trecho:

É uma regra geral que as melhores comunicações ocorrem **na intimidade, e em um círculo reduzido e homogêneo**. Em toda comunicação, várias influências estão em jogo; a do médium, a do meio, e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, se

neutralizarem ou se corroborarem: isso depende do objetivo que se propõe, e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos, e com médiuns que não reuniam todas as condições desejáveis; nesse caso, os bons Espíritos vieram por uma pessoa em particular, porque isso era útil; vimos comunicações más obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía os Espíritos levianos que zombavam dele. **Tudo isso pede tato e observação, e concebe-se, facilmente, a preponderância que devem ter todas as condições reunidas.** ⁽⁷⁷⁾

Novamente, vemos a importância da homogeneidade. Quanto ao fato de que “*as melhores comunicações ocorrem na intimidade*” fica clara a questão da não ser algo do tipo “porta aberta”, tema que serpa tratado no próximo item.

E em relação a realizarem-se em “*um círculo reduzido*” será algo que ainda veremos, pois é sabido que a quantidade de participantes numa reunião influirá diretamente na homogeneidade do grupo.

6.4. Reuniões de “portas abertas”, como assim?

Destacamos da *Revista Espírita 1860*, mês de setembro, o seguinte trecho das instruções de Allan Kardec, na Sociedade, em 24/08/1860:

“Cremos dever lembrar às **pessoas estranhas à Sociedade**, e que não estariam ao corrente de nossos trabalhos, que não fazemos nenhuma experiência, e que elas se enganariam se cressem achar aqui assuntos de distração. Ocupamo-nos seriamente com coisas muito sérias, mas pouco interessantes e pouco inteligíveis para quem é estranho à ciência espírita. **Como a presença dessas pessoas seria inútil para elas mesmas, e poderia ser uma causa de perturbação para nós, nos recusamos a admitir aquelas que dela não possuam ao menos os primeiros elementos, e sobretudo aquelas que não lhe seriam simpáticas.** Somos, antes de tudo, uma Sociedade científica de estudos, e não uma Sociedade de ensino; nós nunca convocamos o público, porque sabemos, por experiência, que a convicção não se forma senão por uma longa sequência de observações, e não por haver assistido a algumas sessões que não apresentam nenhuma continuidade metódica. Eis porque não fazemos

demonstrações que estariam a recomeçar a cada dia, e nos deteriam em nosso trabalho. Se, apesar disso, se encontrarem aqui pessoas que não fossem atraídas senão pela curiosidade, ou que não partilham a nossa maneira de ver, nós lhes pedimos para que se lembrem que não as convidamos, e esperamos de sua decência o respeito às nossas convicções, como respeitamos as suas. **Não reclamamos de sua parte senão o silêncio e o recolhimento. Sendo o recolhimento uma das recomendações mais expressas da parte dos Espíritos**, que consentem em se comunicarem conosco, convidamos com instância as pessoas presentes a se absterem de toda conversação particular.”
(⁷⁸)

Na vida real, é bem provável que as “*pessoas estranhas*” não possuem conhecimento mínimo do que sejam as reuniões mediúnicas, e aí, segundo o Codificador, são causadoras de perturbação. É lembrado que os Espíritos sempre se reportam à questão do recolhimento necessário para o bom andamento das reuniões.

Um pouco mais à frente lemos:

O presidente faz observar que a Sociedade é necessariamente limitada pelo tempo, mas que tudo o que **os seus membros obtêm em seu particular**, e que querem a ela trazer, deve ser considerado como um complemento de seus trabalhos. Ela não deve, pois, considerar como lhe fazendo parte somente o que obtém em suas sessões, mas igualmente tudo o que lhe vem de fora e pode servir para a sua instrução. Ela é o centro onde vêm chegar os estudos privados para o bem de todos; ela os examina, os comenta, e deles se aproveita se há lugar. Para os médiuns, é um meio de controle, que, esclarecendo-os sobre as comunicações que recebem, pode preservá-los de mais de uma decepção. **Os Espíritos, aliás, preferem, frequentemente, se comunicar na intimidade, onde há necessariamente mais recolhimento que nas reuniões numerosas**, pelos instrumentos de sua escolha, nos momentos que lhes convém, e em circunstâncias que nem sempre nos é dado apreciar. Em concentrando essas comunicações, cada um aproveita assim todas as vantagens que elas podem oferecer. ⁽⁷⁹⁾

Dizendo que os Espíritos preferem se comunicar na intimidade por haver maior recolhimento, deixa claro que isso vale tanto para os

bons que instruem, quanto para os maus que nos servem de exemplo.

Vamos recorrer novamente ao artigo “Princípio vital das sociedades espíritas”, constante da **Revista Espírita 1862**, para destacar este trecho do seu último parágrafo:

[...] O essencial é formar um núcleo de fundadores titulares, **unidos por uma perfeita comunhão de objetivos, de opiniões e de sentimentos**, e de estabelecer regras precisas às quais deverão se submeter, forçosamente, aqueles que virão, mais tarde, a ela se reunir. Remetemos, a esse respeito, ao regulamento da Sociedade de Paris e às instruções que demos sobre esse assunto. **Nosso mais caro desejo é o de ver a união e a harmonia reinarem entre os grupos e sociedades** que se formam por todas as partes; é por isso que consideramos sempre um dever ajudar com os conselhos de nossa experiência àqueles que crerem dever dela se aproveitar. Limitar-nos-emos, no momento, a dizer-lhes: **Sem homogeneidade não há união simpática entre os membros, não há relações afetuosas; sem união não há estabilidade; sem estabilidade não há calma; sem calma não há trabalho**

sério; de onde concluímos que a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. [...].

(⁸⁰) (itálico do original)

Allan Kardec evidencia que o princípio vital de uma reunião mediúnica séria é a homogeneidade entre seus participantes, bem como da própria sociedade espírita, em relação aos seus membros.

Da obra ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*** (1931), de autoria J. Arthur Findlay (1833-1964), cujo foco são as reuniões materializações, vamos destacar o seguinte trecho:

[...] O círculo, no entanto, tinha um núcleo formado pelos que frequentavam regularmente as reuniões, os quais contribuía para os resultados, como sempre acontece, porque **os que são assíduos concorrem para estabelecer as condições do ambiente.**

Dentre essas condições, **a harmonia é a mais essencial ao êxito da sessão** e eu sempre achei que **os melhores resultados se obtêm quando harmonizados se encontram os assistentes e**

exclusivamente bons sejam os sentimentos. Presentes **peessoas antipáticas umas às outras, ou perturbadas e de certo modo excitadas, desfavoráveis se tornam as condições do ambiente.** Por essa razão, **desavisado é que um grupo de novatos faça reuniões com um médium altamente desenvolvido e espere bons resultados,** da primeira vez. Semelhante coisa é impossível, pelo que sempre foi tido como de bom aviso que o maior número possível de frequentadores habituais compareça, a fim de que boas se mantenham as condições, **embora se permita que estranhos assistam às experiências, se beneficiem com elas ou recebam o conforto que proporcionam.** Os que as frequentam regularmente já transpuseram a fase da dúvida e do cepticismo, fase em que vêm à tona todas as ideias pessoais. Esses são os que já tiveram experiências suas, obtendo manifestações de amigos seus do Além. Aptos se acham, portanto, a conservar-se em atitude plácida, o que auxilia a frustrar qualquer adversa influência, oriunda de um ou de alguns dos adventícios. ⁽⁸¹⁾

[...] não podemos deixar de reconhecer que há **certos indivíduos** constituídos de modo que não se ligam, tanto variam as suas vibrações, a outros aqui na Terra, de sorte que, **ao irem a uma sessão repelem**

toda tentativa que façam os de outro mundo, para se porem em contato com eles. Não se suponha queira eu dizer que as condições sejam exatamente as mesmas para todos, porque não o são. Há pessoas delicadas e agradabilíssimas, que não conseguem resultado algum; o que quero dizer é que, com a nossa experiência terrena, relativa a diversas pessoas, melhor se compreenderá como podem alguns ser bons assistentes de sessões e outros não. **Os primeiros emitem vibrações que possibilitam as comunicações aos do outro mundo** que tentem comunicar-se. **As vibrações que os demais emitem tornam impossível que isso se dê. Eis por que consideramos eminentemente desejável se sentem juntos os que emitem vibrações que não se chocam entre si. A harmonia é o objetivo;** tão necessária ela é, quanto um poderoso médium, razão por que procuramos sempre cultivá-la nas sessões de Sloan. ⁽⁸²⁾

Embora é dito que pessoas estranhas comprometem a harmonia das sessões, diz que em algumas foi permitido a presença delas para que fossem assistidas, porém, esse caso, não significa estejam “portas abertas” a qualquer um.

Se, porventura, nas reuniões de desobsessão

os Espíritos, de alguma forma, se utilizam do ectoplasma a favor dos atendidos, teríamos aí mais um forte motivo para mantê-las de “portas fechadas”.

Em **O Finito e o Infinito** (1983), o jornalista Herculano Pires, esclarece-nos que:

[...] **Kardec jamais concordou com as sessões mediúnicas de portas abertas.** E nem permitia que uma pessoa assistisse a uma sessão sem antes haver tomado conhecimento da doutrina. [...] ⁽⁸³⁾

Pessoalmente, temos conhecimento de que em algumas casas espíritas as sessões mediúnicas têm as “portas abertas”, fato lamentável, pois demonstra que os seus dirigentes, por alguma razão, não se aprofundaram suficientemente no tema.

Herculano Pires foi certo, pois Allan Kardec, em “*Viagem Espírita 1862*”, foi bem claro: **“As sessões nunca deverão ser públicas.** Isto quer dizer que em nenhum caso as portas poderão estar abertas ao primeiro que apareça.” ⁽⁸⁴⁾

Portanto, não resta dúvida alguma de que as reuniões mediúnicas devem ser privativas e não de caráter público. É o recomendável que se aconteça nas casas espíritas que optem em se alinhar com o pensamento kardequiano.

Mas à frente, em tópico apropriado, voltaremos a citar essa fala de Herculano Pires.

6.5. Quantos participantes deveria ter uma reunião mediúnica?

Essa é uma pergunta que naturalmente surge, em razão disso, vamos nos esforçar para encontrar a sua resposta. O “participantes”, aqui significa todos os membros trabalhadores encarnados da reunião.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro, a certa altura do artigo “Senhor Adrien, médium vidente”, Allan Kardec disse que:

[...] em toda reunião, **há sempre uma assembleia oculta de Espíritos atraídos por sua simpatia pelas pessoas**, e pelas coisas pelas quais se ocupem. [...]. ⁽⁸⁵⁾

Portanto, além dos Espíritos elevados que assumem compromisso em coordenar e auxiliar-nos nas reuniões, aparecem outros atraídos pela simpatia com as pessoas que dela participam e também pelo interesse que nutrem com os objetivos do trabalho.

Quanto aos encarnados, vejamos, em **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XXIX – Reuniões e sociedades espíritas”, o que Allan Kardec orienta a respeito:

332. **Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais de toda reunião séria, compreende-se facilmente que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade.** Não há, é certo, nenhum limite absoluto para esse número e bem se concebe que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez pessoas distraídas e barulhentas. Mas também é evidente que, **quanto maior o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições.** Aliás, é fato comprovado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessoas, são

sempre mais favoráveis às belas comunicações, pelos motivos que acabamos de expor. ⁽⁸⁶⁾

Observa-se que o Codificador não estabeleceu um número certo de participantes, deixou-o a critério do bom senso dos dirigentes das casas espíritas, alertando-os que se esse for excessivo pode, facilmente, prejudicar ou comprometer a homogeneidade do grupo.

Em nossas andanças, pelas Minas Gerais, temos visto girar entre 12 a 15 pessoas o número de membros do grupo mediúnico, o que, na maneira de pensar de alguns, iria ao encontro disto que o Codificador disse, acima registrado: *“os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos”* ⁽⁸⁷⁾.

Em relação aos tipos de mediunidade, julgamos ser desejável se ter: médium vidente, médium inspirado (esclarecedor), médiuns de psicofonia e os vibracionais.

A função do médium vidente é a de, quando necessário, auxiliar o esclarecedor descrevendo quadros ou situações que venham facilitar seus

argumentos. Via de regra, o esclarecedor é um médium inspirado. É importante que se tenha mais de um, para que nos eventuais impedimentos o trabalho possa se desenrolar normalmente.

Vibracionais são aqueles que não têm uma mediunidade ostensiva, mas, por pensamentos elevados secundados pela prece, conseguem manter a atmosfera do ambiente compatível com o trabalho e, quando for o caso, doam o ectoplasma que, muitas vezes, é utilizado a favor do manifestante.

6.6. Qual o principal compromisso de cada membro da reunião?

Esse ponto, que buscamos evidenciar, é tão importante que Allan Kardec o abordou no item 227 do capítulo “XX – Influência moral do médium”, da obra ***O Livro dos Médiuns***, no qual se lê:

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, **exerce, todavia, influência muito grande quanto ao aspecto moral.** Visto que o Espírito estranho precisa identificar-se com **o Espírito do médium para que se verifique a comunicação, esta**

identificação só ocorre plenamente quando há simpatia entre eles, ou afinidade, se assim nos podemos expressar. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou de diferença entre eles. **Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus,** de onde se conclui que **as qualidades morais do médium exercem influência muito importante sobre a natureza dos Espíritos que por eles se comunicam.** **Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos Espíritos bons que foram evocados.** **As qualidades que,** de preferência, **atraem os Espíritos bons são:** a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. **Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.** ⁽⁸⁸⁾

Temos aí, portanto, uma orientação aos médiuns no sentido de envidarem todo o seu esforço objetivando a sua própria evolução moral.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de setembro,

foi publicado o artigo “Procedimentos para afastar os maus Espíritos”, do qual destacamos:

Pode-se primeiro colocar como princípio que os maus Espíritos não vão senão lá onde alguma coisa os atraia; portanto, quando se misturam às comunicações, é porque encontram simpatias no meio onde se apresentam, ou pelo menos lados fracos dos quais esperam se aproveitar; em todo o processo, **é que não encontram uma força moral suficiente para repeli-los. Entre as causas que os atraem, é necessário colocar em primeira linha as imperfeições morais de toda natureza, porque o mal simpatiza sempre com o mal;** em segundo lugar, a muito grande confiança com a qual se acolhe suas palavras. **Quando uma comunicação acusa origem má, seria ilógico disso inferir uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores;** frequentemente, se veem as pessoas mais honradas expostas aos embustes dos Espíritos enganadores, como acontece no mundo, pessoas honestas enganadas por velhacos; mas quando se está atento, os velhacos não têm o que fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é enganada por eles, isso pode prender-se a duas causas: a

primeira é uma confiança muito absoluta que a dissuade de todo exame; a segunda, que **as melhores qualidades não excluem certos lados fracos que dão presa aos maus Espíritos, ansiosos em agarrar os menores defeitos da couraça. Não falamos do orgulho e da ambição, que são mais do que defeito, mas de uma certa fraqueza de caráter,** e sobretudo de preconceitos que esses Espíritos sabem explorar habilmente lisonjeando-os, e, a esse respeito, tomam todas as máscaras para inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, porque não podem enganar a ninguém; as que mais enganam, são aquelas que não têm senão uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade, em uma palavra, a dos Espíritos hipócritas e dos pseudossábios; uns podem se enganar de boa fé, por ignorância ou por fatuidade, os outros não agem senão por astúcia. Vejamos, pois, o meio para desembaraçar-se deles.

A primeira coisa é de início não os atrair, e evitar tudo o que possa lhes dar acesso.

As disposições morais são, como vimos, uma causa preponderante; mas, abstração feita dessa causa, o modo empregado não é sem influência. [...]. ⁽⁸⁹⁾

Vê-se, facilmente, que a nossa ação em elevar nosso padrão moral é algo necessário para afastar de nossas reuniões os Espíritos maus que poderiam nos acompanhar e prejudicar o trabalho do grupo.

Do artigo “Estudo sobre os Possessos de Morzine, As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro, destacaremos os seguintes trechos do comentário de Allan Kardec:

Suponhamos agora duas pessoas perto uma da outra, envolvida cada uma de sua **atmosfera perispiritual**, – que se nos permita ainda esse neologismo. – Esses dois fluidos vão se pôr em contato, penetrar um no outro; se são de natureza antipática, se repelirão, e os dois indivíduos sentirão uma espécie de mal-estar com a aproximação um do outro, sem disso se darem conta; sendo ao contrário movidos por um sentimento bom e benevolente, levarão consigo um pensamento benevolente que atrai. Tal é a causa pela qual duas pessoas se compreendem e se adivinham sem se falarem. Um certo não sei o quê diz frequentemente que a pessoa que se tem diante de si deve estar animada de tal ou tal sentimento; ora, **esse não sei quê é a expansão do fluido perispiritual da**

pessoa em contato com o nosso, espécie de fio elétrico condutor do pensamento. Compreende-se, desde então, que os Espíritos, cujo envoltório fluídico é bem mais livre do que no estado de encarnação, não têm mais necessidade de sons articulados para se entenderem.

O fluido perispiritual do encarnado, portanto, é posto em ação pelo Espírito; se, pela sua vontade, **o Espírito irradia, por assim dizer, seus raios sobre um outro indivíduo, esses raios o penetram**; daí a ação magnética mais ou menos possante segundo a vontade, **mais ou menos benfazeja segundo esses raios sejam de uma natureza mais ou menos boa**, mais ou menos vivificante; porque, pela sua ação, podem penetrar os órgãos, e, em certos casos, restabelecer o estado normal. Sabe-se qual é a influência das qualidades morais no magnetizador.

O que pode fazer o Espírito encarnado irradiando seu próprio fluido sobre um indivíduo, um Espírito desencarnado pode fazê-lo igualmente, uma vez que tem o mesmo fluido, quer dizer, que pode magnetizar, e, segundo seja bom ou mau, sua ação será benfazeja ou malfazeja.

Dá-se conta facilmente assim da natureza das impressões que se recebe segundo os meios onde se encontra. **Se uma assembleia é composta de pessoas**

animadas de maus sentimentos, elas encherão o ar ambiente do fluido impregnado de seus pensamentos; daí, para as almas boas, um mal-estar moral análogo ao mal-estar físico causado pelas exalações mefíticas: a alma é *asfixiada*. As pessoas, ao contrário, se têm intenções puras, acham-se em sua atmosfera como num ar vivificante e salutar. O efeito será naturalmente o mesmo num meio cheio de Espíritos segundo sejam bons ou maus. ⁽⁹⁰⁾ (itálico do original)

Devemos nos esforçar ao máximo para que nossos pensamentos emitam apenas vibrações positivas. Assim, contribuiremos para que, na reunião mediúnica, se forme uma “*atmosfera espiritual*” acolhedora, capaz de favorecer o bem-estar do Espírito comunicante.

Um pouco mais a frente, vamos encontrar algo interessante:

Certas pessoas preferem, sem dúvida, uma receita mais fácil para afastar os maus Espíritos: algumas palavras a dizer ou alguns sinais a fazer, por exemplo, o que **seria mais cômodo do que se corrigir de seus defeitos.** Com

isso não estamos descontentes, mas **não conhecemos nenhum outro procedimento mais eficaz para vencer um inimigo do que ser mais forte do que ele**. Quando se está doente, é preciso se resignar a tomar um remédio, por amargo que ele seja; mas também, quando se teve a coragem de beber, como se sente bem, e quanto se é forte! É preciso, pois, se persuadir de que **não há, para alcançar esse objetivo, nem palavras sacramentais, nem fórmulas, nem talismãs, nem quaisquer sinais materiais**. Os maus Espíritos disso se riem e se alegram frequentemente em indicarem que sempre têm o cuidado de se dizer infalíveis, para melhor captar a confiança daqueles que querem enganar, porque então estes confiantes na virtude do procedimento, se entregam sem medo.

Antes de esperar domar os maus Espíritos, é preciso domar a si mesmo.

De todos os meios de adquirir a força para a isso chegar, **o mais eficaz é a vontade secundada pela prece, a prece de coração se entende**, e não de palavras às quais a boca tem mais parte que o pensamento. **É preciso chamar seu anjo guardião e os bons Espíritos para nos assistirem na luta**; mas não basta lhes pedir para expulsarem os maus Espíritos, é preciso se lembrar desta máxima: “Ajuda-te, o céu te ajudará”, e **pedir-lhes sobretudo**

a força que nos falta para vencer os maus pendores que são para nós pior que os maus Espíritos, porque são esses pendores que os atraem, como a corrupção atrai as aves de rapina. Pedindo também pelo Espírito obsessor, é retribuir-lhe o bem para o mal, e se mostrar melhor que ele, e já é uma superioridade. Com a perseverança, acaba-se, o mais frequentemente, por levá-lo a melhores sentimentos, e de perseguidor dele fazer um devedor.

Em resumo, **a prece fervorosa e os esforços sérios para se melhorar, são os únicos meios de afastar os maus Espíritos** que reconhecem seus senhores naqueles que praticam o bem, ao passo que as fórmulas os fazem rir; a cólera e a impaciência os excitam. É preciso deixá-los mostrando-se mais pacientes do que eles.

Mas ocorre, algumas vezes, que a subjugação chega ao ponto de paralisar a vontade do obsidiado, e que não se pode esperar dele nenhum concurso sério. **É então, sobretudo, que a intervenção de terceiros torna-se necessária, seja pela prece, seja pela ação magnética;** mas o poder dessa intervenção depende também do ascendente moral que os intervenientes podem tomar sobre os Espíritos; porque, se não valem mais, sua ação é estéril. [...].

É preciso dizer também que se culpa frequentemente os Espíritos estranhos de má ação das quais são muito inocentes; certos estados doentios e certas aberrações que se atribuem a uma causa oculta, às vezes deve-se simplesmente ao próprio indivíduo. As contrariedades, que o mais comumente concentram-se em si mesmo, os desgostos amorosos sobretudo, fizeram cometer muitos atos excêntricos que seriam erradamente levados à conta da obsessão.

Frequentemente somos nosso próprio obsessor. Acrescentamos, enfim, que certas obsessões tenazes, sobretudo nas pessoas merecedoras, algumas vezes, fazem partes das provas às quais estão submetidas. “Ocorre mesmo algumas vezes que **a obsessão**, quando é simples, **é uma tarefa imposta ao obsidiado, que deve trabalhar para melhorar o obsessor**, como um pai à de um filho viciado.” ⁽⁹¹⁾ (itálico do original)

A grande maioria das pessoas, infelizmente, pensa que seria bem mais fácil ter uma espécie de “fórmula mágica” para afastar os Espíritos inferiores do que se preocupar em reformar seu caráter, tornando-se um verdadeiro seguidor de Jesus, a ponto de seu conselho de “*Amarás o teu próximo como a ti mesmo.*” (Mateus 22,39) seja nosso modo

de agir.

Ao final do artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, publicado na *Revista Espírita 1863*, mês de maio, há registro da manifestação de São Luís, guia espiritual da Sociedade Espírita de Paris, que aconselhava:

“Os possessos de Morzines estão realmente sob a influência dos maus Espíritos, atraídos nessa região por causas que um dia conhecereis, ou melhor, que reconhecereis vós mesmos um dia. O conhecimento do Espiritismo ali fará predominar a boa influência sobre a má; quer dizer, que os Espíritos curadores e consoladores, atraídos pelos fluidos simpáticos, substituirão a maligna e cruel influência que desola essa população. **O Espiritismo está chamado a prestar grandes serviços; será o curador desses males dos quais não se conhecia a causa antes**, e diante dos quais a ciência fica impotente; sondará as pragas morais, e lhes prodigalizará o bálsamo reparador; **tornando os homens melhores, afastará deles os maus Espíritos**, atraídos pelos vícios da Humanidade. **Se todos os homens**

fossem bons, os maus Espíritos deles se afastariam, porque saberiam não poder induzi-los ao mal. A presença desses homens de bem fá-los fugir, a dos homens viciados os atrai, ao passo que é ao contrário para os bons Espíritos. **Sede, pois, bons se quiserdes não ter senão bons Espíritos ao vosso redor.**” (Médium, senhora Costel) ⁽⁹²⁾

A frase final, certamente, merce reflexão da parte de todos os participantes da reunião.

E em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “IX – Lugares assombrados”, item 132, os Espíritos respondem à pergunta quanto à ação dos Espíritos inferiores:

13. *Haverá meios de os expulsar?*

“Sim, mas quase sempre o que se faz para afastá-los os atrai ainda mais. **O melhor meio de expulsar os Espíritos maus consiste em atrair os bons.** Atraí, pois, os Espíritos bons, praticando todo o bem que puderdes e os maus fugirão, visto que o bem e o mal são incompatíveis. Sede sempre bons e só tereis Espíritos bons ao vosso lado.” ⁽⁹³⁾ (itálico do original)

Acreditamos que essa orientação possa ser generalizada para a todos os casos em que os Espíritos maus interferem em nossa vida.

Do artigo “Atmosfera espiritual”, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de maio, destacamos o seguinte trecho:

Além disso sabemos que, além dos assistentes corpóreos, **há sempre ouvintes invisíveis**; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem se encontrar em número ilimitado num espaço dado. **Frequentemente, nos foi dito que, em certas sessões, estavam em quantidades inumeráveis.** Na explicação dada ao Sr. Bertrand a propósito das comunicações coletivas que obteve, foi dito que o número dos Espíritos presentes era tão grande, que a atmosfera estava, por assim dizer, saturada de seus fluidos. Isto não é novo para os Espíritas, mas não se deduziu disto talvez todas as consequências.

Sabe-se que **os fluidos emanado dos Espíritos são mais ou menos salutareis segundo o grau de sua depuração**; conhece-se o seu poder curativo em certos casos, e também seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, uma vez que o ar

pode estar saturado desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que proliferam em um lugar determinado, o ar ambiente se acha carregado de elementos salutareis ou malsãos, que devem exercer uma influência sobre a saúde física tão bem quando sobre a saúde moral? [...] **Cada indivíduo, em razão do grau de sua sensibilidade, sofre a influência dessa atmosfera viciada ou vivificante.** Por este fato, que parece fora de dúvida, e que confirmam, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, encontramos nas relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo, um novo princípio de higiene que a ciência, sem dúvida um dia fará entrar em linha de conta. Podemos, pois, subtrair-nos a essas influências emanando de uma fonte inacessível aos meios materiais?

Sem nenhuma dúvida; porque do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres destruindo-lhes a fonte dos miasmas pestilentos, **podemos sanear a atmosfera moral que nos cerca**, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que não podemos escapar às exalações pantanosas, porque **isto depende unicamente de nossa vontade**, e ali não estará um dos menores benefícios do Espiritismo quando for universalmente compreendido e sobretudo praticado.

Um princípio perfeitamente averiguado por todo Espírita, é que **as qualidades do fluido perispiritual estão em razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais seus sentimentos são elevados e livres das influências da matéria, mais seu fluido é depurado.** Segundo os pensamentos que dominam num encarnado, ele irradia raios impregnados desses mesmos pensamentos que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, embora impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis para os sentidos perispirituais, e visíveis para os olhos da alma, uma vez que impressionam fisicamente e tomam aparências muito diferentes para aqueles que estão dotados da visão espiritual.

Unicamente pelo fato da presença dos encarnados numa assembleia, os fluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, segundo os pensamentos dominantes sejam bons ou maus. Quem traz consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, em uma palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha ao seu redor eflúvios fluídicos malsãos, que reagem

sobre aqueles que o cercam. Numa assembleia, ao contrário, onde todos não trouxessem senão **sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar estará impregnado de emanções saudáveis** no meio das quais sente-se viver mais comodamente.

Se se considera agora que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos similares, compreende-se que cada indivíduo conduz consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que assim o ar está saturado de fluidos em relação com os pensamentos predominantes. Se os maus pensamentos estão em minoria, eles não impedirão as boas influências de se produzirem, mas as paralisam. Se eles dominam, enfraquecem a irradiação fluídica dos bons Espíritos, ou mesmo por vezes, impedem os bons fluidos de penetrar nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Este meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconheceu que um alimento é contrário à saúde? É rejeitado, e se os substitui por um alimento mais sadio. **Uma vez que são os maus pensamentos**

que engendram os maus fluidos e os atraem, é preciso se esforçar de deles não ter senão bons, repelindo tudo o que é mau, como se repele um alimento que pode nos tornar doentes, em uma palavra, trabalhar pela sua melhoria moral, e, para nos servir de uma comparação do Evangelho, “não só limpar o vaso por fora, mas limpá-lo, sobretudo, por dentro.” ⁽⁹⁴⁾

O fato é que os Espíritos, ainda que não sejam vistos, participam de nossas atividades, incluindo as reuniões mediúnicas. Daí ser importantíssimo que cada um de nós possa “escolher”, por sintonia, aqueles acompanhantes, que se afinam com nossa maneira de ser e agir, de modo que as vibrações emitidas por eles não prejudiquem o nosso trabalho nelas.

Bem claro ficou a questão de termos que *“sanear a atmosfera moral que nos cerca”*, uma vez que *“são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem”*, é algo que *“depende unicamente de nossa vontade”*, uma vez que *“as qualidades do fluido perispiritual”* liga-se diretamente aos nossos sentimentos.

Os Espíritos superiores não deixaram dúvida de que “*O semelhante atrai semelhante.*” ⁽⁹⁵⁾ Ora, isso nos coloca novamente diante da necessidade de trabalharmos para ter uma razoável elevação moral, de modo que os nossos “companheiros espirituais” sejam só de bons Espíritos, que, certamente, produzirão efeitos positivos numa reunião mediúnica.

Léon Denis, o continuador de Allan Kardec, também falou a respeito dos nossos maus pensamentos. No capítulo “XXXII – A vontade e os fluidos”, da obra ***Depois da Morte***, esclarece-nos:

Sim, a vontade exercida no sentido do bem e conforme às leis eternas pode realizar grandes coisas. Pode, também, muito para o mal. **Nossos maus pensamentos, nossos desejos impuros, nossas ações culpáveis corrompem os fluidos que nos rodeiam e o contato desses vai provocar mal-estar e produzir impressões desagradáveis naqueles que de nós se aproximam**, pois todo organismo sofre a influência dos fluidos ambientes. De igual modo, sentimentos generosos, pensamentos de amor, de calorosas exortações, vão penetrar os seres que nos cercam, sustentá-los, vivificá-los. Assim se explicam o império exercido sobre

as multidões pelos grandes missionários e as almas de elite e a influência contrária dos maus, que podemos sempre conjurar, é verdade, por uma resistência enérgica da nossa vontade. ⁽⁹⁶⁾

Os participantes da reunião de desobsessão devem refletir seriamente sobre esse detalhe que, à primeira vista, pode parecer insignificante, mas que, na verdade, é de suma importância.

O médico António J. Freire (1877-1958), foi orador e escritor vinculado ao movimento espírita de Portugal, em ***Da Alma Humana***, orienta-nos:

[...] a maioria dos *médiuns psicógrafos* são geralmente *intuitivos* e algumas vezes *semi-mecânicos*, donde deveriam certas lacunas e deficiências nas manifestações subjetivas do Além, sobre tudo quando a **sua preparação moral, intelectual e de cultura sejam deficientes**. É por esse motivo que **todos os autores espíritas recomendam com toda a solidariedade e insistência aos *médiuns* a necessidade imprescindível duma dupla higiene: moral, pela rigorosa prática dos preceitos cristãos; intelectual, pelo desenvolvimento duma cultura geral, e em especial, pelo estudo e**

conhecimento dos princípios básicos do Espíritos, especialmente na sua relação de conjunto. Se, para o grupo dos fenômenos físicos supranormais, estes conhecimentos têm uma importância capital e decisiva, no valor e transcendência das comunicações mediúnicas. **Poucos são os médiums que tenham o pleno conhecimento das graves responsabilidade da elevada função social que lhes foi confiada, e do cumprimento dos deveres inerentes a tão nobre e delicada missão,** como instrumentos da grande renovação filosófica e religiosa que há de conduzir a Humanidade, liberta de superstições e de dogmas, ao majestoso e fecundo templo da Religião-ciência, tendo por cúpula a Fraternidade Universal, unindo todos os povos, de polo a polo, de mundo a mundo, numa mesma vibração sintônica de Luz, Paz e Amor, num amplexo de regate e de redenção, tendo por catedral a majestosa e magnificente Natureza, expressa nos esplendores da Divina Criação. ⁽⁹⁷⁾ (itálico do original)

Esses conselhos de António J. Freire são fundamentais, encontrando respaldo nas obras publicadas pelo Codificador, razão pela qual estamos insistindo um pouco nessa questão de reforma moral

dos médiuns e todos os participantes da reunião.

Allan Kardec, em *A Gênese*, também evidenciou de forma bem clara que os nossos pensamentos podem corromper os fluidos do ambiente que nos encontramos: *“Os nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.”* ⁽⁹⁸⁾

Ainda em *A Gênese*, no capítulo “XIV – Os fluidos”, tópico “Qualidade dos Fluidos”, item 19, lemos:

Assim se explicam os efeitos que se produzem nos lugares de reunião. **Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos.** É como uma orquestra, um coro de pensamentos, onde cada um emite uma nota. **Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos** cuja impressão cada um recebe pelo sentido espiritual, como num coro musical cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido da audição.

Mas **do mesmo modo que há irradiações sonoras, harmônicas ou dissonantes, também há pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto** é harmonioso, a impressão é

agradável; se **for discordante, a impressão será penosa**. Ora, para isso não é necessário que o pensamento se exteriorize por palavras; quer ele se externe, quer não, a irradiação existe sempre.

Tal é a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática, animada de pensamentos bons e benévolos, na qual reina uma saudável atmosfera moral e se respira à vontade; sai-se reconfortado dali, porque impregnado de salutares eflúvios fluídicos. Basta, porém, que se misturem aí alguns pensamentos malévolos, para produzirem o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido ou o de uma nota desafinada num concerto. Desse modo também se explica a ansiedade, **o indefinível mal-estar que se experimenta numa reunião antipática**, na qual pensamentos malévolos provocam correntes de fluido repugnante. ⁽⁹⁹⁾

Em um ambiente onde predominam os fluidos de pensamentos elevados, esses acabam por repercutir positivamente no Espírito manifestante, fazendo-o “sentir-se bem” na reunião.

Intimamente, ligado à moral também haverá o produto dos nossos pensamentos, não é mesmo? A obra que faz referência a respeito disso é

Mensagens de Além-túmulo (1943), com trinta mensagens do Espírito Eurípedes Barsanulfo, através do médium José dos Santos Junior. Vejamos o seguinte trecho do Capítulo “I – Cuidado com os vossos pensamentos”, cuja mensagem é datada de 18/06/1943:

Meus bondosos irmãos: a vossa presença em torno a esta mesa de caridade tem como fim principal oferecer-vos exemplos e ensinamentos que sirvam para uma nova orientação em vosso modo de agir e pensar. Digo bem: agir e pensar, pois **quantos de vós ainda vivem pensando em coisas por tal forma inferiores que vós próprios tendes vergonhas de confessar!**

Lembraí-vos de que **esses pensamentos são percebidos por uma grande quantidade de entidades**, pertencentes às mais variadas gradações espirituais deste plano astral do planeta Terra. Esses pensamentos são, portanto, o atrativo de seres que muitas vezes passam a vos seguir e perturbar-vos em vossa vida diária.

Assim é que, **portanto deveis não só tomar cuidado com as palavras que proferis, mas também deveis estar em guarda para com vossos pensamentos.**

Já tivemos informações de que “*semelhante atrai semelhante*”, portanto, essa orientação de Eurípedes Barsanulfo faz todo o sentido, cabe-nos cumprir esta recomendação de Jesus: “*Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.*” (Mateus 26,41).

A busca incessante de melhoria moral deve ser o foco principal dos participantes da reunião, pois somente pela ascendência moral é que conseguirão “afastar” os Espíritos obsessores. É exatamente ela que lhes dará condições de os esclarecer com amor, aliando, certamente, às preces em que esse sentimento fique perceptível aos quais se dirige os argumentos.

6.7. Seria útil definir: dia, horário e local certos?

Na ***Revista Espírita 1867***, mês de junho, Allan Kardec publica o artigo “*Nova sociedade espírita de Bordeaux*”, em que transcreve algumas passagens do relatório anual da Sociedade Espírita de Bordeaux. Extraímos, por oportuno, o seguinte

trecho:

“Desde que nos constituímos temos **duas sessões por semana**. Esse duplo trabalho nos foi imposto pela necessidade de consagrar **uma sessão particular (a de quinta-feira) aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças que eles ocasionam**, e reservar outra sessão (a de sábado) aos estudos científicos. [...].

“Aliás, há em Bordeaux muitos casos de obsessão, e **uma sessão por semana, especialmente consagrada à evocação e à moralização dos obsessores, está longe de ser suficiente**, pois o médium curador, acompanhado de um médium escrevente, de um evocador e, por vezes, por alguns de nossos irmãos, **vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores** e chegar mais facilmente ao resultado. ⁽¹⁰¹⁾

Vários parágrafos à frente, lemos:

Chamamos ainda a atenção para o parágrafo seguinte:

“Embora tenhamos excelentes instrumentos para os nossos estudos, compreendemos que seu número se havia tornado insuficiente, sobretudo em presença da extensão sempre crescente da Sociedade. **A escassez dos médiuns**

muitas vezes veio trazer obstáculos à marcha regular dos nossos trabalhos, e compreendemos que era necessário, tanto quanto possível, **desenvolver as faculdades que jazem latentes na organização de muitos de nossos irmãos**. É por isto que **acabamos de decidir que uma sessão especial de ensaios mediúnicos** seria realizada aos domingos, às duas horas da tarde, na sala de nossas reuniões. Julguei dever para elas convidar não só nossos irmãos em crença, mas ainda os estrangeiros que desejassem tornar-se úteis. **Estas sessões já deram resultados que ultrapassaram a nossa expectativa**. Aí fazemos escrita, tiptologia, magnetismo. Várias faculdades muito diversas aí foram descobertas e daí saíram dois sonâmbulos que, parece, devem ser muito lúcidos.” ⁽¹⁰²⁾

Não pudemos deixar de incluir esse trecho, pois há nele algo muito interessante. Trata-se da criação pela Sociedade de Bordeaux de uma reunião dedicada ao “desenvolvimento” de médiuns. Imediatamente, após o último parágrafo, Allan Kardec, enfaticamente, disse:

Não podemos senão aplaudir o
programa da Sociedade de Bordeaux e

cumprimentá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. [...] **A maneira pela qual procede para o tratamento das obsessões é, ao mesmo tempo, notável e instrutiva**, e a melhor prova de que essa maneira é boa, é de que dá resultado. [...]. ⁽¹⁰³⁾

Ou seja, o Codificador sanciona o procedimento realizado pelos membros da Sociedade de Bordeaux para o tratamento das obsessões. Aliás, vale a pena registramos do artigo “Breve Excursão Espírita”, publicado em julho, na mesma **Revista Espírita 1867**, o seguinte trecho:

Malgrado nossa curta estada em Bordeaux, pudemos assistir a duas sessões da Sociedade: uma consagrada ao tratamento dos doentes e outra a estudos filosóficos. **Assim pudemos constatar por nós mesmos os bons resultados** que sempre são o fruto da perseverança e da boa vontade. Pelo relato que publicamos em nosso número precedente sobre a sociedade bordelesa, **pudemos, com conhecimento de causa, acrescentar nossas felicitações pessoais**. [...]. ⁽¹⁰⁴⁾

Portanto, o Codificador esteve em Bordeaux e

participou da reunião dedicada ao tratamento dos doentes, o que faz de sua opinião algo inquestionável, por retratar uma realidade da qual foi testemunha ocular.

Acreditamos ser algo bem curioso isto que foi dito a respeito de um grupo de médiuns que *“vai ao domicílio dos doentes, a fim de melhor se identificar com os obsessores e chegar mais facilmente ao resultado.”* Talvez aqui se possa ter o fundamento para convidar os pacientes a irem à casa espírita nos dias das reuniões de desobsessão, a fim de facilitarem o processo de “sintonia” e não para estarem presentes na sala dedicada à reunião, onde ocorrerá as manifestações, é preciso esclarecer.

Quanto ao horário, transcrevemos de **O Livro dos Médiuns**, os seguintes trechos destes três capítulos:

a) Capítulo “XVII – Formação dos médiuns”:

217. [...] Como os Espíritos não estão constantemente às suas ordens, os médiuns correm o risco de ser enganados por mistificadores. **É bom que adotem, para evitar esse mal, o sistema de só**

trabalhar em dias e horas determinados, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento; além disso, **os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos do horário das reuniões, se disporão melhor a prestar esse auxílio.** ⁽¹⁰⁵⁾

b) Capítulo “XXV – Evocações”, item 282:

16. *São preferíveis as evocações **em dias e horas determinados**?*

“Sim, e se for possível, no mesmo lugar, pois os Espíritos aí comparecem com mais satisfação. O desejo constante que tendes é que auxilia os Espíritos a se porem em comunicação convosco. **Eles têm ocupações, que não podem deixar de repente para a vossa satisfação pessoal.** Quando digo no mesmo lugar, não julgueis que isso deva constituir uma obrigação absoluta, já que os Espíritos vão a toda parte. Quero dizer que **é preferível um lugar consagrado às reuniões, porque o recolhimento se faz mais perfeito.**” ⁽¹⁰⁶⁾ (itálico do original)

19. *Haverá dias e horas mais propícios para as evocações?*

“Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, como tudo o que é material, e seria superstição acreditar-se na influência dos dias e das horas. **Os**

momentos mais propícios são aqueles em que o evocador possa estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; aqueles em que se ache mais calmo de corpo e de espírito.” ⁽¹⁰⁷⁾
(itálico do original)

c) Capítulo “XXIX – *“Reuniões e sociedades espíritas”*:

333. **Existe ainda outro ponto não menos importante: o da regularidade das reuniões.** Em todas elas sempre estão presentes Espíritos a quem poderíamos chamar *frequentadores habituais*, que não devem ser confundidos com os que se encontram em toda parte e em tudo se intrometem. Estamos nos referindo aos **Espíritos protetores, ou aos que são interrogados com mais frequência.** Não se pense que esses Espíritos nada mais tenham a fazer, senão ouvir o que lhes queiramos dizer ou perguntar. **Eles têm suas ocupações** e, além disso, podem achar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões se realizam em dias e horas certos, eles se preparam antecipadamente e é raro faltarem. **Alguns chegam a levar a pontualidade ao excesso.** Ofendem-se com o atraso de um quarto de hora e, se eles mesmos marcarem o horário da reunião, será inútil chamá-los antes desse momento. ⁽¹⁰⁸⁾ (itálico do original)

Então a recomendação é escolher dia e horário certos para se realizar as reuniões de desobsessão. Nos casos em que o espaço físico da casa permitir, seria bom se ter um local específico para a realização delas.

Como? Espíritos protetores *“que são interrogados com mais frequência”*? Ao que nos parece, na atualidade, em boa parte das casas espíritas não mais se evocam tais Espíritos, dando a entender que os encarnados são tão “sábios” que não precisam da orientação deles.

Por já ter a oportunidade de participar de reuniões mediúnicas, facilmente percebemos que muitos dos coordenadores das reuniões de desobsessão têm uma preocupação excessiva em relação aos horários de início e término, em um rigor que ultrapassa o mínimo de bom senso, quase igual ao que se aplica aos militares nos quartéis.

Não raras vezes, vimos um Espírito manifestante ser “despachado”, em nome de Jesus, é claro, com o argumento de estar “em cima da hora” do encerramento. Só faltou lhe dar instrução

para voltar “na próxima reunião” para continuar o diálogo.

Hoje, com base em nossos estudos ao longo de um bom tempo, podemos dizer que isso significa pura falta de conhecimento, porquanto, em **O Livro dos Médiuns**, no capítulo “XXIV – Reuniões e Sociedades Espíritas”, tópico “Reuniões em geral”, item 333, o Mestre de Lyon fala exatamente sobre esse ponto:

Acrescentemos, todavia, que embora os Espíritos prefiram a regularidade, **os de ordem verdadeiramente superior não se mostram tão meticolosos a esse ponto. A exigência de pontualidade rigorosa é sinal de inferioridade** como tudo o que seja pueril. É claro que eles podem comparecer mesmo fora das horas consagradas à reunião, apresentando-se de boa vontade se o fim que tenha em vista for útil. [...]. ⁽¹⁰⁹⁾

Portanto, diante de tão objetiva explicação, jamais deveríamos procurar “ser mais realistas que o rei”.

No capítulo “VII – Disciplina fraterna”, de **O**

Centro Espírita, o jornalista Herculano Pires tece as seguintes considerações:

O problema da disciplina no Centro Espírita é dos mais melindrosos e deve ser encarado entre as coordenadas da ordem e da tolerância. **Não se pode estabelecer e manter no Centro uma disciplina rígida, de tipo militar.** O Centro é além de tudo o que já vimos, um instrumento coordenador das atividades espirituais. No esquema das suas sessões teóricas e práticas **a questão do horário é imperiosa, mas não deve sobrepor-se às exigências do amor fraterno.** Não é justo deixarmos fora da sessão companheiros dedicados ou necessitados, porque chegaram dois ou três minutos atrasados. Vivemos num mundo material e não espiritual, em que **as pessoas lutam com dificuldades várias no tocante à locomoção, de compromissos diversos, e é justo que se dê uma pequena margem de tolerância no horário.** Essa margem não deve também ser estabelecida com rigor, mas deixada ao critério do dirigente dos trabalhos, que saberá dosar as coisas de acordo com as conveniências. **O rigor exagerado na questão de horário, mormente nas cidades mais populosas, causa aborrecimentos e mágoas a pessoas sensíveis que, depois de**

aflição e correria para chegar na hora certa, viram-se impedidas de participar da reunião por alguns segundos ou minutos. Temperando-se as exigências da ordem cronológica com dever da atenção aos companheiros podemos evitar aborrecimentos perfeitamente superáveis. Claro que esse é um problema a ser sempre esclarecido nas reuniões, para que **todos possam ter conhecimento da flexibilidade possível no horário. O simples fato de haver essa flexibilidade, já tira à disciplina o seu aspecto opressivo.**

Essa mesma dosagem de ordem e tolerância deve ser aplicada a outros problemas, de maneira a assegurar-se, o mais possível, um ambiente geral sem prevenções, que muito ajudará na realização dos trabalhos. ⁽¹¹⁰⁾

As ponderações de Herculano Pires são oportunas e, a nosso sentir, merecem uma atenção especial da parte de todos aqueles que participam das reuniões mediúnicas, incluindo aí os que as coordenam.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, no artigo “Nova sociedade espírita de Bordeaux”, lemos:

Um grupo da província, que se pode alinhar entre os mais sérios e melhor dirigidos, **introduziu este uso em suas reuniões** que, igualmente, ocorrem duas vezes por semana. Ele é exclusivamente composto dos oficiais de um regimento. Mas lá não é uma faculdade deixada a cada membro; é uma obrigação, que lhes é imposta pelo regulamento de falar cada um a seu turno. **Em cada sessão o orador designado para a próxima reunião deve se preparar para desenvolver e comentar um capítulo ou um ponto da doutrina.** Disso resulta para eles uma aptidão maior para fazer a propagação e defender a causa, em caso de necessidade.
(¹¹¹)

Embora, diretamente não tenha nada a ver com nosso tema, julgamos interessante a designação do orador, indicando-lhe o ponto a ser desenvolvido na reunião seguinte, o que em muito se assemelha ao que, atualmente, se faz na maioria das casas espíritas em suas reuniões públicas e, algumas vezes, nas particulares de estudo doutrinário e até mesmo em reuniões de desobsessão.

Em “*Obras Póstumas*”, tomamos conhecimento

de que Allan Kardec elaborou o “*Projeto 1868*”, que contém várias orientações a serem implementadas na Sociedade Espírita de Paris.

Julgamos não ser algo fora de propósito que se aplique também nas casas espíritas, a recomendação do 3º item do tópico “Estabelecimento Central” de, quando possível, se reservar “*um compartimento destinado às evocações íntimas, espécie de santuário, que não seria profanado por nenhuma ocupação estranha*” ⁽¹¹²⁾, por ter uma relação direta com esses tipos de reuniões.

6.8. Deve-se indicar o médium para sintonizar com o Espírito que vai se manifestar?

No item 275 de **O Livro dos Médiuns**, capítulo “XXV – Evocações”, tópico “Espíritos que se podem evocar”, Allan Kardec apresenta “*as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras, estranhas*”, que transcrevemos.

As causas estranhas residem

principalmente **na natureza do médium, no caráter da pessoa que evoca, no meio em que se faz a evocação** e, finalmente, no objetivo que se tem em vista. **Alguns médiuns recebem mais particularmente comunicações de seus Espíritos familiares**, que podem ser mais ou menos elevados; **outros se mostram aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos, dependendo isto da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito evocado**, o qual pode tomá-lo por intérprete, com prazer ou com repugnância. Isto também depende, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade mediúnica. **Os Espíritos se apresentam com maior boa vontade e, sobretudo, são mais explícitos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material.** Aliás, em igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se exprimir, tanto mais se generalizam suas relações com o mundo espiritual. ⁽¹¹³⁾

Destaque para o fato de que determinados médiuns podem causar repulsão aos Espíritos, portanto, entre eles e o médium não haveria

afinidades fluídicas, mas, sim, antagônicas.

De **Obras Póstumas**, capítulo “Manifestações dos Espíritos”, tópico “Dos Médiuns”, destacamos o seguinte item:

35. As relações entre os Espíritos e os médiuns se estabelecem por meio dos respectivos perispíritos, dependendo a facilidade dessas relações do grau de afinidade existente entre os dois fluidos. Alguns há que se combinam facilmente, enquanto outros se repelem, donde se segue que não basta ser médium para que uma pessoa se comunique indistintamente com todos os Espíritos. **Há médiuns que só com certos Espíritos podem comunicar-se ou com Espíritos de certas categorias**, e outros que não o podem a não ser pela transmissão do pensamento, sem qualquer manifestação exterior. ⁽¹¹⁴⁾

Ora, se nas manifestações há necessidade de haver afinidade fluídica entre o Espírito manifestante e o encarnado que lhe servirá de instrumento, não faz sentido o coordenador da reunião mediúnica designar um dos médiuns presentes para dar passividade ao Espírito que se comunicará.

Do artigo “Um antigo charreteiro”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de dezembro, ressaltamos da nota do Codificador, o seguinte trecho do último parágrafo:

Vimos médiuns, ciumentos a justo título de conservar suas boas relações de alémtúmulo, **repugnar-se em servirem de intérpretes aos Espíritos inferiores** que se podem chamar; é de sua parte uma suscetibilidade mal entendida. Do fato de que se evoque um Espírito vulgar, mesmo mau, não se está sob a sua dependência; longe disso, sois vós, ao contrário, quem o dominais: não é ele que vem se impor apesar de vós, como nas obsessões, vós que vos impondes a ele; ele não comanda, obedece; sois seu juiz e não sua presa. Além do mais, **podeis ser-lhe útil pelos vossos conselhos e vossas preces**, e vos é reconhecido pelo interesse que tomais por ele. **Estender-lhe uma mão segura, é fazer uma boa ação; repelindo, é faltar com a caridade; é mais ainda, é do egoísmo e do orgulho.** Estes seres inferiores **são, aliás, para nós um poderoso ensinamento; foi por eles que aprendemos a conhecer a classe baixa da população do mundo Espírita** e a sorte que espera aqueles que fazem, neste mundo, um mau uso de sua vida. [...]. ⁽¹¹⁵⁾

O primeiro ponto que trazemos a esse tópico é mostrar que o médium não deve recusar a sintonia com Espíritos inferiores, ainda que eles sejam extremamente maus. O segundo, é que, a qualquer Espírito que se apresente, jamais se pode deixar de *“ser-lhe útil pelos nossos conselhos e nossas preces”*, sempre, e em qualquer circunstância, se deverá *“estender-lhe uma mão segura”*.

Em “Boletim” da **Revista Espírita 1860**, mês de agosto, encontra-se o registro da sessão particular realizada no dia 06.06, do qual destacamos:

Estudos. 1º Evocação de François Arago, pela Senhorita H... **São Luís** responde que **esse médium não é aquele que convém a esse Espírito; convida para tomar um outro.**

Diversas perguntas são dirigidas, a esse respeito, sobre a aptidão especial dos médiuns para receberem comunicações de tal ou tal Espírito. A resposta foi esta: **“Um Espírito vem, de preferência, a uma pessoa cujas ideias simpatizem com as que teve quando vivo; há relação de pensamentos entre o céu e a Terra, mais ainda do que as há sobre a Terra”**. ⁽¹¹⁶⁾

Então, na prática, são os próprios Espíritos que “escolhem” o médium, obviamente, levando em conta a afinidade e sintonia para com ele. Portanto, jamais o coordenador da reunião deve indicar o médium para “receber” determinado Espírito.

Em “Correspondência de além-túmulo – Estudo medianímico”, publicado na *Revista Espírita 1865*, mês de abril, vamos destacar inicialmente o primeiro parágrafo da mensagem de B... e, logo após, o seguinte trecho dos comentários de Allan Kardec:

Eis-me, meu bom irmão; mas tu exiges muito; não posso, com a melhor vontade, satisfazer, numa só evocação, as numerosas perguntas que me diriges. **Não sabes que, algumas vezes, é muito difícil aos Espíritos transmitir seu pensamento com a ajuda de certos médiuns pouco apropriados a receberem nitidamente, no cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos**, e que, desnaturando-os, lhes dão uma marca de falsidade que conduz, da parte dos interessados, à negação mais formal da manifestação; o que é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente aqueles que, por falta de instrumentos convenientes, estão impossibilitados de dar sinais de

identidade suficientes. ⁽¹¹⁷⁾

Comentário de Allan Kardec:

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. **O primeiro é a dificuldade que sente o Espírito em se expressar com a ajuda do instrumento que lhe foi dado.** Conhecemos pessoalmente esse médium que deu há muito tempo provas como poder e flexibilidade de faculdade, sobretudo em fatos de evocações particulares; é o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde vem, pois, esse impedimento? **É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica que existe entre o Espírito e o médium.** Cada médium está, assim, mais ou menos apto para receber a impressão ou o *impulso* do pensamento de tal ou tal Espírito; ele pode ser um bom instrumento para um e um mau instrumento para o outro, sem que isso prejudique nada contra suas qualidades, sendo esta condição mais orgânica do que moral. Os Espíritos procuram, pois, de preferência, os instrumentos que vibrem em uníssono com eles; impor-lhes o primeiro que chega, e crer que eles podem indiferentemente dele se servirem, seria como se se impusesse a um pianista tocar violão, pela razão que, sabendo música, deve saber tocar todos os

instrumentos.

Sem essa harmonia única que pode levar à assimilação fluídica, tão necessária na tiptologia quanto na escrita, as comunicações são ou impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Na falta do Espírito que não se pode ver, se não pode se manifestar livremente, para isso não faltam outros sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. **Esta assimilação fluídica é algumas vezes inteiramente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns;** outras vezes, e é o caso mais comum, ela não se estabelece senão gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações atestam, quase sempre, um certo embaraço e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, ao mesmo tempo pela teoria e pela experiência, que **não há mais médiuns universais para as evocações senão pela aptidão aos diversos gêneros de manifestações.** Aquele que pretenda receber à vontade, a propósito, as comunicações de todos os Espíritos, e poder satisfazer, por conseguinte, os legítimos desejos de todos aqueles que querem conversar com os seres que lhe são caros, farão prova, ou de uma ignorância radical dos princípios mais

elementares da ciência, ou de charlatanismo, e, em todos os casos, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Num tempo pôde-se acreditar-lo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram que isto não se pode em princípio. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez por um médium sem nenhum embaraço, isto prende-se a uma afinidade fluídica excepcional, ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium a um Espírito que se quer evocar; é preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas como fazer, dir-se-á, se não se tem senão um único médium, o que é muito frequente? Primeiro, contentar-se com o que se tem, e abster-se do que não se tem. Não está mais no poder da ciência espírita em mudar as condições normais das manifestações, quanto à química de mudar as da combinação dos elementos.

No entanto, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, **quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre preliminarmente evocar seu guia espiritual, e lhe perguntar se ela é possível; em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento.** Se houver dificuldade ou

impossibilidade, pedir para fazê-lo por intermédio do guia do médium ou de fazê-lo assistir. Neste caso, o pensamento do Espírito não chega senão de segunda mão, quer dizer, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, o quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o é por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a sua comunicação será alterada. Aqui, as faculdades pessoais do médium desempenham, forçosamente, um papel importante, pela natureza dos Espíritos que atraí para si. Os médiuns mais indignos podem ter poderosas faculdades, mas os mais seguros são aqueles que, a esse poder, juntam as melhores simpatias no mundo invisível; Ora, essas simpatias não são de nenhum modo garantidas pelos nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações, mas pela natureza constantemente boa das comunicações que deles recebem.

Estes princípios estão, ao mesmo tempo, fundados sobre a lógica e sobre a experiência; as próprias dificuldades que acusam, provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levianamente. ⁽¹¹⁸⁾ (itálico do original)

Mais claro que isso é impossível, Allan Kardec foi bem objetivo quanto à necessidade de sintonia

fluídica entre o comunicante e o médium que lhe servirá de instrumento, não sendo à escolha do coordenador ou de algum dos médiuns presentes na reunião, será o desencarnado que escolherá o medianeiro pelo qual sentir afinidade.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, o artigo “O doutor Vignal”, inserido em “Conversas de além-túmulo,” é iniciado desta forma:

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, dos interessantes estudos sobre o Espírito das pessoas vivas publicados na *Revista* de janeiro e março de 1860, e aos quais foram submetidos o Sr. conde de R... e o **Sr. doutor Vignal**. Este último distante há vários anos, morreu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido e que vê muito bem os Espíritos, se o via. “Eu vejo, disse ele, um cadáver no qual se opera um trabalho extraordinário; [...]. Não distingo a forma do Espírito bem determinada.”

No dia 31 de março ele foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo **sonâmbulo** assistia adormecido à sessão durante a evocação. **Ele o viu e o descreveu perfeitamente enquanto se comunicava ao médium de sua escolha.**

Dizemos de sua escolha, porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz a evocação de um Espírito pela primeira vez, **convém que todos os médiuns presentes se coloquem à sua disposição**, e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns. ⁽¹¹⁹⁾

A orientação do Codificador é que todos os médiuns presentes na reunião se coloquem à disposição, pois, cabe ao Espírito interessado em se manifestar a escolha de um dentre eles.

Na ***Revista Espírita 1867***, mês de março, foi registrada uma situação bem interessante, Trata-se de uma comunicação coletiva, ocorrida na reunião de 1º de novembro de 1866, em que se comemora o dia dos mortos, na qual **quarenta e seis** Espíritos se manifestaram pelo médium Sr. Bertrand. Valerá a pena lermos a nota de Allan Kardec após essas mensagens e o registro da comunicação do guia do médium:

Nota. **Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de um número muito grande de Espíritos podem se assimilar quase instantaneamente com o fluido do médium,** para transmitir-lhe seu pensamento, ao passo que essa assimilação, frequentemente, é difícil da parte de um só Espírito, e não se estabelece, geralmente, senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois deu, espontaneamente a explicação adiante.

“A comunicação que obtivestes no dia de Todos os Santos, assim como a última que dela é o complemento, embora nela haja nomes repetidos, foram obtidas da maneira seguinte: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. **Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te, o mais exatamente possível, os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejaram se manifestar.** Eles formaram ao redor de mim uma assembleia cujos membros **ditavam, alternativamente, todos os pensamentos que te transmiti.** Isto foi espontâneo, e **o que tornou naquele dia as comunicações mais fáceis, foi que os Espíritos presentes tinham saturado o apartamento com os seus fluidos.**

“Quando um Espírito se comunica com um médium, ele o faz com tanto mais facilidade quanto as relações fluídicas estejam melhor estabelecidas entre eles, senão o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética que chega ao cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou de qualquer outra causa, não pode estabelecer essa corrente ele mesmo, ele recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como venho de indicá-lo.”

SLENER. ⁽¹²⁰⁾

Na verdade, foi o Espírito Slener, guia do médium, quem verbalizou, se assim podemos dizer, o pensamento de todos os quarenta e seis Espíritos, portanto, não ocorreu a manifestação de cada um deles através de sintonia por ligação fluídica com o médium.

Em “Ditados espontâneos e dissertações espíritas”, constante da **Revista Espírita 1860**, mês de junho, há uma mensagem intitulada “Influência do médium sobre o Espírito”, que leva a

assinatura de Alfred de Musset (¹²¹):

Só os Espíritos superiores podem se comunicar indistintamente com todos os médiuns, e ter, por toda parte, a mesma linguagem; mas eu não sou um Espírito superior, eis porque, às vezes, sou um pouco material! Entretanto, sou mais avançado do que o credes.

Quando nos comunicamos com um médium, a emanção de sua natureza reflete, mais ou menos, sobre nós; por exemplo, **se o médium é dessas naturezas onde o coração domina, desses seres elevados, capazes de sofrer por seus irmãos; enfim, dessas almas devotadas, grandes, que a infelicidade tornou fortes, e que permaneceram puras no meio da tormenta, então o reflexo faz bem**, nesse sentido que nos corrigimos espontaneamente, quando a nossa linguagem disso se ressentir; mas, no caso contrário, **se nos comunicamos por um médium de natureza menos elevada, servimo-nos, pura e simplesmente, de sua faculdade como de um instrumento; é então que nos tornamos o que chamamos um pouco materiais; dizemos coisas espirituais, se quiserdes, mas deixamos o coração de lado**.

Pergunta. Os médiuns instruídos, e de um

espírito cultivado, são mais aptos a receberem comunicações elevadas que aqueles que não têm instrução? – Resposta. Não; eu o repito: **só a essência da alma se reflete sobre os Espíritos, mas só os Espíritos superiores lhe são invulneráveis.** ⁽¹²²⁾

Portanto, somente os Espíritos superiores teriam a capacidade de se manifestar por qualquer médium.

Na mensagem há um ponto importante que deve ser ressaltado. Trata-se da influência moral do médium na comunicação, onde se vê que quanto mais elevado for moralmente menos desconforto causará aos Espíritos inferiores que por ele se manifestam.

6.9. Há um limite de manifestações por médium?

Não vimos Allan Kardec estabelecendo um determinado limite específico de manifestações que cada médium deveria obedecer.

Entretanto, vamos encontrar algo em ***O Livro***

dos Médiuns, Segunda parte, capítulo “XVIII – Inconvenientes e perigos da mediunidade”, no tópico “Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde”, no item 221 que vale a pena transcrever:

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?

“O exercício muito prolongado de qualquer faculdade provoca fadiga. A mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica **aos efeitos físicos**. Ela necessariamente **ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga**, mas que se repara pelo repouso.”

3. Do ponto de vista higiênico, o exercício da mediunidade pode ter inconvenientes em si mesmo, excluindo-se os casos de abuso?

“Há casos em que é prudente, necessário mesmo, a abstenção, ou, pelo menos, o exercício moderado; **vai depender do estado físico e moral do médium**. Aliás, o médium o sente geralmente e, quando isso acontece, deve abster-se.”

4. Haverá pessoas para quem esse exercício seja mais inconveniente do que para outras?

“Eu já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Há

peçoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação e o exercício da mediunidade é uma delas.” (Itens 188 e 194.) ⁽¹²³⁾ (itálico do original)

Observamos que o Codificador deixou na responsabilidade do médium a questão de dar ou não passividade, entretanto, não falou nada especificamente quanto à sua quantidade.

A fadiga pelo exercício prolongado é mais comum na mediunidade de efeitos físicos. Pode até ser que em outros tipos ocorra fadiga, mas, pelo que deduzimos do que foi dito, não seria uma fadiga tão elevada quanto as que se produzem nos fenômenos efeitos físicos.

Bom, com isso poderíamos dizer que os grupos mediúnicos que estabelecem a quantidade de manifestações por médium estariam equivocados?

Analizando bem essa questão, é possível concluir-se que, na verdade, isso é recomendável. Sim, caro leitor, já estamos vendo sua “cara de espanto”.

Mas, pense bem, caro leitor, se deixarmos isso

“livre” não poderá ocorrer que um médium tente monopolizar as manifestações dos Espíritos, não abrindo espaço para nenhum outro médium participar do trabalho mediúnico?

Como ainda não nos tornamos “anjos”, essa é a razão pela qual julgamos **prudente** estabelecer esse limite, que será definido entre os participantes da reunião de desobsessão, levando-se em conta o número de médiuns psicofônicos disponíveis e o tempo estipulado para a tarefa mediúnica.

Na obra ***Diretrizes de Segurança***, os médiuns José Raul Teixeira e Divaldo Pereira Franco, questionados, responderam o seguinte:

52. Que pensar dos médiuns psicofônicos que recebem diversos Espíritos, durante a sessão, um atrás do outro? Será indício de grande mediunidade?

RAUL - A mediunidade amadurecida não é identificada pelo número de desencarnados que se comuniquem por um único médium, numa mesma sessão, entretanto, será identificada pelo teor das comunicações, pela qualidade do fenômeno, que demonstrará a maior ou menor afinação do médium com as responsabilidades da

tarefa.

Cada médium, quando devidamente esclarecido e maduro para o desempenho dos seus compromissos, saberá que **o número avultado de comunicações por sessão poderá indicar descontrole do instrumento encarnado e não a sua pujança mediúnica**. Há médiuns que prosseguem dando passividade a Entidades durante a prece de encerramento, sem qualquer disciplina, quando não justificam que tais Entidades estavam programadas, como se os Emissários do Além, responsáveis por lides tão graves, tivessem menor bom senso que nós, encarnados.

Um número de até duas comunicações, e, em casos de grande necessidade e carência de outros médiuns, até três, parece bastante coerente.

Todos os médiuns, assim, terão chance de atender aos irmãos desencarnados, **sem desnecessários desgastes**. ⁽¹²⁴⁾ (O negrito da pergunta no original nós substituímos por itálico)

57. Quantas comunicações um mesmo médium pode receber durante a sessão mediúnica de atendimento a Espíritos sofredores?

DIVALDO – Um médium seguro, num trabalho bem organizado, deve receber

de duas a três comunicações, quando muito, para que dê oportunidade a outros companheiros de tarefas, e para que não tenha um desgaste exagerado.

Tenho tido o hábito de observar, em médiuns seguros, conhecidos nossos, que eles incorporam, em média, três Entidades sofredoras ou perturbadoras e o Mentor Espiritual; raramente ocorrem cinco manifestações pelo mesmo instrumento, principalmente num grupo. ⁽¹²⁵⁾ (O negrito da pergunta no original nós substituímos por itálico)

A quantidade de duas ou três “*para que dê oportunidade a outros companheiros de tarefas*”, tudo bem é o que nos parece ser razoável, entretanto a justificativa, dada por ambos, quanto ao desgaste desnecessário ou exagerado, sentimos muito, mas para nós não faz nenhum sentido, levando-se em conta o que o Espíritos superiores disseram ao consultar a obra *O Livro dos Médiuns*.

Certamente que alguém poderá nos apresentar uma orientação de André Luiz a respeito do tema. Sim, é fato. Na obra **Desobsessão** (1964), no capítulo 40 – Manifestações simultâneas, no primeiro

parágrafo lemos:

Só se devem permitir, a cada médium, duas passividades por reunião, eliminando com isso maiores dispêndios de energia e manifestações sucessivas ou encadeadas, inconvenientes sob vários aspectos. ⁽¹²⁶⁾

Em nossa maneira de ver, ao determinar a quantidade, esse autor espiritual foi muito rigoroso, indo além do que falou o Codificador ao dizer *“eliminando com isso maiores dispêndios de energia”*.

Defendemos o ponto de vista que uma possível fixação da quantidade seja decisão do grupo mediúnico, mas cada um é livre para seguir o que ele recomenda.

6.10. Recomendações para o dia e o início da reunião, bem como sobre a conversação antes e depois dela

Inicialmente, é preciso esclarecer que pode até parecer que falar de conversação não seria um

assunto adequado se levarmos em conta o contexto do tema desse ebook, entretanto nos deparamos com orientações que valerá a pena trazê-las para a nossa reflexão.

Na obra ***Mensagens de Além-túmulo*** (1943), contendo trinta mensagens do Espírito Eurípedes Barsanulfo, através do médium José dos Santos Junior, encontra-se referência de como se deve proceder durante o dia da reunião. Vejamos o teor do capítulo “X – Como se comportar durante o dia designado para tomar parte numa mesa de caridade”, designação que autor espiritual dá à reunião de desobsessão, mensagem datada de 21 de julho de 1943:

MEUS BONDOSOS IRMÃOS. Quis a bondade de nosso Pai Celestial que hoje vos fale sobre a maneira pela qual vos deveis comportar em torno a uma mesa de caridade.

Inicialmente, devo recordar-vos o que muitas vezes vos tem sido repetido, isto é, que **nos dias designados para os trabalhos de caridade, desde manhã, todos os vossos atos devem ser rigorosamente fiscalizados**, para que

suas consequências não possam de nenhum modo afetar a pureza de vossos pensamentos à noite.

Igualmente, **deveis evitar nesses dias todo o trabalho que vos possa causar demasiada cansaça ou preocupação** para que tenhais facilidade em concentrar vossos pensamentos no Pai Celestial, **todos unidos, numa só vibraçaõ harmoniosa.**

Assim procedendo, nossa atividade aqui é **grandemente facilitada e os resultados obtidos junto aos irmãos desencarnados** em sofrimento são de alto proveito para eles.

Por outro lado vós também podereis ser muito melhor beneficiados pelos mensageiros médicos e outros beneficiadores que sempre se esforçam para que à vossa saída não sintais nenhuma dor e estejais rodeados de uma aura alegre e feliz.

Tende presente também que **os minutos que precedem o início das reuniões não devem ser preenchidos com assuntos inconvenientes**, isto é, em desacordo com tão alta finalidade, como é a de demonstrardes às entidades do espaço, ainda desviadas do caminho que as deve conduzir ao Pai que elas precisam corrigir-se e pedir o perdão de suas faltas.

Justamente porque **nem sempre vossa mentalidade está devidamente**

preparada para tão sagrada missão, sucedem-se na mesa de caridade fatos desagradáveis cujas consequências recaem sobre vós próprios.

Lembraí-vos, meus amados irmãos, que **vossos pensamentos** firmes, unidos, serenamente voltados para o Pai Celestial, **constituem o ambiente ideal para todos os nossos trabalhos em favor de todos os que precisam ser auxiliados, desta ou daquela maneira.**

Além disso, **uma fusão assim de pensamentos forma um foco tão belo o poderoso que se torna um grande ponto de atração para os espíritos de todas as categorias**, dentro de um espaço incomensurável.

Muitos são os que se aproximam por essa forma, como Já vos foi descrito em mensagem anterior, sendo, todavia, de notar-se que **os maiores benefícios resultam em favor dos irmãozinhos que perambulam pelos espaços infindos, desorientados e que assistindo aos trabalhos como meros espectadores**, acabam encontrando a luz que lhes faltava para se guiarem em direção ao Pai.

Por isso, meus irmãos, **quando vos sentais em torno da mesa, fazei-o com a circunspecção própria de quem vai tomar parte num ato sagrado** que está sendo observado e, por muitos, até

analisado atentamente.

Convenci-vos de que cada um de vós tem uma importante missão a cumprir perante seus irmãos da Terra e do espaço que, portanto, está obtendo uma graça à qual deve fazer sempre jus, para que sejam todos igualmente beneficiados.

Finalmente, meus queridos irmãos, recordo-vos que quando resolvestes tomar novamente um corpo e baixar ao planeta Terra, foi por desejardes, por essa forma, subir mais um degrau na escada da espiritualidade.

Ora, só se progride nessa longa escada amando aos seus irmãos como a si próprios e amar aos outros significa não somente desejar-lhes felicidade, mas principalmente proporcionar-lhes os meios para que sejam felizes, interessando-se vivamente por eles, cada qual dentro de seu círculo evolutivo.
(¹²⁷)

Em princípio pensávamos em transcrever apenas um trecho, mas pensando melhor, foi melhor transcrever toda a mensagem de Eurípedes Barsanulfo, porquanto, nela tem vários elementos que merecem da parte de todos nós a devida atenção.

Por oportuno, trazemos também estes trechos da obra **Desobsessão**, ditada pelo Espírito André Luiz através dos médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira (1932-2015):

1ª) Capítulo “1 – PREPARO PARA A REUNIÃO; DESPERTAR”

No dia marcado para as tarefas de desobsessão, os integrantes da equipe precisam, a rigor, **cultivar atitude mental digna, desde cedo.**

Ao despertar pela manhã, o dirigente, os assessores da orientação, os médiuns incorporadores, os companheiros da sustentação ou mesmo aqueles que serão visitas ocasionais no grupo, **devem elevar o nível do pensamento**, seja orando ou acolhendo ideias de natureza superior.

Intenções e palavras puras, atitudes e ações limpas.

Evitar deliberadamente rugas e discussões, sustentando paciência e serenidade, acima de quaisquer transtornos que sobrevenham durante o dia.

Trata-se de preparação adequada a assunto grave: a assistência a desencarnados menos felizes, com a supervisão de instrutores da Vida Espiritual.

Imaginem-se os companheiros no lugar

dos Espíritos necessitados de socorro e compreenderão a responsabilidade que assumem.

Cada componente do conjunto é peça importante no mecanismo do serviço. Todo o grupo é instrumentação. ⁽¹²⁸⁾

2º) Capítulo “2 – PREPARO PARA REUNIÃO: ALIMENTAÇÃO”

A alimentação, durante as horas que precedem o serviço de intercâmbio espiritual, será leve.

Nada de empanturrar-se o companheiro com viandas desnecessárias.

Estômago cheio, cérebro inábil.

A digestão laboriosa consome grande parcela de energia, impedindo a função mais clara e mais ampla do pensamento, que exige segurança e leveza para exprimir-se nas atividades da desobsessão.

Aconselháveis os pratos ligeiros e as quantidades mínimas, crendo-nos dispensados de qualquer anotação em torno **da impropriedade do álcool,** acrescento observar que os amigos ainda necessitados do **uso do fumo e da carne, do café e dos temperos excitantes, estão convidados a lhes reduzirem o uso,** durante o dia determinado para a reunião, **quando não lhes seja possível a abstenção total,** compreendendo-se que a

posição ideal será sempre a do participante dos trabalhos que transpõe a porta do templo sem quaisquer problemas alusivos à digestão. ⁽¹²⁹⁾

3º) Capítulo “3 – PREPARO PARA A REUNIÃO: REPOUSO FÍSICO E MENTAL”

Após o trabalho, seja ele profissional ou doméstico, braçal ou mental, faça o seareiro da desobsessão **o horário possível de refazimento do corpo e da alma.**

Repouso externo e interno.

Relaxe, com ideações edificantes.

Abstenção de pensamentos impróprios.

Aspirações para cima.

Distância de preocupações inferiores.

Preparação íntima, podendo incluir leitura moralizadora e salutar.

Formação de ambiente particular respeitável, de cujos agentes espirituais, enobrecidos e puros, se valham os instrutores para a composição dos recursos de alívio e esclarecimento aos irmãos que, desenfaixados da veste física, ainda sofrem.

Os responsáveis pelas tarefas da desobsessão devem compreender que as comunicações reclamam espontaneidade e que o preparo a que nos referimos é de ordem geral, sem a fixação da mente em exigências ou gratificações de sentimento

pessoal. ⁽¹³⁰⁾

4º) Capítulo “4 – PREPARO PARA A REUNIÃO: PRECE E MEDITAÇÃO”

Pelo menos durante alguns minutos, horas antes dos trabalhos, seja qual for a posição que ocupe no conjunto, dedique-se o companheiro de serviço à prece e à meditação em seu próprio lar.

Ligue as tomadas do pensamento para o Alto.

Retire-se, em espírito, das vulgaridades do terra-a-terra, e ore, buscando a inspiração da Vida Maior.

Reflita que, em breve tempo, estará em contacto, embora ligeiro, com os irmãos domiciliados no Mundo Espiritual, para onde irá igualmente, um dia, e antecipe o cultivo da simpatia e do respeito, da compaixão produtiva e da bondade operosa para com todos aqueles que perderam o corpo físico sem a desejada maturação espiritual.

Dessa forma, estará caminhando para a colaboração digna com os benfeitores desencarnados que são os legítimos ministradores do bem. ⁽¹³¹⁾

São recomendações que devem merecer atenção especial de todos os participantes da reunião.

Da parte “Instruções particulares dadas aos grupos em resposta a algumas das questões propostas” constante de **Viagem Espírita em 1862**, destacaremos o seguinte trecho:

Frequentes vezes me tem sido indagado se **é útil começar as sessões com preces** e atos exteriores de culto religioso. A resposta não é apenas minha, mas também dos Espíritos que trataram desse assunto.

É, sem dúvida, não apenas útil, porém necessário rogar, através de uma invocação especial, por uma espécie de prece, o concurso dos bons Espíritos. Essa prática predispõe ao recolhimento, **condição especial a toda reunião séria.** O mesmo não se dá quanto às práticas exteriores de culto, através das quais certos grupos creem dever abrir suas sessões e que têm mais de um inconveniente, apesar da boa intenção com que são sugeridas.

Tudo nas reuniões espíritas deve se passar religiosamente, isto é, com gravidade, respeito e recolhimento. [...]. ⁽¹³²⁾

Embora essas recomendações tenham sido dadas para as reuniões de uma forma geral, acreditamos que devam ser aplicadas com maior

intensidade àquelas destinadas a manifestação de Espíritos. Incluindo, é claro, as de desobsessão.

Retornando, à **Desobsessão**, completamos:

5º) Capítulo “12 – CONVERSAÇÃO ANTERIOR À REUNIÃO”

Há sempre margem a conversações no recinto para os que chegam mais cedo, cabendo aos seareiros do conjunto **evitar a dispersão de forças em visitas, mesmo rápidas, mas impróprias, a locais vizinhos, sejam casas particulares ou restaurantes públicos.**

Compreensível rogar aos colaboradores da tarefa **a total abstenção de temas contrários à dignidade do trabalho que vão desempenhar.**

Evitem-se os anedotários jocosos, as considerações injuriosas a quem quer que seja.

Esqueçam-se críticas, comentários escandalosos, queixas, azedumes, apontamentos irônicos.

Toda referência verbal é fator de indução.

Se somos impelidos a conversar, durante os momentos que precedem a atividade assistencial, seja a nossa palestra algo de bom e edificante que auxilie e pacifique o clima do recinto, ao invés de conturbá-lo.

6º) capítulo “58 – CONVERSAÇÃO POSTERIOR À REUNIÃO”

Claro que, terminada a reunião, se sintam os integrantes da equipe inclinados a entrelaçar pensamentos e palavras na conversação construtiva, porquanto, se a alegria da obrigação cumprida não lhes marca o íntimo, algo existe na equipe a ser necessariamente retificado.

Euforia de confraternização, reconforto do dever nobremente atendido.

Não raro, surge a oportunidade da prosa afetiva em torno de um café ou enquanto se espera condução.

Falemos, cultivando bondade e otimismo.

Importante que a palestra não descambe para qualquer expressão negativa.

Se um dos desencarnados sofredores emitiu conceitos menos felizes, ou se um dos médiuns em ação não conseguiu desincumbir-se corretamente das atribuições que lhe foram conferidas em serviço, **evitem-se com empenho reprovações, críticas, motejos, sarcasmos.**

Compreendamos que uma equipe para a desobsessão se desenvolve e se aperfeiçoa

com serviço e tempo, como qualquer outra empresa produtiva, e **algum comentário desairoso, destacando deficiências e males, constitui prejuízo na obra do progresso e na consolidação do bem.**
(¹³⁴)

Que também prestemos bem atenção a essas ponderações em relação às conversações, pois, segundo entendemos, elas são pertinentes e não fogem à lógica e ao bom senso.

7. Afinal, pode-se ou não evocar os mortos?

Conversando com o amigo Ari Campos Vilela, da cidade de Santo Antônio do Amparo (MG), sobre essas reuniões, ele nos lembrou da importância dessa questão. Por essa razão, ela será abordada em capítulo à parte, pois o que havíamos falado anteriormente acabou ficando um tanto “perdido” no conjunto dessa pesquisa.

A frase “**o telefone toca de lá para cá**”, dita por Chico Xavier, causa uma certa confusão entre os espíritas, pois a tomam ao “pé da letra” e defendem que não se deve evocar os Espíritos em nenhuma circunstância.

Vejamos, por oportuno, o seguinte trecho do depoimento da Sra. Daisy Andrade Pastor Almeida (1911-1997), inserido na obra **Luz Bendita** (1977), de autoria de Rubens Silvio Germinhasi (1937-2024):

As lições chegam, na conversa amiga,
como mensagens diretas a quantos

necessitam delas. Outras vezes, em visita ao querido amigo em Uberaba, **encontrei-me com grande número de pais aflitos, desesperados, em busca de notícias dos filhos queridos**, que deixaram a vida, quase todos ainda jovens. Observe-se que nem todos são espíritas. Há casos de pessoas sem crença que foram levadas por amigos e por misericórdia de Deus, recebem suas mensagens e saem banhadas de pranto, consoladas, impressionadas mesmo com a autenticidade dos nomes, dos fatos relatados pelos comunicantes. É a prova da sobrevivência do espírito e de sua comunicação com os encarnados.

Numa dessas ocasiões, **um senhor perguntou ao Chico: “Porque ainda não recebi notícias de minha filha? Já vim aqui várias vezes e ainda não tive essa felicidade...”** O Chico, amável como sempre, **respondeu: “Não depende de mim, meu irmão; o telefone toca de lá para cá e não daqui para lá.”** O senhor agradeceu a resposta e pensativo saiu esperando nova oportunidade. ⁽¹³⁵⁾

Fica bem claro que, ao usar a frase, Chico Xavier queria apenas dizer, aos que o procuravam, que o “receber mensagens” não dependia dele, mas era uma função dos Espíritos envolvidos na

programação das designadas “cartas consoladoras”. Vê-se, portanto, que, equivocadamente, não a interpretam dentro do contexto em que ela fora dita.

Na questão 15 do item 100 do capítulo “VI – Manifestações visuais” de *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec fica claro que o pensamento é “*uma espécie de evocação*” capaz de “*atrair a presença do Espírito em que se pensa*” ⁽¹³⁶⁾.

Mas, é importante esclarecer que as evocações que aqui trataremos são somente aquelas relacionadas com os casos específicos de obsessão.

Acreditamos ser oportuno iniciar apresentando algumas explicações de **O Céu e o Inferno**, constantes do capítulo “XI – É proibido evocar os mortos?”:

a) Item 10

Dizem que a evocação é uma falta de respeito pelos mortos, cujas cinzas não devem ser perturbadas. Mas quem é que diz isso? São os antagonistas de dois campos opostos, que se dão as mãos, isto é, os incrédulos, que não creem nas almas, e os crentes, que pretendem que só os

demônios, e não as almas, é que podem vir.

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento; quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e simpatia, com desejo sincero de instrução e progresso, não vemos nada que denote falta de respeito em apelar-se para as pessoas mortas, como se fazia quando estavam entre nós. Há, porém, outra resposta categórica a essa objeção: é que os Espíritos se apresentam espontaneamente, sem constrangimento, muitas vezes mesmo sem que sejam chamados. Eles também dão testemunho da satisfação que experimentam por comunicar-se com os homens, e se queixam às vezes do esquecimento a que são relegados. **Se os Espíritos se perturbassem ou se agastassem com os nossos chamados, certamente o diriam ou não atenderiam ao chamado.** Já que são livres, quando se manifestam, é porque isso lhes convém. ⁽¹³⁷⁾

b) Item 15

Repelir as comunicações de alémtúmulo é rejeitar o meio mais poderoso de instruir-se, seja pela iniciação nos conhecimentos da vida futura, seja pelos exemplos que tais comunicações nos fornecem. A experiência nos ensina,

além disso, o bem que podemos fazer, desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a se desprenderem da matéria e a se aperfeiçoarem. **Interdizer as comunicações é, portanto, privar as almas sofredoras da assistência que lhes podemos e devemos dispensar.** As seguintes palavras de um Espírito resumem admiravelmente as consequências da evocação, quando praticada com fim caritativo:

“Todo Espírito sofredor e angustiado vos contará a causa da sua queda, os arrastamentos a que sucumbiu; falará sobre as suas esperanças, combates, terrores, remorsos, dores e desesperos; mostrará Deus justamente irritado a punir o culpado com toda a severidade da sua justiça. **Ao ouvi-lo, sereis movidos de compaixão por ele e de temor por vós mesmos.** E se o seguirdes nos seus queixumes, vereis então que Deus jamais o perde de vista, esperando o pecador arrependido e estendendo-lhe os braços logo que procure regenerar-se. Vereis os progressos do culpado, para os quais **tereis a felicidade e a glória de contribuir, com a solicitude e o carinho do cirurgião acompanhando a cicatrização da ferida que ele cuida diariamente.**” (Bordeaux, 1861.) ⁽¹³⁸⁾

A questão de considerar a evocação *“uma falta de respeito”* tem mais a ver com pensamento da teologia dogmática das religiões cristãs tradicionais, porém, chega ao Espiritismo via atavismo de alguns confrades convertidos que vieram desse meio.

Sim, de fato, as comunicações que ocorrem nas reuniões de desobsessão são uma inestimável fonte de conhecimento da vida futura, além disso nos dá a oportunidade de sermos úteis aos Espíritos equivocados. Inclusive, vários deles voltam para nos agradecer pela ajuda, fato esse que aquece o coração de todos os participantes da reunião.

Sabemos ser essa uma questão controvertida no movimento espírita, pois há confrades que ao invés das orientações emanadas dos Espíritos superiores que participaram da Codificação Espírita bem com as do Mestre de Lyon preferem seguir as ditadas por Emmanuel e André Luiz:

a) **Emmanuel:** *“Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.”* ⁽¹³⁹⁾;

Entendemos que esse *“em caso algum”* é algo

próximo ao radicalismo que não nos convém. Veja, caro leitor, como Emmanuel fez referência ao Codificador:

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada à necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.
(¹⁴⁰)

Segundo entendemos Emmanuel disse, na lata, que a evocação direta se justificou no período em que Allan Kardec desenvolvia a Codificação, hoje não mais. É oportuno trazer estes dois pontos para contra-argumentá-lo:

1º) O próprio Allan Kardec disse que “*em nenhuma parte o **ensino espírita foi dado de maneira completa***”, pois “*a revelação é feita parcialmente*” (¹⁴¹) e “*desta maneira que ela prosseguira ainda neste momento, porque **tudo não está revelado***” (¹⁴²), acrescentamos como conclusão “*Com a ajuda do que já descobriu, ele*

abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias" (143). Assim, fica claro a possibilidade do desenvolvimento de pontos que não foram abordados com profundidade, já que *"o seu ensino é graduado"* (144).

2º) Por não excluir a recomendação de se evocar os Espíritos obsessores; assim o que ele disse *"bate de frente"* com que o Codificador falou sobre esses casos.

b) **André Luiz:** *"Abolir a prática da invocação nominal dessa ou daquela entidade, em razão dos inconvenientes e da desnecessidade de tal procedimento em nossos dias"*. (145)

Embora Emmanuel e André Luiz mereçam todo o nosso respeito, se quem os seguem, refletissem com acuidade mudariam de atitude diante do que o próprio médium disse a respeito de seu mentor. Recorreremos à obra ***No Mundo de Chico Xavier***, para ver a seguinte resposta que Chico Xavier deu ao professor Dr. Elias Barbosa (1934-2011) que lhe perguntara: *"Emmanuel já vez para você alguma*

referência especial sobre Allan Kardec?”:

Lembro-me de que num dos primeiros contatos comigo, ele me preveniu que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, mas que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Allan Kardec e disse mais que, **se um dia, ele, Emmanuel, algo me aconselhasse que não estivesse de acordo com as palavras de Jesus e Kardec, que eu devia permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquecê-lo.**
(¹⁴⁶)

Em nossa opinião, nesse ponto em particular Emmanuel está certíssimo, devemos mesmo seguir Allan Kardec, até que seja sobejamente comprovado que algo que ele disse, diante de novas informações, não se aplica mais.

Em **O Livro dos Médiuns**, Parte Segunda, no Capítulo “XXV – Das evocações”, itens 269 a 272, há diversas e importantes recomendações para quem leva a sério a questão das evocações. Destacaremos as seguintes:

269. **Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou atender ao nosso apelo**, isto é, comparecer por meio de evocação. **Pensam algumas pessoas que não devemos evocar nenhum Espírito, sendo preferível que se espere por aquele que queira comunicar-se.** Segundo alegam, quando chamamos determinado Espírito não podemos ter certeza de que seja ele mesmo quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, por iniciativa própria, comprova melhor a sua identidade, porquanto, assim agindo, manifesta o desejo que tem de conversar conosco.

Em nossa opinião, isso é um erro. Primeiramente, porque estamos rodeados de Espíritos, quase sempre de condição inferior, que não desejam outra coisa senão comunicar-se. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, **não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar.** Numa assembleia, não dar a palavra a pessoa alguma é deixá-la livre a qualquer um, e sabe-se o que daí pode resultar. **A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós;** chamando-o pelo nosso desejo, impomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. **Sem um apelo direto, muitas vezes um Espírito não terá motivo algum para vir confabular conosco, a**

menos que seja o nosso Espírito familiar.

Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto. As comunicações espontâneas não apresentam qualquer inconveniente, desde que se tenha domínio sobre os Espíritos e não se permita que os maus tomem a dianteira. Então, é quase sempre vantajoso aguardar a boa vontade dos que se disponham a comunicar-se, pois o pensamento deles não sofre nenhum constrangimento e dessa maneira se podem obter coisas admiráveis. Entretanto, pode acontecer que o Espírito por quem se chama não esteja disposto a falar, ou não seja capaz de fazê-lo no sentido desejado. O exame escrupuloso, que temos aconselhado é, aliás, uma garantia contra as comunicações más. **Nas reuniões regulares,** principalmente naquelas em que se faz um trabalho continuado, **há sempre Espíritos habituais,** que ali comparecem sem que sejam chamados, por estarem prevenidos em virtude da própria regularidade das sessões. **Tomam, então, frequentemente a palavra, de modo espontâneo, para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deva fazer,** caso em que são facilmente reconhecíveis, quer pela forma da linguagem, que é sempre

idêntica, quer pela escrita, quer por certos hábitos que lhes são peculiares. ⁽¹⁴⁷⁾

Aqui se tem uma visão geral sobre as evocações, em que se percebe claramente que o Codificador inicia esclarecendo que os Espíritos podem, indistintamente, manifestarem-se de modo espontâneo ou comparecerem por meio da evocação. Acrescentando, entretanto, que *“Cada uma dessas duas maneiras de agir tem suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo absoluto”*.

Mas, se não estivermos enganados, ele dava preferência ao método de evocação direta, levando-se em conta este trecho *“não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas a todos os que queiram entrar.”*

270. Quando desejamos entrar em comunicação com determinado Espírito, é de absoluta necessidade que o evoquemos (item 203). Se ele pode vir, a resposta é geralmente *sim*, ou: Estou aqui, ou ainda: *Que quereis de mim?* Às vezes, entra diretamente no assunto, respondendo com antecedência às perguntas que lhe

queiramos fazer. ⁽¹⁴⁸⁾ (itálico do original)

Se queremos entrar em contato com um Espírito em particular, como geralmente acontece nos casos de obsessão, deve-se evocá-lo sem nenhum problema.

Aliás, acreditamos que nas reuniões de desobsessão muitas vezes será até mesmo necessário evocar diretamente o(s) Espírito(s) envolvido(s) na trama, objetivando libertá-lo(s) de sua fixação mental e com isso proporcionar paz a ele e à sua “vítima”.

No início do item 271, Allan Kardec disse algo interessante:

Muitas vezes é surpreendente a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. É como se já estivesse prevenido de que seria evocado e, de fato, é isso mesmo que acontece, quando aquele que o evoca já tinha previamente a intenção de fazê-lo. [...]. ⁽¹⁴⁹⁾

Diante dessa informação, perguntamos: qual o

problema que poderia surgir ao se evocar um Espírito?

Continuando, em **O Livro dos Médiuns**, Parte Segunda, capítulo “XXV – Das evocações”, tópico “Espíritos que se podem evocar”, entre outras coisas, o Codificador disse o seguinte:

278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar Espíritos maus. Isto depende do fim que se tenha em vista e da ascendência que se possa exercer sobre eles. **Não há inconveniente quando são chamados com um fim sério, instrutivo e tendo em vista melhorá-los.** Ao contrário, **o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer. [...].**
(¹⁵⁰)

Ora, nas reuniões de desobsessão há um fim sério, que é o de ajudar aos dois envolvidos – vítima e algoz –, portanto, não vemos motivo algum para não se evocar o(s) desencarnado(s) relacionado(s)

com o drama.

No início do item subsequente (279), se vê este importante alerta do Codificador, que jamais deveríamos desprezar: *“Ninguém exerce ascendência sobre os Espíritos inferiores, a não ser pela superioridade moral.”* ⁽¹⁵¹⁾ (grifo do original)

Em **A Gênese**, no capítulo XIV – *Os Fluidos*, tópico “Obsessões e possessões”, item 46, Allan Kardec esclarece-nos:

46. Assim como as moléstias resultam das imperfeições físicas que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, **a obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau.** A uma causa física opõe-se uma força física; **a uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral.** Para preservar o corpo das enfermidades, é preciso fortificá-lo; para garantir a alma contra a obsessão, tem-se que fortalecê-la. **Daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pela sua própria melhoria,** o que na maioria das vezes é suficiente para livrá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. **Este socorro se torna necessário quando a obsessão**

degenera em subjugação e em possessão, porque neste caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.

Quase sempre a obsessão exprime vingança tomada por um Espírito e **sua origem** frequentemente se encontra **nas relações que o obsidiado manteve com o obsessor, em precedente existência.**

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutareis e os repele. É daquele fluido que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro igualmente mau. Por meio de ação idêntica à do médium curador, nos casos de enfermidade, ***há que se expulsar o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor.***

Nem sempre, porém, basta esta ação mecânica; cumpre, sobretudo, *atuar sobre o ser inteligente, ao qual é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade,* que, entretanto, não a possui quem não tenha superioridade moral. Quanto maior esta for, tanto maior também será aquela.

Mas ainda não é tudo: **para assegurar a libertação, é preciso que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios;** que nele desponte o arrependimento, assim como o desejo do

bem, **por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral.** Pode-se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. ⁽¹⁵²⁾ (itálico do original)

A nosso sentir, Allan Kardec ao dizer “*evocações particularmente feitas com vistas à sua educação moral*” nos remete à ideia de que um Espírito perverso, que atenda à evocação, somente pode ser convencido a renunciar a seu projeto de vingança, contra aquele que exerce sua ação nefasta, pelo incentivo que lhe damos para focar na sua elevação moral. Portanto, não se poderá protestar ignorância dessa missão que, como espíritas, cabe-nos fazer, conforme já dito.

Se ao atuar sobre um ser inteligente “*é preciso que se tenha o direito de falar com autoridade*”, fica nítido que essa é a forma adequada para não nos aventurarmos a dialogar com os obsessores sem possuir “*autoridade*”.

Além disso, nos remete à necessidade de sua evocação direta, para que ele tenha a oportunidade

de expressar seus sentimentos e aí podermos agir a seu favor.

Diante dessas orientações de Allan Kardec, entendemos que ele, além de referendar as reuniões mediúnicas específicas para a orientação ou esclarecimento de Espíritos, abre espaço para evocá-los, como um procedimento absolutamente natural.

Ainda em **A Gênese**, um pouco mais à frente, no capítulo “XV – Os milagres do Evangelho”, tópico “Possessos”, no item 33, Allan Kardec, ao tratar dos possessos, argumenta:

[...] Porém, existem outros casos em que não há dúvidas quanto à ação dos maus espíritos; eles têm uma analogia tão marcante **com aqueles de que somos testemunhas**, que neles se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecções. Em tal caso, a prova da participação de uma inteligência oculta ressalta de um fato material: são **as inúmeras curas radicais obtidas em alguns centros espiritas, apenas com a evocação e a moralização dos espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e à grande**

distância dele. [...]. ⁽¹⁵³⁾

Comprova-se, portanto, que, nos primórdios do Espiritismo, as reuniões de desobsessão faziam parte das práticas mediúnicas dos centros espíritas daquela época e que a evocação dos Espíritos era procedimento comum.

Há mais um outro momento em que o Codificador, recomenda a evocação do Espírito obsessor, a fim de instruí-lo e com essa postura, o encarnado se libertaria de sua influência.

Vejamos isso na **Revista Espírita 1866**, mês de fevereiro, no artigo “Cura das obsessões”:

O Espiritismo nos mostra **na obsessão** uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao mesmo tempo, os meios de remediá-la: **aí está um de seus benefícios**. Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? **As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.**

[...].

[...] O conhecimento que temos agora do

mundo invisível no-lo mostra povoado dos mesmos seres que viveram sobre a Terra, uns bons, os outros maus. Entre estes últimos, **há os que se comprazem ainda no mal, em consequência de sua inferioridade moral e que não se despojaram ainda de seus instintos perversos**; estão em nosso meio como quando vivos, com a única diferença de que em lugar de terem um corpo material visível, têm um corpo fluídico invisível; mas não são, por isto, menos os mesmos homens, no sentido moral pouco desenvolvido, **procurando sempre as ocasiões de fazer o mal, se obstinando sobre aqueles que lhes dão presa e que acabam submetendo-se à sua influência; obsessores encarnados que eram, são obsessores desencarnados**, tanto mais perigosos porque agem sem serem vistos. **Afastá-los pela força não é coisa fácil**, tendo em vista que não se pode prendê-los pelo corpo; **o único meio de dominá-los é o ascendente moral com a ajuda do qual, pelo raciocínio e os sábios conselhos, chega-se a torná-los melhores, por isto são mais acessíveis no estado de Espírito do que no estado corpóreo**. Desde o instante em que são conduzidos a renunciarem voluntariamente a atormentar, o mal desaparece, se esse mal é o fato de uma obsessão; ora, compreende-se que não são nem as duchas⁽¹⁵⁴⁾, nem os remédios administrados ao

doente que podem agir sobre o Espírito obsessor. **Eis todo o segredo dessas curas**, para as quais não há nem palavras sacramentais, nem fórmulas cabalísticas; **conversa-se com o Espírito desencarnado, se o moraliza, educa-o, como teria sido feito quando de sua vida.** ⁽¹⁵⁵⁾

Negar que o Mestre de Lyon não recomendara as evocações para os casos de obsessão é demonstrar que não se aprofundou no tema. Quem diz isso, prova que apenas se baseia em “achismo”, não há como ser de outra forma.

Ademais, na elaboração da Codificação Espírita o que Allan Kardec mais fez nas reuniões da Sociedade Espírita de Paris foi a evocação de Espíritos, pois era consciente de que somente dialogando com eles é que poderia conhecer as particularidades do mundo espiritual, dos pormenores a respeito da mediunidade e dos vários outros princípios doutrinários.

Em ***O Livro dos Médiuns***, encontraremos menção a algumas evocações relacionadas a Espíritos obsessores e perturbadores:

a) 2ª Parte, no capítulo “V – Manifestações físicas espontâneas”, tópico “Arremesso de objetos”, item 94:

Vamos encontrar o registro da evocação e o diálogo com Jeannet, um Espírito **perturbador** da Rua des Noyers (¹⁵⁶).

b) 2ª Parte, no capítulo “XXIII – Obsessão”, item 250, lemos:

Um deles exercia, sobre pessoa do nosso conhecimento, uma fascinação extraordinária. Evocamo-lo e, depois de algumas bravatas, vendo que não conseguia enganar-nos quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era quem se dizia. (¹⁵⁷)

c) 2ª Parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, item 252, temos:

[...] Sobre a causa não havia dúvida; quanto ao remédio, era mais difícil. **O Espírito que se manifestava por semelhantes atos era evidentemente malfazejo. Ao ser evocado**, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer sentimento bom. [...]. (¹⁵⁸)

Nos fascículos da *Revista Espírita* são encontrados vários relatos de evocação de Espíritos obsessores, dos quais destacamos este que se lê na

Revista Espírita 1864, mês de fevereiro, no artigo “Cura de uma obsessão”, no qual Allan Kardec registra uma correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, cuja mentora espiritual era a Pequena Cárita.

Apesar de já o ter citado por duas vezes, será importante retornarmos a ele para destacar este trecho do parágrafo que a inicia:

“[...] **Seguindo o conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. [...] começaram **nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo**, orar pelo obsessor e pela vítima [...].” ⁽¹⁵⁹⁾

Merece destaque o objetivo da reunião: “*evocar o Espírito, moralizá-lo*” como fruto de orientação espiritual e ainda assim nos aparecem confrades totalmente contrários à evocação.

Em 11 de março de 2023, foi publicado no portal **Projeto Allan Kardec** ⁽¹⁶⁰⁾ a mensagem intitulada “Solidariedade entre os Espíritos e os homens”, com subtítulo “Educação dos Espíritos”,

ditada em 09.07.1861, pelo Espírito Mardochée, documento faz parte do acervo do *Museu AKOL*, administrado pelo confrade Adair Ribeiro.

Como o seu teor tem tudo a ver com o nosso tema, resolvemos transcrevê-lo:

[Dados do documento] Bordeaux, Médium:
senhor Rubio, Enviado pelo senhor Sabò, 9
de julho de 1861

Solidariedade entre os Espíritos e os homens

Educação dos Espíritos

Quando atormentado por um Espírito sofredor, você deve evocá-lo com frequência, orar por ele e procurar moralizá-lo. Deve inspirá-lo com sentimentos de caridade pelos quais você se sinta animado. **Deve tentar esclarecer o espírito dele e elevá-lo acima das ideias vulgares** das quais ele ainda está imbuído. Deve inspirá-lo com ideias bondosas. **Deve educá-lo, instruí-lo**, dar-lhe uma parte dos conhecimentos adquiridos em sua atual encarnação, bem como nas passadas. **É o dever de um bom irmão! Deus quer que cada Espírito dotado de alguma inteligência busque espalhá-la entre seus irmãos menos favorecidos.** Agir de outra forma é característico dos egoístas, e Deus não os

estima. **Portanto, faça bom uso do bem que a bondade de Deus lhe confiou em benefício dos seres menos felizes.** Se você for rico, espalhe os seus benefícios ao seu redor, em favor dos infelizes, que são, infelizmente, os mais numerosos. Se você for inteligente e bom, espalhe a inteligência e a bondade. O uso que fizer das prodigalidades ser-lhe-á uma fonte de felicidade ou uma fonte de sofrimento. Reflita e empenhe-se para colocar em prática esta instrução.

Mardochée, guia do médium ⁽¹⁶¹⁾

Observa-se que os Espíritos superiores nos incentivam a evocação daqueles que sofrem ou estão presos às ideias terrenas, visando instruí-los acerca da sua nova realidade e, acima de tudo, das leis divinas que regem o destino de todos nós.

8. E quanto aos guias poder-se-ia evocá-los para os consultar?

Das instruções de Erasto relativas ao caso da Senhorita Julie, publicadas na **Revista Espírita 1864**, mês janeiro, destacamos mais dois pontos: o primeiro é a evocação dos Espíritos superiores, pedindo auxílio nos casos de obsessão; e o segundo é a prece:

“[...] É preciso não só uma ação material e moral, mas ainda uma ação puramente espiritual. **Ao Espírito encarnado** que se encontra, como Julie, **em estado de possessão**, é preciso um magnetizador experimentado e perfeitamente convicto da verdade Espírita; é preciso que seja, além disso, de uma moralidade irrepreensível e sem presunção. Mas, **para agir sobre o Espírito obsessor, é necessária a ação não menos enérgica de um bom Espírito desencarnado**. Assim, pois, dupla ação: ação terrestre, ação extraterrestre; encarnado sobre encarnado, desencarnado sobre

desencarnado; eis a lei. [...].

“Isso nos demonstra o que tereis de fazer doravante **nos casos de possessão manifesta**; é indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando, ao mesmo tempo, de um poder moral e fluídico, [...] Além disso, nosso concurso é dado a todos aqueles que nos chamarem em sua ajuda, com pureza de coração e fé verdadeira.

“[...] Quando se magnetizar Julie, será preciso primeiro proceder pela fervorosa **evocação do cura d’Ars e de outros bons Espíritos que se comunicam habitualmente entre vós**, rogando-lhes agirem contra **os maus Espíritos que perseguem essa jovem, e que fugirão diante de suas falanges luminosas**. Não é preciso **esquecer, no mais, que a prece coletiva tem um poder muito grande**, quando é feita por certo número de pessoas agindo em acordo, com uma fé viva e um desejo ardente de aliviar.”

Erasto (*Médium: Sr. d’Ambel*) ⁽¹⁶²⁾ (itálico do original)

Observamos que o Espírito Erasto está também dizendo sobre a importância de se evocar a assistência dos Espíritos superiores para que, nos casos das obsessões em que simultaneamente

ocorre a possessão, eles possam auxiliar no processo de libertação dos envolvidos nas teias de um obsessor.

Alerta-nos, ainda, para o poder da prece, a qual devemos fazer a favor dos Espíritos obsessores.

Em ***Da Alma Humana***, o autor António J. Freire, já citado, bem nos lembra:

[...] será num futuro não longínquo, um dos capítulos mais interessantes da neuropatologia e da psiquiatria, que necessariamente hão-de recorrer ao estudo do Espiritismo para aí colherem os elementos indispensáveis para fundamentarem uma terapêutica causal de efeitos seguros, por intermédio da **catequese dos Espíritos obsessores** e das correntes fluídicas inerentes às sessões espíritas, quando orientadas num elevado sentido moral e com pleno conhecimento da técnica espírita, ***sem esquecer as preces fervorosas em benefício do Espírito obsessor, que muito facilitam a sua regeneração.*** ⁽¹⁶³⁾

Por experiência nesse tipo de trabalho, fazemos coro com os que recomendam a prece para

o Espírito obsessor, porquanto, muitas vezes, nos foi possível ver o resultado positivo dessa prática.

Anteriormente, havíamos registrado um trecho da **Revista Espírita 1864**, mês de fevereiro, agora é preciso ressaltar mais um ponto desse conteúdo:

“[...] **Seguindo o conselho de nossos guias espirituais**, imediatamente nos pusemos à obra. [...] começaram **nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo**, orar pelo obsessor e pela vítima [...].” ⁽¹⁶⁴⁾

O que julgamos merecer destaque é a participação dos guias com orientações oportunas sobre os casos de obsessão, seja por solicitação ou não, tanto faz, o importante é que possam vir nos mostrar o caminho para a resolução do problema.

O que poderíamos dizer, diante de nossa experiência é que esse não é um procedimento comum, aliás já que nos foi possível participar de reuniões nas quais nunca se abriu oportunidade para o mentor espiritual do trabalho se manifestar.

Vamos pegar alguns exemplos na *Revista*

Espírita, que evidencia a participação deles com suas orientações:

1º) **Revista Espírita 1864**, mês de junho, artigo: "Relato completo da cura da jovem obsedada de Marmande":

Evoquei-o imediatamente. O Espírito se apresentou de maneira violenta, injuriando-nos, rasgando o papel, e se recusando a responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com esse Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha ido examinar a crise, chegou junto a nós e nos disse com um certo espanto: "É singular! a criança cessou, de repente, de se torcer; está agora estendida sem movimento em sua cama. - Isso não me espanta, disse-lhe, porque o Espírito obsessivo, neste momento, está junto de nós." Convidei o Sr. B... a retornar para a doente, e continuamos a interpelar o Espírito que, no momento dado, não respondeu mais. **O guia do médium nos informou** que ele tinha ido continuar sua obra; **recomendou-nos de não mais evocá-lo durante as crises**, no interesse da criança, porque, retornando junto dela com mais raiva, torturá-la-ia de maneira mais aguda. No mesmo instante, o médico reentrou e nos informou que a crise acabava de começar mais forte do que nunca. Eu lhe fiz ler o conselho que vinha de nos ser dado, e permanecemos todos tocados por essas coincidências, que não podiam deixar

nenhuma dúvida sobre a causa do mal.

A partir dessa noite, e **sob a recomendação dos bons Espíritos que nos assistem em nossos trabalhos espíritos**, nos reunimos cada noite, até a cura completa. ⁽¹⁶⁵⁾

2º) **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, artigo “Um criminoso arrependido (continuação)”, nota de Allan Kardec que inicia o caso:

O médium tivera a intenção de evocar Latour desde o momento do suplício; tendo **perguntado ao seu guia espiritual se poderia fazê-lo, respondeu-lhe para esperar o momento que lhe seria indicado**. Não foi senão em 3 de outubro que dele recebeu a autorização, depois de ter lido o artigo da *Revista*, onde dele é falado. ⁽¹⁶⁶⁾

3º) **Revista Espírita 1864**, mês novembro, tópico “Conversas familiares de além-túmulo – Pierre Legay, dito Grand-Pierrot”:

(3ª entrevista, 19 de agosto de 1864.)

P. **(ao guia espiritual do médium).**
Quereis nos dar algumas instruções a respeito do Espírito Legay, e nos dizer se é tempo de fazê-lo compreender a sua verdadeira posição! – R. Sim, meus filhos, ele perturbou-se desde vossas perguntas de ontem; ele não sabe o que é; tudo para ele é

confuso quando quer procurar, porque não reclama ainda a proteção de seu anjo guardião. ⁽¹⁶⁷⁾

4º) **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”:

A esta primeira evocação, este Espírito prodigaliza as injúrias e mostra uma grande repugnância em responder às nossas interpelações. [...] Essa primeira sessão teve lugar em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, **nossos guias nos deram a instrução seguinte:**

“Levai muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tereis negócio com o Espírito mistificador que junta a astúcia, a habilidade hipócrita a um caráter muito mau. **Não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim. Recomendai aos pais evitar, em presença da criança, a manifestação de qualquer medo por seu estado;** eles devem, ao contrário, ocupar-se de suas ocupações ordinárias, e sobretudo evitar, a seu respeito, a precipitação. Que lhes digam muito, sobretudo, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e flexível recebe as impressões com muita facilidade, e, com isso, seu moral poderia sofrer; que não se a deixe conversar com as pessoas

suscetíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças ideias falsas e, frequentemente, perniciosas. Que os próprios pais se tranquilizem: a prece sincera é o único remédio que deve livrar a criança.

Nós vos dissemos, Espíritas, o Espírito de Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre crenças ridículas, ruídos que circulam ao redor da jovem; procurará vos enganar. Tirai partido deste caso: a obsessão se apresentará sob fases novas. **Tende-vos por advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança, e seguir com inteligência os menores detalhes que vos colocarão sobre as marcas das manobras do Espírito.** Não vos confieis na calma. Se as crises são os efeitos mais evidentes nas obsessões, são consequências de outro modo bem perigosas. Desconfiai-vos do idiotismo e da infantilidade de um obsidiado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto elas sejam mais ocultas; frequentemente são puramente morais. Tal desarrazoa, tal outro perde a lembrança do que disse, do que fez. No entanto, não é preciso julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão. **Eu o repito, estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; nós vos ajudaremos, uma vez que trabalhamos juntos, mas não**

repouseis crendo que tudo vos será dispensado.” (168)

5º) **Revista Espírita 1866**, mês de fevereiro, artigo “Curas de obsessões”:

Escrevera-nos de Cazères, em 7 de janeiro de 1866:

“Eis um segundo caso de obsessão, que empreendemos e levamos a bom fim durante o mês de julho último. A obsidiada tinha a idade de vinte e dois anos; gozava de uma saúde perfeita; apesar disto, foi de repente vítima de acessos de loucura; seus pais a fizeram cuidar por médicos, mas inutilmente, porque o mal, em lugar de desaparecer, tornava-se cada vez mais intenso, ao ponto que, durante as crises, era impossível contê-la. Os pais, vendo isto, segundo o conselho dos médicos, obtiveram sua admissão em uma casa de alienados, onde seu estado não experimentou nenhuma melhora. Nem eles nem a doente jamais se ocuparam do Espiritismo, que mesmo não conheciam; mas tendo ouvido falar da cura de Jeanne R..., da qual convosco conversei, vieram nos procurar para nos pedir se poderíamos fazer alguma coisa por sua infeliz filha. Respondemos que não poderíamos nada afirmar antes de conhecer a verdadeira causa do mal. **Nossos guias, consultados em nossa primeira sessão**, nos disseram que essa

jovem estava subjugada por um Espírito muito rebelde, mas que acabaríamos por conduzi-lo a um bom caminho, e que a cura que se seguiria nos daria a prova da verdade desta afirmação. Em consequência, escrevi aos pais, distantes de nossa cidade 35 quilômetros, que sua filha se curaria, e que a cura não demoraria muito tempo para chegar, sem, no entanto, poder precisar-lhe a época. ⁽¹⁶⁹⁾

6º) **Revista Espírita 1867**, mês de junho, artigo “Grupo curador de Marmande – Intervenção dos parentes nas curas”:

"Eis alguns exemplos de curas obtidas.

"Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, tendo uma dor de cabeça contínua, febre, uma tosse frequente com escarro, uma dor viva do lado esquerdo; dor também nos olhos que se recobriam, de tempo em tempo, de uma substância leitosa, formando uma espécie de fronha. Sob os cabelos, a pele do crânio estava recoberta de películas brancas; a urina espessa e turva. A criança fraca e abatida não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender suas visitas. A mãe, pobre, em presença de sua filha doente e abandonada, veio me procurar. **Nossos guias consultados prescreveram, por todo remédio, a imposição das mãos, os passes fluídicos da parte da mãe,**

recomendando-me ir, durante alguns dias, fazê-la ver como a isto se prender. Comecei por fazer levantar os vesicatórios e fazê-los secar. **Depois de três dias de passes e de imposição de mãos sobre a cabeça, os rins e o peito**, efetuados a título de lições, mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar; a febre estava detida, e todos os acidentes descritos mais acima desapareceram ao cabo de dez dias. ⁽¹⁷⁰⁾

7º) **Revista Espírita 1869**, mês de janeiro, tópico “Dissertações Espíritas”, artigo “Obsessões simuladas”, no qual vamos encontrar uma mensagem assinada pelo Espírito Dr. Demeure:

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria vir pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual **tínhamos julgado que deveríamos previamente aconselhar-nos com os Espíritos.**

“A piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser uma imprudência estabelecer relações com todos os que se apresentam a vós, sob o império de uma obsessão real ou fingida. [...] Não mais podendo acusar-vos de contribuir para o aumento da alienação mental, enviar-vos-ão verdadeiros obsedados, diante dos quais esperam que fracasseis, e obsedados simulados, que vos será impossível curar de

um mal imaginário. **Tudo isto não retardará nenhum pouco o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência e de aconselhar aqueles que se ocupam dos tratamentos obsessivos a consultarem os seus guias, não só sobre a natureza do mal, mas sobre a realidade das obsessões que eles poderão ter que combater. Isto é importante, e aproveito a ideia que vos foi sugerida, de antes pedir um conselho, para vos recomendar a agir sempre assim no futuro.**" ⁽¹⁷¹⁾

A frase que resume a opinião, em relação a ser prudente consultar aos guias para os tratamentos obsessivos, do Espírito Dr. Demeure, de forma clara e objetiva é: *“aproveito a ideia que vos foi sugerida, de antes pedir um conselho, para vos recomendar a agir sempre assim no futuro”*.

9. Alguns Espíritos seriam constrangidos a comparecer em uma reunião?

A ação dos Espíritos superiores a favos dos menos evoluídos visando despertá-los para uma nova realidade se faz patente. Apresentaremos dois exemplos, tomados da *Revista Espírita 1867*, mês de agosto:

1º) Caso: Um operário de Marseille

Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... **No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito**, ao que se me diz; mas não creio nos Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... Vejo-me duplo; um corpo mutilado jaz ao meu lado, e, no entanto, estou vivo... Vejo os meus que me lamentam, sem contar meus companheiros de infortúnio, que não veem

tão claro quanto eu; **também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto a vós.**

Parece-me que não é a primeira vez que vos vejo; minhas ideias estão ainda perturbadas... será permitem-me retornar uma outra vez quando estiver mais habituado à minha posição atual... É indiferente, vou-me daqui lamentando; encontrava-me em meu centro... mas **senti que era preciso obedecer; esse Espírito me parece bom, mas severo.** Vou me esforçar para ganhar a sua boa graça para poder falar mais frequentemente convosco.
(¹⁷²)

2º) Caso: Um operário da corte Lieutaud

No desmoronamento de uma ponte que teve lugar poucos dias antes, seis operários tinham perecido; foi um deles que se manifestou.

Depois dessa comunicação, **o guia do médium lhe ditou a que segue:**

Cara irmã, esse infeliz Espírito foi a ti conduzido para exercer a caridade. Como nós a praticamos para com os encarnados, a vossa deve se exercer para com os desencarnados.

Se bem que esse infeliz esteja sustentado por seu anjo guardião, esse deve lhe permanecer invisível, até que se reconheça

bem em sua situação. Por isto, **cara irmã, tome-o sob tua proteção**, que é ainda fraco, nisto convenho; mas, sustentado pela fé, este Espírito logo verá reluzir a aurora de um novo dia, e o que recusou reconhecer desde sua catástrofe, se tornará logo para ele um motivo de paz e de alegria. Tua tarefa não será muito difícil, porque ele tem o essencial para te compreender: a bondade do coração.

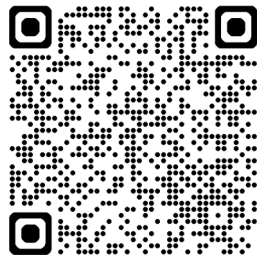
Escuta, cara irmã, os impulsos de teu coração, e sairás vitoriosamente da prova que tua nova missão te impõe.

[...].

Vosso Guia. (173)

Acreditamos que a grande parte dos Espíritos são levados a centros de educação, sem qualquer constrangimento.

A questão é: alguns poderiam ser constrangidos? Essa é uma dúvida comum, pois vigora no meio espírita a ideia de que os Espíritos superiores jamais desrespeitariam o livre-arbítrio de qualquer Espírito. Já até fizemos uma pesquisa sobre esse tema, que resultou no ebook **Os Espíritos**



Superiores e o Nosso Livre-arbítrio ⁽¹⁷⁴⁾. O teor dele será utilizado para compor esse capítulo.

É bom esclarecer, logo de início, que isso não ocorre de forma generalizada, mas somente em relação aos Espíritos muito endurecidos que, às vezes, são coagidos pelos Espíritos superiores a se manifestarem em reuniões mediúnicas. Têm como objetivo proporcionar-lhes ajuda, esclarecendo-os de sua real situação perante as leis divinas, conforme confirmaremos com as explicações constantes de obras da Codificação.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda parte, capítulo “XXV - Das evocações”, item 282 - Perguntas sobre as evocações, questões 8, 9 e 10, lemos:

8. *O Espírito evocado vem espontaneamente ou constrangido?*

“Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo. Todavia, a palavra constrangido não se ajusta ao caso, já que o Espírito julga da utilidade de vir, ou deixar de vir. Ainda aí exerce o livre-arbítrio. O Espírito superior vem sempre que chamado com um

fim útil; não se nega a responder, senão a pessoas pouco sérias ou que tratam estas coisas como brincadeira.” (175) (itálico do original)

Conforme ainda será visto, os fatos não se ajustam à primeira parte da resposta que nega haver coação, a não ser que ela esteja se referindo a Espíritos com grau de evolução mais elevado, pois, quanto aos malfazejos vimos que vários casos dando conta de que foram levados à reunião contra a sua vontade, portanto, foram constrangidos. É exatamente isso que se verá nestas duas próximas questões:

9. O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é dirigido?

“Perfeitamente. Onde estaria o seu livre-arbítrio se assim não fosse? Pensais que todos os seres do Universo estão às vossas ordens? Vós mesmos considerais obrigados a responder a todos os que vos pronunciam os nomes? **Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, visto que um Espírito inferior pode ser constrangido a vir por um Espírito superior.**”

10. *Haverá para o evocador, meio de obrigar a vir contra sua vontade?*

“Nenhum, desde que o Espírito lhe seja igual ou superior em moralidade. Digo – em moralidade, e não em inteligência – porque não tendes sobre ele nenhuma autoridade. Se lhe for inferior, **o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão.** ⁽¹⁷⁶⁾
(itálico do original)

É caso raro, mas para que um encarnado consiga que um Espírito se manifeste contra sua vontade, ele deverá ter moralidade mais elevada da que possui o evocado, mas, mesmo nesta situação, acreditamos que ele será secundado por Espíritos superiores.

Vejamos também a questão 21:

21. *Existe alguma diferença entre os Espíritos bons e os maus no que se refere à solicitude com que atendem ao nosso chamado?*

“Há, e muito grande: **os Espíritos maus** só vêm de boa vontade quando esperam dominar e enganar; porém, **experimentam viva contrariedade quando são**

forçados a vir para confessarem suas faltas, e outra coisa não procuram senão ir-se embora, como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. **Podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores**, como castigo e para instrução dos encarnados.[...].” ⁽¹⁷⁷⁾ (itálico do original)

Portanto, existem algumas situações em que alguns Espíritos inferiores são constrangidos a manifestarem-se por ação dos que lhes são superiores, visando o próprio bem deles.

E, um pouco mais à frente, do item 284, julgamos ser oportuno destacar a seguinte questão:

50. *O Espírito de uma pessoa viva não poderia **ser constrangido**, por outro Espírito, a vir e falar, **como sucede com os Espíritos errantes**?*

“Entre os Espíritos, sejam de mortos ou de vivos, só existe uma supremacia: a que resulta da superioridade moral. Por outro lado, deveis compreender que um Espírito superior jamais apoiaria uma indiscrição tão covarde.” ⁽¹⁷⁸⁾ (itálico do original)

O destaque é “*como sucede com os Espíritos*

errantes” pois evidencia o fato de que os que se encontram nessa situação podem ser constrangidos por Espírito que lhe tenha supremacia, ou seja, a que resulta da superioridade moral, a vir e falar numa reunião mediúnica.

Ainda em *O Livro dos Médiuns*, capítulo “XXVI – Perguntas que se podem fazer aos Espíritos”, item 292, na questão 22, temos que ***“os maus podem ser constrangidos a descrever seus sofrimentos, a fim de serem tocados pelo arrependimento.”*** ⁽¹⁷⁹⁾

Trazemos de ***O Céu e o Inferno***, Primeira Parte, capítulo “X – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações”, o item 10, no qual se lê:

Não há nenhum meio de se obrigar um Espírito a atender a uma evocação contra a sua vontade, desde que ele seja, do ponto de vista moral, igual ou superior à pessoa que o evoca, caso em que esta não terá nenhuma autoridade sobre ele. **Porém, se o Espírito lhe for inferior, o evocador pode consegui-lo, desde que seja para o bem do Espírito evocado**, porque, nesse caso, outros Espíritos o ajudarão. (O livro dos médiuns, Segunda parte, cap. XXV, item 282,

Entendemos que em situações que o evocador consegue “*obrigar a um Espírito a atender a uma evocação contra sua vontade*” de forma que esse compareça à reunião, ou ele, o evocador, é ajudado pelos Espíritos superiores que a coordenam, ou é ação somente deles.

O que consta no item 14, é praticamente a reprodução do que citamos da 2ª Parte, capítulo “XXV – Das evocações”, item 282 de *O Livro dos Médiuns*. Apenas é preciso ressaltar que o constrangimento de um Espírito inferior por um que lhe é superior, sem dúvida alguma, é feito somente em obediência à vontade de Deus.

Nestes trechos da **Revista Espírita 1858**, **Revista Espírita 1859** e **Revista Espírita 1864**, respectivamente, podemos corroborar essa ação de Espíritos superiores:

[...] pela evocação ele pode, como Espírito de uma ordem pouco elevada, **ser constrangido a vir a um meio que lhe desagrada**. [...]. ⁽¹⁸¹⁾

[...] Sabeis que **esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados**, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de irem. [...]. ⁽¹⁸²⁾

[...] Somente certos culpados vêm com repugnância, e, nesse caso, eles não **são ali constrangidos** pelo evocador, mas **por Espíritos superiores, tendo em vista seu adiantamento**. [...]. ⁽¹⁸³⁾

Com relação aos Espíritos perturbados também pode ocorrer constrangimento.

Vimos anteriormente que na obra **No Invisível**, capítulo “XIX – Transes e Incorporações”, Léon Denis ao explicar a possibilidade do fenômeno mediúnico se dar pela transmissão do pensamento e também da incorporação, disse que:

[...] **certos Espíritos pouco adiantados são conduzidos por uma vontade superior ao corpo de um médium** e postos em comunicação conosco, a fim de serem esclarecidos sobre sua verdadeira situação. [...]. ⁽¹⁸⁴⁾

Então, com as experiências do grupo de Lyon, Léon Denis ficou convencido de que certos Espíritos pouco adiantados são coagidos a se manifestarem na reunião mediúnica, cujo objetivo, foi, sem nenhuma dúvida, o de esclarecê-los.

Vejamos estes exemplos, que serão tomados das seguintes obras:

1º) **Revista Espírita 1859**, mês de setembro, artigo “Confissão de Voltaire”:

O Espírito de um soberano, que desempenhou no mundo um papel preponderante, **chamado em uma de nossas reuniões**, iniciou por ato de cólera rasgando o papel e quebrando o lápis. Sua linguagem esteve longe de ser benevolente, porque **se achava humilhado por vir entre nós**, e perguntou se acreditávamos que ele deveria se abaixar para nos responder. **Conviu, entretanto, que, se o fazia, era como constrangido e forçado por uma força superior à sua; mas se isso dependesse dele não o faria.** [...].
(185)

Temos aqui o próprio Espírito errante confessar que foi constrangido a manifestar-se por uma força

superior à sua.

2º) Na **Revista Espírita 1860**, mês de abril, foi publicada a ata da Sessão do dia 23 de março, da qual destacamos:

Estudos. – Dois **ditados espontâneos** foram obtidos, o primeiro do Espírito de Charlet, pelo senhor Didier filho, **o segundo pela senhora de Boyer, de um Espírito que diz ser forçado a vir acusar-se por ter querido romper a boa harmonia e lançar a perturbação entre os homens, suscitando o ciúme e a rivalidade entre aqueles que deveriam estar unidos;** citou alguns dos fatos dos quais se tornou culpado. **Essa confissão espontânea, diz-se, faz parte da Punição que lhe foi imposta.** ⁽¹⁸⁶⁾ (itálico do original)

Em maio de 1862, no registro da ata do dia 30 de março de 1860, consta a informação de que foram dirigidas várias perguntas a São Luís sobre esse Espírito, cujo nome era Being ⁽¹⁸⁷⁾. Infelizmente, não conseguimos localizar esse diálogo com o protetor da Sociedade Espírita de Paris.

3º) **Revista Espírita 1862**, mês de novembro,

temos uma informação de São João Batista sobre o Espírito G. Remone e um diálogo do Espírito Jacques Noulin, pela ordem:

29. (A São João Batista.) **G. Remone não foi constrangido, por punição, sem dúvida, a vir à nossa evocação confessar seu crime?**

Isto parece resultar da sua primeira resposta, na qual fala da justiça de Deus. – R. **Sim, ele foi forçado**, mas a isso se resignou de boa vontade, quando viu como um meio a mais para ser agradável a Deus, em vos servindo em vossos estudos espíritas. ⁽¹⁸⁸⁾

59. Não pareceis ser um Espírito muito avançado? – R. Ocupai-vos de vossos assuntos e **deixai-me ir daqui**.

Nota. Como não há portas fechadas para os Espíritos, **se este pede que se o deixe ir, é que um poder superior lhe constrange a ficar**, sem dúvida para sua instrução. ⁽¹⁸⁹⁾

O importante é o objetivo que levou a esse Espírito ser constrangido a ter que ficar na reunião, ou seja, o de ser para sua instrução.

4º) **Revista Espírita 1865:**

a) Mês de junho, artigo “Cura de um obsidiado em Barcelona”:

[...] Na quarta evocação, orou conosco e **se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade**; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e acabamos por fazê-lo renunciar ao mal que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e tivemos a satisfação de ver as crises cessarem na nona. [...]. ⁽¹⁹⁰⁾

b) Mês de dezembro, artigo “Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra”, da comunicação do Espírito que assinou M. L..., destacamos os seguintes parágrafos:

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que retornei aos bons sentimentos em pouco tempo. Eu lhe agradeço pela sua amenidade a meu respeito; mas, sem dúvida, ele ignora o quanto são longas as horas de sofrimento resultantes da inconsciência de seu ser!!!!...

Eu acreditava no nada, e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; se crer disseminado em todos os restos esparsos da matéria que forma o corpo, tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas do sofrimento são longas, e se não se tivesse ocupado em me tirar dessa má atmosfera do nihilismo, **se não se me tivesse constrangido a vir a essas reuniões de paz e de amor**, onde eu não compreendia, não via nem ouvia nada, mas onde os fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam pouco a pouco de meu pesado torpor espiritual, onde eu estaria ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por aquele que foi tanto tempo ligado ao nada esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje não temo senão uma coisa, é de me tornar fanático dessas crenças que teria repellido como vis disparates, se outrora viessem ao meu conhecimento!...

Eu não direi nada hoje sobre os trabalhos dos quais vos ocupais; sou ainda muito novo, muito ignorante para ousar me aventurar em vossas sábias dissertações. Já sinto, mas não sei ainda! Dir-vos-ei somente isto, porque já o sei: Sim, os fluidos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corpórea, disso nada sei, pelo menos espiritual, porque senti a sua ação. Eu vos disse e vos repito com alegria e

reconhecimento: **Eu ia, constrangido por uma força invencível, a de meu guia sem dúvida, nas reuniões espíritas.** Eu não via, não ouvia nada, e, no entanto, uma ação fluídica que não podia raciocinar, me curou espiritualmente. ⁽¹⁹¹⁾

Novamente, temos o próprio Espírito manifestante dizendo que compareceu à reunião porque foi constrangido por uma força invencível.

5º) **O Céu e o Inferno**, Segunda parte, capítulos “VI - Criminosos arrependidos” e “VII - Espíritos endurecidos”, respectivamente:

a) O Espírito de Castelnauary

[...] São Luís respondeu: “É um Espírito da pior espécie, verdadeiro monstro: **fizemo-lo comparecer**, mas a despeito de tudo quanto lhe dissemos **não foi possível obrigá-lo a escrever**. Ele tem o seu livre-arbítrio, do qual o infeliz tem feito triste uso”.

[...].

[...] Morreu em 1659, com 80 anos, sem que houvesse respondido por estes crimes, [...]. Depois da morte, jamais cessara de praticar o mal, provocando vários acidentes naquela casa. **Um médium vidente que**

assistiu à primeira evocação o viu no momento em que pretendiam forçá-lo a escrever, sacudindo violentamente o braço do médium. Seu aspecto era terrível; trajava uma camisa ensanguentada e tinha na mão um punhal. ⁽¹⁹²⁾

b) A rainha de Oude

2-a. *Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?* – R. Não foram grande coisa, pois eu era rainha e nem todos se curvaram diante de mim... Deixai-me... **forçam-me a falar...** não quero que saibais o que ora sou... Ficai sabendo que eu era rainha...

9. *Por que atendestes tão prontamente ao nosso apelo?* – R. **Eu não queria vir, mas forçaram-me.** Acaso pensarás que eu me dignaria responder-te? Que és tu a meu lado?

9-a. **E quem vos forçou a vir?** – R. **Nem eu mesma sei...** posto que não deva existir ninguém mais poderoso do que eu. ⁽¹⁹³⁾
(itálico do original)

Esses exemplos, plenamente corroboram o fato de que alguns Espíritos são constrangidos a se manifestarem e, como dito, para o próprio bem deles, ainda que não tenham consciência disso.

10. Como se deve tratar os Espíritos manifestantes?

Julgamos que para a maioria de nós, os espíritas, não há nenhuma dúvida de que todos os trabalhadores da reunião mediúnica, cada um na tarefa que lhe cabe, são importantes.



Entretanto, um deles exerce uma função que se destaca e que, a nosso ver, é fundamental para o bom resultado dos trabalhos. Allan Kardec designava quem a exercia de “evocador”, mas, na atualidade, é, na maioria das vezes, chamado de “doutrinador”.

Particularmente não temos muita simpatia pelo termo “doutrinador”, uma vez que poderá despertar uma ideia que não representaria muito bem a função realizada, pois até politicamente se pode doutrinar uma pessoa. Em razão disso, o nosso pensamento é no sentido de que será mais adequado a designação

de “esclarecedor” ou de “dialogador”.

Pela experiência adquirida ao longo dos tempos, a nossa opinião é a de que essa função não recomendável ser exercida por qualquer pessoa. Há algumas qualidades que devem fazer parte de sua maneira de ser. Não se exigirá dele, obviamente, um comportamento angelical, porém, estas mínimas qualificações julgamos serem imprescindíveis:

a) - que na sua vida do dia a dia seja alguém de bom trato para com todos: mansuetude, gentileza, tolerância, vontade de ajudar ao próximo, etc.;

b) - ter boa desenvoltura com os ensinamentos de Jesus que estão registrados dos Evangelhos;

c) - um bom conhecimento doutrinário, consubstanciado nos princípios espíritas;

d) - e, finalmente, ter um coração livre dos sentimentos de raiva e ódio.

O último item listado pode causar estranheza, mas como a grande parte dos Espíritos que se manifestam nas reuniões de desobsessão tem

entranhado dentro de si intenso grau de ódio, evidenciado pelo seu irreduzível desejo de vingança, não faz sentido algum o esclarecedor pedir-lhes que perdoem sua vítima, quando eles próprios não fazem isso em sua vida diária.

Por outro lado, as palavras dirigidas aos Espíritos devem estar “carregadas” do sentimento de amor. Lamentavelmente, já vimos alguns esclarecedores tratando de forma “seca”, quase que grosseiramente mesmo, o infeliz que se manifestava. Também não faltam aqueles que querem demonstrar conhecimento soltando toda uma oratória acadêmica e deixando os pobres manifestantes quase que humilhados.

Em ***O Fenômeno das Mesas Falantes*** (1989 ou 1992?) encontramos as seguintes recomendações do autor José Lhomme (1890-1949), presidiu a União Espírita Belga no período de 1938 a 1949:

14. Doutrinação

Para colher bons frutos, a doutrinação deve ser natural, isto é, apoiar-se em fatos vividos e em uma afetividade inigualável.

É preciso falar à entidade como se falaria a um amigo íntimo, em um tom fraternal, mas firme.

A doutrinação de um espírito deve repousar nos seguintes princípios:

1. Amar o seu semelhante;
2. Perdoar tudo e sempre;
3. Reparar os erros cometidos contra o próximo;
4. Ser indulgente e dar tempo a outrem para esclarecer-se sobre os meios a empregar para evoluir;
5. Não julgar ninguém diante de outras pessoas;
6. Fazer todos os esforços para se desprender dos bens materiais que o prendem ao ambiente humano;
7. Elevar seu pensamento ao Criador e pedir a assistência de um espírito evoluído (guia), de quem se aceita, antecipadamente, os conselhos. ⁽¹⁹⁴⁾

A não ser a ressalva ao uso do “doutrinação”, a lista de José Lhomme é pertinente e vai ao encontro daquilo que pensamos sobre a função do esclarecedor.

No artigo “Estudos sobre os possesores de

Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, quinto e último da série, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, há algo que merece citarmos:

Terminaremos confortando certos habitantes da região sobre a pretensa influência que alguns dentre eles teriam podido exercer dando o mal, como o dizem; a crença nos lançadores de sorte deve ser relegada entre as crenças supersticiosas. **Que sejam piedosos de coração, e que aqueles que estão encarregados de conduzi-los se esforcem por elevá-los moralmente**, é o meio mais seguro para neutralizar a influência dos maus Espíritos, e de prevenir o retorno do que se passou. Os maus Espíritos não se dirigem senão àqueles que eles sabem poder dominar, e não àqueles que a superioridade moral, não dizemos intelectual, encoraja contra seus ataques. ⁽¹⁹⁵⁾

A instrução de que os encarregados de instruir os Espíritos sejam “*piedosos de coração*”, evidencia a necessidade de que tenham efetivamente a vontade de diminuir ou se solidarizar com o sofrimento alheio.

No artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”, publicado na **Revista Espírita 1865**, vamos encontrar um detalhe no trecho do diálogo com o Espírito Germaine, que vale a pena mencioná-lo:

P. Então! Quereis nos dizer por que torturais esta criança? – R. Inútil retornar sobre esse assunto, isto seria muito longo para contar. **Eu imagino que não há aqui um tribunal**; que não serei chamada com autoridade de me sentar sobre o banco, e responder ao questionário. ⁽¹⁹⁶⁾

Eis um ponto importantíssimo: jamais se deve comportar com juiz, pensando estarmos em um tribunal a julgar os Espíritos que se manifestam. *“Mulher, onde estão eles: Ninguém de condenou?” Disse ela: “Ninguém, Senhor.” Disse, então, Jesus: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais.”*

A médium Suely Caldas Schubert (1938-2021), em **Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espírita**, no capítulo “6 – O Doutrinador”, explica que:

Esclarecer, em reunião de desobsessão, é clarear o raciocínio; é levar uma entidade desencarnada, através de uma série de reflexões, a entender determinado problema que ela traz consigo e que não consegue resolver; ou **fazê-la compreender que as suas atitudes representam um problema para terceiros, com agravantes para ela mesma.** É levá-la a modificar conceitos errôneos, distorcidos e cristalizados, por meio de uma lógica clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor.

Essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, o ascendente moral daquele que fala sobre aquele que ouve, que está sendo atendido. Esse ascendente moral faz com que as explicações dadas levem o cunho da serenidade, da energia equilibrada e da veracidade.

As palavras são como setas arremessadas, que poderão ser danosas ou benéficas, dependendo do sentimento de quem as projeta. As primeiras ferem, causam distúrbios, destroem e podem acordar sentimentos de revide, com igual teor vibratório. As segundas, vibrando na luz do amor, penetram na alma como bênçãos

gratificantes, produzindo reflexos de claridade que se identificarão com o emissor.

No instante do esclarecimento, quando a entidade se comunica, ela está de alguma forma expectante, aguardando alguma coisa, para ela, imprevisível. **Também os presentes à reunião se colocam em posição especial, porém, de doação, de desejo de atender à expectativa do irmão necessitado.** E qualquer que seja a maneira sob a qual ele se apresente, todos os pensamentos e todas as vibrações devem estar unidos, homogêneos, dirigidos no intuito de beneficiá-lo. Nesta hora, o doutrinador será o polo centralizador desse conjunto de emoções positivas, estabelecendo-se uma corrente magnética que envolve o comunicante e que ajuda, concomitantemente, ao que esclarece. Este, recebendo ainda o influxo amoroso do Mentor da reunião, terá condições de dirigir a conversação para o rumo mais acertado e que atinja o cerne da problemática que o Espírito apresenta.

O esclarecimento não se faz mostrando erudição, conhecimentos filosóficos ou doutrinários. Também não há necessidade de dar uma aula sobre o que é o Espiritismo, nem de mostrar o quanto os espíritas trabalham. Como não é o instante para criticar, censurar, acusar ou julgar ⁽¹⁹⁷⁾. **Esclarecer não é fazer**

sermão. Não surtirão bons resultados palavras revestidas de grande beleza, mas vazias, ocas, frias. Não atenderão às angústias e aflições daquele que sofre e muito menos abrandarão os revoltados e vingativos. ⁽¹⁹⁸⁾

Embora tenha ampliado mais um pouco a nossa percepção julgamos que essa explicação Suely Caldas é oportuna e, certamente, deve ser levada em conta.

A Equipe Eurípedes Barsanulfo, em ***O Que é Evangelização dos Espíritos***, esclarece-nos que:

O Evangelizador de Espíritos **é o Ser comprometido com Jesus**, na grande tarefa de renovar o pensamento do Espírito auxiliando-o a compreender de forma racional, amorosa, quem ele é verdadeiramente. ⁽¹⁹⁹⁾

O Evangelizador de Espíritos **não pode servir o Mestre com o pensamento ligado à vaidade, às ilusões e ao materialismo** que entorpece a consciência do Espírito. ⁽²⁰⁰⁾

O Evangelizador de Espíritos **está sempre pronto para o trabalho com**

Jesus. Não se deixa iludir com as questões materialistas, disponibilizando-se para o trabalho amoroso de auxiliar e esclarecer.
(²⁰¹)

Esse compromisso e essa prontidão para o trabalho com Jesus devem surgir da aplicação da máxima: *“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei e os Profetas.”* (Mateus 7,12)

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XIV – Médiuns”, no item 162, Allan Kardec acrescenta:

A moralização do Espírito, pelos conselhos de uma pessoa influente e experiente, caso o [próprio] médium não se ache em condições de fazê-lo, constitui quase sempre meio muito eficaz. [...]. (²⁰²)

A experiência no trato com os Espíritos é uma outra exigência para a função. Para a conseguir, o candidato a dialogador, deve procurar alguma casa espírita que lhe permita participar como aprendiz das reuniões de desobsessão, uma vez que *“é preciso*

aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens: em todas as coisas é preciso a experiência.” (203)

Vejamos o seguinte trecho de **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, do item 249:

[...] o médium deve apelar com fervor ao seu anjo bom, assim como aos Espíritos bons que lhe são simpáticos, pedindo-lhes que o assistam. **Quanto ao Espírito obsessor, por muito mau que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência e vencê-lo pelo bom comportamento, orando por ele.** Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. **É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, desagradável mesmo,** mas cujo mérito está na dificuldade que oferece e que, se bem realizada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de se haver reconduzido ao bom caminho uma alma transviada. (204)

Pela importância do que é preciso chamar a

atenção, temos que destacar: *“o Espírito obsessor, por muito mau que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência”*. Respeito, complacência, tolerância, amorosidade, etc. devem ser a base com a qual o esclarecedor precisa estar plenamente imbuído.

No capítulo “XXVIII – Coletânea de preces espíritas”, de **O Evangelho Segundo Espiritismo**, no item 84, Allan Kardec faz esta observação:

A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. **Exige também tato e habilidade**, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, pois há os rebeldes em grau extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. **Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, uma coisa é certa: nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça.** Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade, igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais. A obsessão muito

prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. ⁽²⁰⁵⁾ ⁽²⁰⁶⁾

Julgamos ser importante estes trechos, que bem resumem as orientações do Codificador: *“Exige também tato e habilidade”, “nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça” e “é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais”.*

Falta-nos ainda ressaltar um outro ponto de suma importância. Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, capítulo “XXIII – Obsessão”, item 251, que fala da subjugação corpórea, destacamos o seu parágrafo inicial:

A subjugação corpórea tira muitas vezes do obsidiado a energia necessária para dominar o Espírito mau. **É por isso que se torna necessária a intervenção de outra pessoa**, que atue pelo magnetismo ou pela força da sua própria vontade. Em falta do concurso do obsidiado, **essa**

pessoa deve ter predomínio sobre o Espírito; porém, como esse predomínio, ou ascendente, só pode ser moral e, portanto, só poderá ser exercido por um ser moralmente superior ao Espírito, o seu poder será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral, porque então se impõe ao Espírito, que se vê forçado a inclinar-se diante dele. É por isso que Jesus tinha tão grande poder para expulsar os que, naquela época, se chamavam demônios, isto é, os Espíritos maus obsessores. ⁽²⁰⁷⁾

Portanto, fica bem clara a necessidade de o esclarecedor ter ascendência moral sobre os Espíritos manifestantes para que, efetivamente, os possa moralizar.

No capítulo “XXXVIII – Ação do homem sobre os Espíritos infelizes”, da “Quarta Parte – O Além”, do livro ***Depois da Morte*** (1890), transcrevemos o seguinte trecho:

Todavia, é preciso não esquecer que as relações com os espíritos inferiores exigem uma certa segurança de vistas, de tato e de firmeza. Todos os homens não estariam aptos a tirar dessas relações

os bons efeitos que se poderia esperar. **É necessário possuir uma verdadeira superioridade moral para dominar esses espíritos, reprimir seus desvios e dirigi-los no caminho do bem.** Essa superioridade **só se adquire através de uma vida isenta de paixões materiais.** Nesse caso, **os fluidos depurados do evocador comandam, facilmente, os fluidos dos espíritos atrasados.** ⁽²⁰⁸⁾

Temos ou não razão ao dizer que essa função não é para qualquer um?

Ainda em ***O Livro dos Médiuns***, capítulo “XXV – *Evocações*”, merecem destaque os seguintes parágrafos do item 280 do tópico “Linguagem a ser usada com os Espíritos”:

Entre os Espíritos inferiores, muitos são infelizes. **Quaisquer que sejam as faltas que estejam expiando, seus sofrimentos merecem ainda mais a nossa comiseração,** pois é certo que ninguém pode vangloriar-se de escapar a estas palavras do Cristo: **“Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”.** **A benevolência** com que os tratamos é um alívio para eles. Em falta de simpatia, **precisam encontrar em nós a**

indulgência que desejaríamos que tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade pelo cinismo da linguagem, pelas maneiras, pela baixeza dos sentimentos, pela perfídia dos conselhos, são, indubitavelmente, menos dignos do nosso interesse, do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento, mas, pelo menos, **devemos-lhe a piedade que nos inspiram os maiores criminosos.** O meio de os reduzirmos ao silêncio consiste em nos mostrarmos superiores a eles, que só confiam nas pessoas de quem nada tenham a temer, pois **os Espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem,** como reconhecem a primazia dos Espíritos superiores.

Em resumo, seria tão irreverente tratarmos os Espíritos superiores de igual para igual, quanto ridículo dispensarmos a todos, sem exceção, a mesma deferência. Tenhamos veneração para os que a merecem, reconhecimento para os que nos protegem e assistem e, **para todos os demais, a benevolência de que talvez um dia venhamos a necessitar.** [...]. ⁽²⁰⁹⁾

Os sentimentos de benevolência, indulgência e piedade devem fazer parte do caráter de todos os

componentes de uma reunião de desobsessão. Como já dito, sentimentos de raiva e ódio não devem encontrar nenhum abrigo em seus corações. Ademais, não se poderá exigir dos outros uma atitude ou comportamento que, pela nossa inferioridade, não conseguimos fazer.

É evidente que também se aprende nas reuniões de desobsessão – momentos nos quais nos é dada a oportunidade de ser caridosos com os que sofrem influência dos Espíritos vingativos – ao lhes oferecermos bons conselhos, incentivando-os a tomar a decisão de deixarem suas vítimas em paz e passar a cuidar de sua própria evolução espiritual.

Não raro os conselhos que lhes são dados também servem para todos do próprio grupo mediúnico, uma vez que temos que transformar nossas palavras em ação diária.

11. A função da música

É fácil comprovar que a música certa no momento certo, leva as pessoas às lágrimas... ⁽²¹⁰⁾



As vibrações produzidas pela música “amolecem” o nosso coração, predispondo-o a sentimentos nobres e mais elevados.

Sabemos que, se não em todas, mas

provavelmente na maioria das casas espíritas, nas reuniões mediúnicas é utilizada música ambiente.

Pode-se questionar a necessidade dela, uma vez que, nas obras da Codificação Espírita, nada especificamente foi dito a respeito disso. Entretanto, se levarmos em conta este episódio acontecido com Saul, quando rei de Israel, relatado pelo historiador Flávio Josefo (37-103 d.C.) na obra ***História dos Hebreus***, esse procedimento pode ser útil:

235. Saul, ao contrário, foi tomado pelo espírito mau, que parecia querer esganá-lo a todo instante. **Os médicos não encontraram outro remédio para esse mal, senão mandar cantar para ele, ao som de harpa, hinos sagrados, por algum músico competente, quando o demônio o agitasse.** Mandaram procurá-lo por toda parte; disseram-lhe que havia somente um que poderia fazê-lo e era um dos filhos de Jessé, de nome Davi, que não somente era muito bom músico, mas muito belo e capaz de servi-lo na guerra; mandou então dizer a seu pai que o dispensasse do encargo de vigiar os rebanhos e o mandasse, porque lhe haviam dito tantas coisas dele, queria vê-lo. Jessé mandou-o logo, com vários presentes e Saul o recebeu muito bem, deu-lhe um lugar como soldado

e o tratou bondosamente, em tudo. Além de lhe ser muito agradável, **somente ele podia acalmá-lo e trazer a bons sentimentos, com seus cânticos e o som da harpa.** Assim, pediu a seu pai que o deixasse ficar com ele, pois estava muito contente com a sua companhia. ⁽²¹¹⁾

Esse fato também é narrado na Bíblia (1 Samuel 16,14-23), que ainda acrescenta: *“Todas as vezes que o espírito de Deus o acometia, **Davi tomava a lira e tocava; então Saul se acalmava, sentia-se melhor e o mau espírito o deixava.**”* ⁽²¹²⁾

Na **Revista Espírita 1864**, mês de setembro, foi publicado o artigo “Influência da música sobre os criminosos, os loucos e os idiotas”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

De todos os tempos, **reconheceu-se à música uma influência salutar para o abrandamento dos costumes; a sua introdução entre os criminosos seria um progresso incontestável e não poderia ter senão resultados satisfatórios; ela comove as fibras entorpecidas da sensibilidade, e as predispõe a receber as impressões morais.** Mas isto é suficiente? Não; é um

trabalho sobre um terreno inculto, que é preciso semear de ideias próprias a fazerem, sobre essas naturezas desencaminhadas uma profunda impressão. **É preciso falar à alma depois de ter amolecido o coração.** O que lhes falta é a fé em Deus, em sua alma e no futuro; não uma fé vaga, incerta, incessantemente combatida pela dúvida, mas uma fé fundada sobre a certeza, a única que pode torná-la inabalável. **Sem dúvida, a música pode a isso predispor, mas ela não a dá. Por isso não é menos uma auxiliar que não é preciso negligenciar.** Essa tentativa e muitas outras, às quais a Humanidade e a civilização **não podem senão aplaudir, testemunham uma louvável solicitude para o moral dos condenados;** mas resta ainda alcançar o mal em sua raiz; um dia se reconhecerá toda a extensão que se pode tirar nas ideias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que elas operam sobre as naturezas em aparência as mais rebeldes. [...]. ⁽²¹³⁾

Ao sensibilizar as fibras do coração o dialogador terá “campo aberto” para, com base nos ensinamentos do Mestre Jesus e, conforme o caso, o conhecimento espírita, instruir o Espírito manifestante.

Na **Revista Espírita 1869**, mês de março, foi publicada uma mensagem intitulada “A música e as harmonias celestes”, datada de 17 de janeiro, assinada pelo Espírito do Maestro Rossini. Vejamos este trecho:

[...] Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado do que aquele que ela não pode penetrar; sua alma está mais apta a sentir; ela se desliga mais facilmente, e a harmonia a ajuda a se desligar; ela a transporta e lhe permite ver melhor o mundo moral. De onde é preciso concluir que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que leva a harmonia às almas, e que a harmonia as eleva e as engrandece.

A influência da música sobre a alma, sobre o seu progresso moral, é reconhecida por todo o mundo; mas a razão dessa influência é geralmente ignorada. Sua explicação está inteiramente neste fato: que a harmonia coloca a alma sob a força de um sentimento que a desmaterializa. Esse sentimento existe em um certo grau, mas ele se desenvolve sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que está privado desse sentimento a ele é levado

gradativamente; acaba ele também por se deixar penetrar e se deixar arrastar ao mundo ideal, onde ele esquece, por um instante, os grosseiros prazeres que prefere à divina harmonia. ⁽²¹⁴⁾

Eis aí a opinião de quem tem autoridade para falar:

Gioachino Antonio Rossini (1792-1868) foi um compositor erudito italiano, muito popular em seu tempo, que **criou 39 óperas, assim como diversos trabalhos para música sacra e música de câmara.** ⁽²¹⁵⁾

Certamente que, ao se falar em música, não se está recomendando as que têm caráter puramente “mundano”, vamos assim dizer. Por outro lado, deve-se evitar as que possam estimular a licenciosidade ou produzir exaltação dos instintos e à violência de qualquer tipo.

Recomendaríamos, se nos permite o caro leitor, preferencialmente, música instrumental estilo clássico ou de cunho religioso, próprias para harmonização de ambientes.

No capítulo XX – Aparições e materializações de Espíritos, da obra **No Invisível** (1903), Léon Denis, fala sobre o efeito da música e dos cantos nas reuniões mediúnicas dedicadas a esses fenômenos:

O estudo das forças em ação nesses fenômenos demonstra que **eficazes auxiliares podem ser a música e os cantos. Suas vibrações harmônicas facilitam a combinação dos fluidos.** Em sentido oposto, temos verificado a desfavorável influência da luz; esta produz um efeito dissolvente sobre os fluidos em elaboração e exige um emprego mais considerável de força psíquica. Daí a necessidade das sessões obscuras, pelo menos nas tentativas iniciais. ⁽²¹⁶⁾

Sabíamos que o ectoplasma é uma substância altamente sensível à luz, mas a novidade, que aqui se depara, é ver que também a música e o canto provocam efeitos positivos nele.

Em **No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada** (1931), o autor J. Arthur Findlay explica:

Nada concorre mais do que a música, para que as melhores condições se estabeleçam. As vibrações musicais embora sejam levadas pela atmosfera e não pelo éter **exercem indireta influência sobre as vibrações** que enviamos para o segundo; por isso é que **iniciamos as nossas sessões cantando**, acompanhados ao harmônio. [...]. ⁽²¹⁷⁾

Julgamos que esse efeito positivo da música não deve ficar restrito às reuniões específicas de materializações, pode ser algo genérico, valendo para todas aquelas em que ocorre algum fenômeno mediúnico, ainda que seja a simples psicografia ou psicofonia.

Em ***O Espírito e o Tempo*** (1964), o jornalista José Herculano Pires, pondera que:

[...] A fuga musical se consuma. **O espírito humano se liberta dos liames terrenos**, para alçar-se acima de si mesmo e projetar-se num futuro sem limites. **A música nos toca através dos sentidos, mas está além dos sentidos.** Embora os sons que a compõem pertençam ao domínio da percepção, **a harmonia que deles resulta e a emoção que**

provocam, a mensagem que traduzem, extravasam do concreto. **A música é sempre uma fuga ao real, sublimação, transcendência.** [...]. ⁽²¹⁸⁾

Fantástica a comparação de Herculano Pires ao dizer que “*o espírito humano se liberta dos liames terrenos*” por conta da música que “*nos toca através dos sentidos*”.

Em **O Que é Evangelização de Espíritos** (2005), a Equipe Eurípedes Barsanulfo, composta de vários Espíritos, no tópico “A música” do capítulo “Recursos utilizados pelo método da evangelização”, pontua que:

A música tem extraordinária função, provocar uma vibração diferente, atuando de forma ampla nos sentimentos. Desperta desejos, sentimentos que se mesclam, deixando sempre sinais no contexto íntimo do Ser.

A música na Casa Espírita **precisa trazer harmonia e jamais excitações**, que em nada contribuiria com o bem-estar dos que a ouvem.

A música alcança as mais íntimas

estruturas do pensamento, sendo seu alcance maior do que o da palavra. ⁽²¹⁹⁾

Corroborar-se, portanto, a plena eficácia da música.

Em junho de 2019, publicou-se no site da Federação Espírita do Distrito Federal (FEDF) o artigo **“Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações”**, no qual Fabiana Menezes, coordenadora do Coral Unicanto, de Londrina (PR), foi muito feliz ao afirmar:

“A música tem esta capacidade de influenciar no campo vibracional das pessoas, por isto, ela tem demasiada importância nas Casas Espíritas, pois além de elevar a vibração do ambiente, o que oferece suporte para a atuação dos benfeitores espirituais, ela também sensibiliza os corações para que estes possam receber a mensagem do Cristo, reforçada pelo Espiritismo.” ⁽²²⁰⁾

Ainda que a música terrestre não tenha o esplendor da celestial, os Espíritos vulgares acabam

por se sensibilizarem, algo como “amolecer o coração”, quando a ouvem.

12. Poder-se-ia, pois, considerar a pessoa obsidiada um médium?

Essa é uma dúvida que surge, algumas vezes, entre os adeptos do Espiritismo. Para um grupo de confrades, o obsidiado não seria propriamente um médium. É o que propomos elucidar nesse capítulo.

No capítulo III – A obsessão segundo Kardec da obra ***A Obsessão e Seu Tratamento Espírita*** (1982), o escritor e jornalista Celso Martins, apoiando-se em Allan Kardec, apresenta várias causas que podem desencadear uma obsessão, das quais destacamos o item D:

Obsessão decorrente da eclosão das faculdades mediúnicas e o médium, por razões pessoais, se nega a aceitar o fato que se impõe. **Não educando o seu mediunismo, não sabendo como controlá-lo, como canalizá-lo para o bem comum, acaba, o médium inexperiente, nas malhas das influências negativas de entidades malfazejas.** A mediunidade, não raro,

constitui oportunidade de resgatar velhas dívidas, recurso oferecido pela Misericórdia de Deus para que a criatura faça o Bem ao semelhante, quitando-se de débitos anteriores. [...]. ⁽²²¹⁾

O que o jornalista Celso Martins expõe é algo que, pessoalmente, vivenciamos na prática, quando ainda residíamos no interior das Minas Gerais.

Mas a questão é: na codificação poderia ser encontrado algum apoio para sustentar que o obsidiado seja, de fato, um médium? Acreditamos que sim.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro Allan Kardec publica o primeiro artigo intitulado “Estudo sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”. Dele destacamos este trecho:

[...] **A ação dos Espíritos**, bons ou maus, é, pois, espontânea; a dos **maus produz uma multidão de perturbações na economia moral e mesmo física** que, por ignorância da causa verdadeira, se atribuíam a causas errôneas. **O maus Espíritos são os inimigos invisíveis,**

tanto mais perigosos quanto não se suponha a sua ação. O Espiritismo, pondo-os a descoberto, vem revelar uma nova causa a certos males da Humanidade; conhecida a causa, não se procurará mais combater o mal por meios que, doravante, se sabe inúteis, procurar-se-ão os mais eficazes. Ora, o que foi que fez descobrir essa causa? A mediunidade; **foi pela mediunidade que esses inimigos ocultos traíram sua presença;** ela fez para eles o que o microscópio fez para os infinitamente pequenos: revelou todo um mundo. [...] Uma vez reconhecida a ação do mundo invisível, ter-se-á a chave de uma multidão de fenômenos incompreendidos, e a ciência, enriquecida dessa nova lei, verá se abrir diante dela novos horizontes. [...].

Antes de falar do remédio, expliquemos um fato que embaraça muitos Espíritas, sobretudo **no caso de obsessão simples,** quer dizer, naqueles, muito frequentes, **em que o médium não pode se desembaraçar de um mau Espírito** que se comunica, obstinadamente, a ele pela escrita ou pela audição; [...].

Reportemo-nos ao que dissemos, em começando, da maneira pela qual **o Espírito age, e imaginemos um médium envolvido, penetrado pelo fluido perispiritual de um mau Espírito; para que o de um bom possa agir sobre o médium é preciso que penetre esse**

envoltório, e sabe-se que a luz penetra dificilmente um espesso nevoeiro. Segundo o grau de obsessão, esse nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, conseqüentemente, mais ou menos fácil de dissipar. ⁽²²²⁾

Ao discorrer sobre a obsessão simples o Codificador refere-se à vítima como médium, mas essa condição ficará ainda mais clara nas próximas transcrições.

O 2º artigo “Estudos sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, foi publicado na **Revista Espírita 1863**, no mês de janeiro. Ressaltaremos o seguinte trecho:

[...] **A ação do mundo invisível, estando na ordem das coisas naturais, se exerce sobre o homem**, abstração feita de todo conhecimento espírita; a ela se está submetido como se o está à influência da eletricidade atmosférica, sem saber a física, como estar doente, sem saber a medicina. Ora, do mesmo modo que a física nos ensina a causa de certos fenômenos, e a medicina a causa de certas doenças, **o estudo da ciência espírita nos ensina a causa dos**

fenômenos devidos às influências ocultas do mundo invisível, e nos explica o que, sem ela, nos parecia inexplicável. **A mediunidade é o meio direto de observação - que se nos permita esta comparação - é o instrumento de laboratório pelo qual a ação do mundo invisível se traduz de maneira patente;** e, pela facilidade que nos dá de repetir as experiências, nos permite estudar o modo e as nuances dessa ação; foi do estudo e das observações que nasceu a ciência espírita.

Todo indivíduo que sofre, de um modo qualquer, a influência dos Espíritos é, por isso mesmo, médium; mas é pela mediunidade efetiva, consciente e facultativa, que se chega a constatar a existência do mundo invisível, e pela diversidade das manifestações obtidas ou provocadas, que se pôde esclarecer sobre a qualidade dos seres que a compõem, e sobre o papel que eles desempenham na Natureza; o médium fez pelo mundo invisível o que o microscópio fez pelo mundo dos infinitamente pequenos. ⁽²²³⁾

Se todo indivíduo que sofre a influência dos Espíritos é médium, então não nos resta alternativa senão a ter o obsidiado como tal.

Na **Revista Espírita 1863**, mês de fevereiro,

vamos encontrar o 3º artigo intitulado “Estudo sobre os possessos de Morzine – As causas da obsessão e os meios de combatê-la”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

[...] **No médium subjugado**, o Espírito, tomando de alguma sorte o corpo de um terceiro para agir, exprime seus pensamentos, não mais pela escrita, mas pelos gestos e pelas palavras que provoca no médium; ora, **como todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão medianímica, pode-se dizer que a mulher da qual se acaba de falar é um médium espontâneo e involuntário.** [...]. ⁽²²⁴⁾

O Codificador reportando ao caso relatado por um correspondente de Boulognesur-Mer sobre “*A mulher de um marinheiro desta cidade, com a idade de quarenta e cinco anos, está desde os quinze sobe o domínio de uma triste subjugação.*” concluiu que “*todo fenômeno espírita não pode se produzir sem uma aptidão medianímica*”, conseqüentemente, qualquer pessoa que venha a passar pela dolorosa experiência da obsessão é médium, ainda que não

tenha consciência disso e que os outros não o vejam como tal.

No 5º e último artigo “Estudo sobre os possessos de Morzine”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de maio, lemos:

Está na natureza desses Espíritos o serem antipáticos à religião, porque lhe temem poder, como os criminosos são antipáticos à lei e aos juízes que os condenam, e **exprimem esses sentimentos pela boca de suas vítimas, verdadeiros médiuns inconscientes** que estão estritamente na verdade quando dizem não ser senão ecos; o paciente está reduzido a um estado passivo; está na situação de um homem abatido por um inimigo mais forte, que o constrange a fazer a sua vontade; o *eu* do Espírito estranho neutraliza momentaneamente o *eu* pessoal; há subjugação obsessional e não possessão.

Que absurdo! dirão certos doutores. Absurdo, tanto que quereis, mas que não é menos hoje tido por uma verdade por um grande número de médicos. **Um tempo virá, menos distante do que se pensa, em que, a ação do mundo invisível sendo geralmente reconhecida, a influência dos maus Espíritos será alinhada entre as causas patológicas;**

será levado em conta o papel importante que o perispírito desempenha na fisiologia, e um novo caminho de cura será aberto para uma multidão de doenças reputadas incuráveis. ⁽²²⁵⁾ (itálico do original)

Allan Kardec ainda não havia se convencido da real possibilidade da possessão, mas em dezembro diante do caso da Srta. Julie, se renderá a essa verdade, uma vez que para ele, os fatos são argumentos irrefutáveis. Dizendo que os possessos de Morzine “*são verdadeiros médiuns inconscientes*” corrobora o que havia dito no 3º artigo. Além disso, demonstra forte esperança de que no futuro os médicos reconhecerão como causa patológica a influência dos maus Espíritos sobre as pessoas.

13. Conclusão

Concluimos, então, que, conforme tudo o que nos foi possível encontrar nas obras da Codificação, as reuniões mediúnicas de orientação ou esclarecimento de Espíritos sofredores (imperfeitos) é uma missão nossa, que deve ser levada a efeito em reuniões específicas.

A nosso ver, elas não devem ser de caráter público, mas realizadas na intimidade que esses casos requerem e para que também ocorra dentro de uma privacidade que os Espíritos manifestantes merecem.

Certamente surgirá a natural pergunta: se os Espíritos sofredores só recebem ajuda numa reunião mediúnica, e o que acontece com os que nela não se manifestam? A resposta a essa oportuna pergunta nós a encontraremos na **Revista Espírita 1860**, mês de fevereiro, artigo “História de um condenado”, no qual, após o último diálogo com o Espírito de Castelnauary ⁽²²⁶⁾, Allan Kardec acrescenta a

seguinte nota:

Esta evocação não foi o fato do acaso; como deveria ela ser útil a esse infeliz, **os Espíritos que velam por ele**, vendo que começava a compreender a enormidade de seus crimes, **julgaram que o momento chegara para lhe dar um socorro eficaz**, e foi então que prepararam as circunstâncias propícias. É um fato que vimos se produzir muitas vezes.

Pergunta-se a esse respeito, **o que lhe teria advindo se não houvesse sido evocado**, e o que ocorre com todos os Espíritos sofredores que não o podem ser, ou nos quais não se pensa. A isso é respondido que **os caminhos de Deus, para a salvação de suas criaturas, são inumeráveis; a evocação pode ser um meio de assisti-los, mas certamente não é o único; e Deus não deixa ninguém no esquecimento**. Aliás, as preces coletivas devem também ter, sobre os Espíritos acessíveis ao arrependimento, sua parte de influência. ⁽²²⁷⁾

Portanto, nenhum Espírito fica desamparado, Deus, em seu infinito amor, jamais deixará de auxiliar um filho transviado. Os que, por variados motivos, não forem ajudados em reunião mediúnica,

serão por outros meios, pois, como muito bem disse o Codificador *“Deus não deixa ninguém no esquecimento”*.

Sendo uma missão nossa, ou seja, dos encarnados, julgamos que as casas espíritas devem envidar todos os esforços possíveis para instituírem essas reuniões para bem cumprirem essa missão. Segundo as palavras de Allan Kardec, a cada caso resolvido se terá *“a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito”* ⁽²²⁸⁾.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém***. São Paulo: Paulus, 2002.
- AMUI, A. B. F. ***O Que é Evangelização de Espíritos***. Sacramento (MG): Editora Esperança e Caridade, 2021.
- BARBOSA, E. ***No Mundo de Chico Xavier***. Araras (SP): IDE, 1992.
- BOZZANO, E. ***A Crise da Morte***. São Paulo: Maltese, 1991.
- CARNEIRO, A. (org), ***No Limiar do Amanhã: Lições de Espiritismo com Herculano Pires***. São Paulo: Editora Camille Flammarion, 2001.
- DENIS, L. ***Depois da Morte***. Rio de Janeiro: CELD, 2000.
- DENIS, L. ***No Invisível***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FEESP – Federação Espírita do Estado de São Paulo. ***Curso Básico de Espiritismo, 1º ano***. (PDF) São Paulo: FEESP, 2011.
- FINDLAY, J. A. ***No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada***. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- FRANCO, D. P. e TEIXEIRA, J. R. ***Diretrizes de Segurança***. Niterói (RJ): Editora Frater, 1990.
- FREIRE, A. J. ***Da Alma Humana***. 2ª edição. Rio de Janeiro: FEB, s/d.
- GERMINHASI, R. S. ***Luz Bendita***. São Paulo: Ideal, 1992.

- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***A Gênese***. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. ***Obras Póstumas***. Rio de Janeiro: FEB 2006.
- KARDEC, A. ***O Céu e o Inferno***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***.
Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. ***O Que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1859***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1860***. Sobradinho (DF): EDICEL, 2011.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1863***. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. (PDF) Brasília: FEB, 2008.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867** (PDF). Brasília: FEB, 2008
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Catanduva (SP): Edicel, 2019.
- KARDEC, A. **Viagem Espírita em 1862**. Matão (SP): O Clarim, 2000.
- LHOMME, J. **O Fenômeno das Mesas Falantes**. 2ª edição Rio de Janeiro: Editora Eco, s/d.
- MARTINS, C. **A Obsessão e Seu Tratamento Espírita**. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PIRES, J. H. **O Centro Espírita** (PDF). São Paulo: Paideia, 2000.
- PIRES, J. H. **O Espírito e o Tempo**. São Paulo: Paideia, 2003.
- PIRES, J. H. **O Finito e o Infinito**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- PIRES, J. H. **Obsessão, o Passe, a Doutrinação**. São Paulo: Paideia, 2009.

- SANTOS JUNIOR, J. **Mensagens de Além-túmulo**.
Sacramento (MG): Ed. Esperança e Caridade e Colégio Allan Kardec, 2019.
- SCHUBERT, C. S. **Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espíritas**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- TEXEIRA, J. R. **Quando a Vida Responde**. Niterói (RJ): Editora Fráter, 2010.
- UEM, **Chico Xavier, Mandato de Amor**. Belo Horizonte: União Espírita Mineira, 1993.
- VIEIRA, W. **Conduta Espírita**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. **O Consolador**. Rio de Janeiro: FEB, 1986.
- XAVIER, F. C. PIRES, J. H. e ESPÍRITOS DIVERSOS, **Diálogo dos Vivos**. São Bernardo do Campo (SP): GEEM, 2011.
- XAVIER, F. C. e VIEIRA, W. **Desobsessão**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Internet:

- BBC NEWS BRASIL: Veiga, E., *Chico Xavier: o médium filho de analfabetos que vendeu 50 milhões de livros*, disponível:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61975677#:~:text=O%20filho%20de%20um%20vendedor,sempre%20foi%20atribu%C3%ADda%20a%20esp%C3%ADritos>. Acesso em: 17 ago. 2023.
- CENTRO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, *A reforma psiquiátrica brasileira e a política de saúde mental*, disponível em:
<http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/vpc/reforma.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

- FILMES – *E o vento levou* e *Ghost*, disponível em:
<https://i.pinimg.com/736x/14/99/7d/14997dff9df64a5c914e422e9817cb90.jpg> e
https://http2.mlstatic.com/D_NQ_NP_2X_931886-MLB30873955123_052019-F.webp. Acesso em: 13 out. 2021.
- MACHADO, D. *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, disponível em:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>. Acesso em: 25 out. 2022.
- MENEZES, F. In. *Quando arte e mediunidade se convergem para socorrer, amparar e sensibilizar corações*, disponível em:
<https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>. Acesso em: 22 mar. 2021.
- OLIVEIRA, R. B. *Magnetização mental*, disponível em:
<https://omedium.amejf.org.br/2021/07/14/magnetizacao-mental/>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- OLIVEIRA FILHO, A. O. *20 Lições Sobre Mediunidade*. Londrina: EVOC, 2020, disponível em:
http://www.oconsolador.com.br/editora/51a100/20_Licoes_sobre_Mediunidade.htm. Acesso em: 12 jan. 2024.
- PENSADOR, *Alfred de Musset*, disponível em:
https://www.pensador.com/autor/alfred_de_musset/. Acesso em: 11 jul. 2023.
- PESQUISA, *O pesquisador*, disponível em:
<https://thumbs.dreamstime.com/b/pesquisador-1847315.jpg>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PLANTA, *Casa espírita*, disponível em:

<https://th.bing.com/th/id/R.08f517aa588933ba28e89a7f69467d03?rik=iye0SRBuG9IBVA&riu=http%3a%2f%2fwww.barralife.com%2fsite%2fwp-content%2fuploads%2f2016%2f08%2fsala-de-reunioes.png&ehk=r9ty8pz%2fwSj%2fYj5XHT7ltEZlh%2b%2b%2fI0yy3VbV2HwKXsE%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>. Acesso em: 16 nov. 2021.

PROJETO ALLAN KARDEC, *Solidariedade entre os Espíritos e os homens – Educação dos Espíritos* (manuscrito de 09.07.1861), disponível em:

<https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=267>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Espíritos Superiores e o Nosso Livre-arbítrio*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/espíritos-superiores-e-o-nosso-livre-arbitrio-os-ebook>. Acesso em: 19 jul. 2024.

WICKLAND, C. A. *Trinta Anos Entre os Mortos*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland>. Acesso em: 25 out. 2022.

WIKIPÉDIA, *Rossini*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Gioachino_Rossini. Acesso em: 04 mai. 2021.

Imagens:

Capa: https://images.wsj.net/im-654774/?width=700&size=1.5&pixel_ratio=1.5. Acesso em: 28 mai. 2023.

Concentrar no estudo, disponível em:

<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2020/03/estudos.jpg>. Acesso em: 09 jan. 2024.

Consumo excessivo de bebidas alcoólicas (Portal da Saúde), disponível em:

<https://saude.mpu.mp.br/imagens/noticias/consumoexcessivoalcool.jpg/@images/b08bfc73-6afc-4077-8a60-3b52ec4caafe.jpeg>. Acesso em: 24 jan. 2024.

ESPITIRINHAS, 366 – *Eu fiz o tratamento*, disponível em:

https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhOuihjSTv08eK-H8_5HJ8S4NQZfGPSHbUfUjvm2O2J0yZPGpmqs6VBcc2svlZylzxRnw4V97ui006OPtgxIAerLBFUjt6V1AXQnlaAYQEvGgay7pSQBprQIONyKxy1HYPZ_7I9hFkeddDD/w640-h214/366-fiz-o-tratamento.png. Acesso em: 12 mar. 2024.

Grupo Meimei:

<http://www.jornaloimortal.com.br/Public/Blog/7534a4f5-563e-4da1-b387-fb25808f6f0a.jpg>. Acesso em: 03 out. 2021.

Obsessão – Influência de Espíritos inferiores – alcoolismo:

<http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/11/mesa-de-bar.png>. Acesso em: 28 out. 2022.

Planta, Sala de reuniões públicas na casa espírita, baixado da WEB, link não funciona mais.

Reunião mediúnica:

http://www.ceakitajuba.org.br/sites/default/files/languages/atendimento_reuniaomed.jpg. Acesso em: 06 jun. 2015.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web, entre eles, **O Consolador** (www.oconsolador.com.br).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina* e 9) *Perispírito: Provas Científicas de Ser o Molde do Corpo Físico*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 16) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 17) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 18) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 19) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 20) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 21) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 22) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 23) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 24) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 25) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 26) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 27) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 28) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 29) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 30) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; 31) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*; 32) *Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou* e 33) *A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e complementa a Codificação Espírita.*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 Pesquisa, *O pesquisador*, link:
<https://thumbs.dreamstime.com/b/pesquisador-1847315.jpg>
- 2 PIRES, *Obsessão, o Passe, a Doutrinação*, p. 71-72.
- 3 CARNEIRO (org), *No Limiar do Amanhã: Lições de Espiritismo com Herculano Pires*, p. 7.
- 4 FEESP, *Curso Básico de Espiritismo*, 1º ano, p. 50.
- 5 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 359.
- 6 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 238.
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 149-150.
- 9 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 231.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 282.
- 12 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 273.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 274.
- 14 DENIS, *Depois da Morte*, p. 344-345.
- 15 DENIS, *Depois da Morte*, p. 351-352.
- 16 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 51-52.
- 17 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 56-57.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 210
- 19 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 212-213.
- 20 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 259-260.
- 21 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 286.
- 22 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, link:
<https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>

- 23 WICKLAND, *Trinta Anos Entre os Mortos*, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/365376956/Trinta-Anos-Entre-Os-Mortos-Carl-a-Wickland>. p. 35.
- 24 MACHADO, *Cientistas e Experiências Mediúnicas – Carl August Wickland*, link: <https://www.correioespirita.org.br/secoes-do-jornal/biografias/1837-cientistas-e-experiencias-mediunicas-carl-august-wickland>
- 25 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 183-184.
- 26 DENIS, *No Invisível*, p. 252-253.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 91.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 230-231.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 13-14.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 18.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, FEB, p. 70.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 169-170.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 42.
- 34 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 243.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 36 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 270.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita* 1868, p. 90.
- 39 ESPITIRINHAS, 366 – *Eu fiz o tratamento*, link: https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhOuihjSTv08eK-H8_5HJ8S4NQZfGPSHbUfUjvm2O2J0yZPGpmqs6VBcc2svlZylzxRnw4V97ui006OPTgxIAerLBFUjt6V1AXQnlaAYQEvGgay7pSQBprQIONyKxy1HYPZ_7l9hFkeddDD/w640-h214/366-fiz-o-tratamento.png
- 40 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 362.
- 41 Planta, Sala de reuniões públicas na casa espírita, baixado da WEB, link não funciona mais.

- 42 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 198.
- 43 OLIVEIRA, *Magnetização mental*, disponível em: <https://omedium.amejf.org.br/2021/07/14/magnetizacao-mental/>
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 6.
- 45 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 6.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 70.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 17.
- 48 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 174-177.
- 50 Consumo excessivo de bebidas alcoólicas (Portal da Saúde), disponível em: <https://saude.mpu.mp.br/imagens/noticias/consumoexcessivoalcool.jpg/@images/b08bfc73-6afc-4077-8a60-3b52ec4caafe.jpeg>
- 51 XAVIER, PIRES E ESPÍRITOS DIVERSOS, *Diálogo dos Vivos*, p. 34-35.
- 52 XAVIER, PIRES E ESPÍRITOS DIVERSOS, *Diálogo dos Vivos*, p. 222-223.
- 53 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265.
- 54 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 370.
- 55 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 56 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 265.
- 57 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 238, p. 260.
- 58 LUZ DO ESPIRITISMO, *Influência de Espíritos inferiores – alcoolismo*, disponível em: <http://luzdoespiritismo.com/wp-content/uploads/2013/11/mesa-de-bar.png>
- 59 TEIXEIRA, *Quando a Vida Responde*, p. 100-101.
- 60 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 102.
- 61 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 149.

- 62 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 414.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 7.
- 64 Concentrar no estudo, disponível em:
<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/391/2020/03/estudos.jpg>
- 65 PIRES, *O Finito e o Infinito*, p. 78.
- 66 UEM, *Chico Xavier, Mandato de Amor*, p. 205.
- 67 BBC NEWS BRASIL: Veiga, *Chico Xavier: o médium filho de analfabetos que vendeu 50 milhões de livros*, disponível:
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61975677#:~:text=O%20filho%20de%20um%20vendedor,sempre%20foi%20atribu%C3%ADda%20a%20esp%C3%ADritos.>
- 68 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 353.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 231-232.
- 70 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 364.
- 71 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 301.
- 72 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 187.
- 73 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 308.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 354-357.
- 75 Nota de Allan Kardec: Conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança, numa casa particular, porque era espírita sincero. Entenderam que as suas crenças eram garantia de sua moralidade.
- 76 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 400-401.
- 77 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 36.
- 78 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 263-264.
- 79 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 264-265.
- 80 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 188.
- 81 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 80-81.

- 82 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 84-85.
- 83 PIRES, *O Finito e o Infinito*, p. 78.
- 84 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 115.
- 85 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 325.
- 86 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 364-365.
- 87 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 141.
- 88 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 240-241.
- 89 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 227.
- 90 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 356-357.
- 91 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 361-362.
- 92 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 141-142.
- 93 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 146.
- 94 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 129-131.
- 95 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, Segunda Parte, cap. XXVI, item 291, q. 18, p. 329.
- 96 DENIS, *Depois da Morte*, p. 312.
- 97 FREIRE, *Da Alma Humana*, p. 132-133.
- 98 KARDEC, *A Gênese*, cap. II – Deus, item 24, p. 55.
- 99 KARDEC, *A Gênese*, p. 244.
- 100 SANTOS JUNIOR, *Mensagens de Além-túmulo*, p. 23-24.
- 101 KARDEC, *Revista Espírita 1867 – FEB*, p. 250.
- 102 KARDEC, *Revista Espírita 1867 – FEB*, p. 253-254.
- 103 KARDEC, *Revista Espírita 1867 – FEB*, p. 254.
- 104 KARDEC, *Revista Espírita 1867 – FEB*, p. 273.
- 105 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 214-215.
- 106 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 307.
- 107 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 308.

- 108 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 365.
- 109 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 365.
- 110 PIRES, *O Centro Espírita*, p. 66-67.
- 111 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 182.
- 112 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 374.
- 113 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 299.
- 114 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 63.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 346-347.
- 116 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 227-228.
- 117 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 109.
- 118 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 110-112.
- 119 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 137-138.
- 120 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 84-85.
- 121 Alfred de Musset (1810-1857) foi um dramaturgo, poeta e romancista francês do período do Romantismo. (fonte: https://www.pensador.com/autor/alfred_de_musset/)
- 122 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 191-192.
- 123 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 221-222.
- 124 FRANCO e TEIXEIRA, *Diretrizes de Segurança*, p. 45.
- 125 FRANCO e TEIXEIRA, *Diretrizes de Segurança*, p. 53.
- 126 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 153.
- 127 SANTOS JUNIOR, *Mensagens de Além-túmulo*, p. 52-54.
- 128 XAVIER E VIEIRA, *Desobsessão*, p. 21-22.
- 129 XAVIER E VIEIRA, *Desobsessão*, p. 25-26.
- 130 XAVIER E VIEIRA, *Desobsessão*, p. 29-30.
- 131 XAVIER E VIEIRA, *Desobsessão*, p. 33-34.
- 132 KARDEC, *Viagem Espírita em 1862*, p. 110.
- 133 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 57.

- 134 XAVIER e VIEIRA, *Desobsessão*, p. 201-202.
- 135 GERMINHASI, *Luz Bendita*, 78-79.
- 136 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 110.
- 137 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 149.
- 138 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 151.
- 139 XAVIER, *O Consolador*, p. 207.
- 140 XAVIER, *O Consolador*, p. 207.
- 141 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 276.
- 142 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 276.
- 143 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.
- 144 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 277.
- 145 VIEIRA, *Conduta Espírita*, p. 93.
- 146 BARBOSA, *No Mundo de Chico Xavier*, p. 69.
- 147 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 295-296.
- 148 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296.
- 149 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 296.
- 150 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 151 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 300.
- 152 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.
- 153 KARDEC, *A Gênese*, CELD, p. 352.
- 154 “No século XIX, o tratamento ao doente mental incluía medidas físicas como duchas, banhos frios, chicotadas, máquinas giratórias e sangrias.”, link: <http://www.ccs.saude.gov.br/memoria%20da%20loucura/vpc/reforma.html>
- 155 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 41-42.
- 156 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 96.
- 157 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 269.
- 158 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 270.

- 159 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, FEB, p. 40.
- 160 O *Projeto Allan Kardec* é fruto de um convênio entre a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e a Fundação Espírita André Luiz (FEAL), cujo objetivo é permitir o acesso público a centenas de manuscritos originais de Allan Kardec, que não haviam sido divulgados.
- 161 PROJETO ALLAN KARDEC, *Solidariedade entre os Espíritos e os homens – Educação dos Espíritos* (manuscrito de 09.07.1861), link:
<https://projetokardec.ufjf.br/item-pt?id=267>
- 162 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 16-17.
- 163 FREIRE, *Da Alma Humana*, p. 131.
- 164 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, FEB, p. 40.
- 165 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 169.
- 166 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 333.
- 167 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 343.
- 168 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 7-8.
- 169 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 38-39.
- 170 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 176.
- 171 KARDEC, *Revista Espírita* 1869 – *Edicel*, p. 41-42.
- 172 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 238-239.
- 173 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 239.
- 174 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Espíritos Superiores e o Nosso Livre-arbítrio*, link:
<https://paulosnetos.net/article/espíritos-superiores-e-o-nosso-livre-arbitrio-os-ebook>
- 175 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 305-306.
- 176 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 306.
- 177 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 308.
- 178 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 317.

- 179 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 331.
- 180 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 132.
- 181 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 191.
- 182 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 179.
- 183 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 387.
- 184 DENIS, *No Invisível*, p. 253.
- 185 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 239.
- 186 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 103.
- 187 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 130.
- 188 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 329-330.
- 189 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 331.
- 190 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 174.
- 191 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 379.
- 192 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 193 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 326-327.
- 194 LHOMME, *O Fenômeno das Mesas Falantes*, p. 39-40.
- 195 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 139.
- 196 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 8.
- 197 N.T.: Alguns comunicantes pensam encontrar-se em um julgamento e temem os participantes da reunião. Cumpre evidenciar ao comunicante que ele não está sendo julgado. Para tanto se faz mister que as nossas atitudes sejam sempre a do irmão que procura socorrer e esclarecer, porque sebe e sente em si mesmo as necessidades daquele que sofre.
- 198 SCHUBERT, *Obsessão/Desobsessão: Profilaxia e Terapêutica Espíritas*, p. 141-142.
- 199 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 26.
- 200 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 27.
- 201 AMUI, *O Que é Evangelização dos Espíritos*, p. 27.

- 202 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 173.
- 203 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 5.
- 204 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 268.
- 205 N.T.: Veja-se *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII, Obsessão; *Revista Espírita*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.
- 206 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 372.
- 207 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 269.
- 208 DENIS, *Depois da Morte*, p. 352.
- 209 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 302.
- 210 Filmes – E o vento levou e Ghost, link:
<https://i.pinimg.com/736x/14/99/7d/14997dff9df64a5c914e422e9817cb90.jpg> e
https://http2.mlstatic.com/D_NQ_NP_2X_931886-MLB30873955123_052019-F.webp
- 211 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 159.
- 212 *Bíblia de Jerusalém*, p. 412.
- 213 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 261-262.
- 214 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 92-93.
- 215 WIKIPÉDIA, *Rossini*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Gioachino_Rossini
- 216 DENIS, *No Invisível*, p. 312.
- 217 FINDLAY, *No Limiar do Etéreo ou Sobrevivência à Morte Cientificamente Explicada*, p. 84-85.
- 218 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 63.
- 219 AMUI, *O Que é Evangelização do Espírito*, p. 45.
- 220 Link: <https://www.fedf.org.br/Noticias/quando-arte-e-mediunidade-se-convergem-para-socorrer-amparar-e-sensibilizar-coracoes>
- 221 MARTINS, *A Obsessão e Seu Tratamento Espírita*, p. 84.
- 222 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 358-359.

- 223 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 2-3.
- 224 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 36.
- 225 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 139.
- 226 Esta foi a designação adotada para o Espírito que provocava fenômenos de efeitos físicos (ruídos) numa pequena casa perto de Castelnau-d'Aud.
- 227 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 60-61.
- 228 KARDEC, *A Gênese*, p. 259.